UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA

FACULDADE DE LETRAS

LUIZ EDUARDO LAWALL

ITINERARIUM PEREGRINORUM ET GESTA REGIS RICARDI : INTRODUÇÃO, TRADUÇÃO E NOTAS

JUIZ DE FORA

2021

LUIZ EDUARDO LAWALL

ITINERARIUM PEREGRINORUM ET GESTA REGIS RICARDI : INTRODUÇÃO, TRADUÇÃO E NOTAS

Monografia de Conclusão de Curso apresentada ao curso de Letras- Latim da Universidade Federal de Juiz de Fora para a obtenção do grau de Bacharelado.

Orientadora : Carol Martins da Rocha

JUIZ DE FORA

2021

Ao monsenhor Falabella, (in memoriam), pelo papel que teve na minha vida.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais,

por todo o apoio e encorajamento.

Ao padre Braz,

por me incentivar a gostar de latim.

A todos os professores da área de Estudos Clássicos,

por todo o conhecimento transmitido.

À professora Carol,

Por toda a ajuda e paciência na orientação deste trabalho.

RESUMO

Esse trabalho tem como objetivo apresentar uma tradução de trechos selecionados do *Itinerarium Peregrinorum et Gesta Regis Ricardi*. Trata-se de uma das mais completas narrativas da Terceira Cruzada, escrita entre o final do século XII e início do século XIII d.C.. Essa gesta apresenta um relato detalhado da cruzada empreendida por Ricardo Coração de Leão e de eventos que levaram à sua realização e que influenciaram o seu curso. Sua relevância do ponto de vista histórico - dada pelo fato de que conta esse evento não só com riqueza de detalhes, mas também apresenta elementos políticos significantes que influenciaram a formação de outros países da Europa – é frequentemente reconhecida. Mas seu texto, escrito em latim, ainda não foi amplamente apreciado dada a ausência de uma tradução para o português. Ao reconhecer a grande relevância deste texto para a área de Estudos Clássicos, que encontra também no período medieval a produção de um vastíssimo acervo em latim, este trabalho busca apresentar ao público a obra latina poduzida nesse período, oferecendo o acesso a uma delas em uma tradução para o português, acompanhada de notas e antecedida por um estudo sobre o período de sua produção.

Palavras-chave: Ricardo, *Itinerarium Peregrinorum*, Ricardo da Santíssima Trindade, Cruzada.

ABSTRACT

This paper presents a translation of selected passages of the Itinerarium Peregrinorum et Gesta Regis Ricardi. This work is one of the most complete accounts about the Third Crusade, written at the end of the 12th century and beginning of the 13th century A.D. This chronicle offers a detailed account of the Crusade undertaken by Richard Lionheart and the events that had led to its execution and affected its course. Two characters of this Gesta corroborates its relevance from a historical point of view. On one hand, this work gives a rich account of the Third Crusade events. On the other hand, it deals with notable political elements that had an impact on the constitution of other countries in Europe. Nevertheless, given the absence of a translation to Brazilian Portuguese, the Itinerarium has not yet been broadly valued in many fields of study in Brazil. Recognizing the great relevance of this text to Classical Studies – which also deals with a great collection of texts in Latin produced in the Middle Ages –, this paper seeks to offer a sample of the Latin work produced in that period. This way, this essay has two parts. A translation of selected passages of this Gesta to the Brazilian Portuguese, along with notes is preceded by an introduction about the period of its production.

Keywords : Richard, *Itinerarium Peregrinorum, Richard of Holy Trinity, Crusade.*

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO 8
2. TINERARIUM: CONTEXTUALIZAÇÃO 11
2.2. A HISTÓRIA DAS CRUZADAS 11
2.3. A TERCEIRA CRUZADA 17
2.3.1. A QUEDA DE JERUSALÉM 17
2.3.2. A ASCENSÃO DE RICARDO 18
2.3.3FREDERICO BARBAROSSA 19
2.3.4. O INÍCIO DA CRUZADA 19
2.3.5. A CRUZADA NA PALESTINA 23
2.3.6. O FIM DA CRUZADA 30
3. A AUTORIA DO ITINERARIUM 30
4. SOBRE A TRADUÇÃO 36
5. TRADUÇÃO 40
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS 129
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS: 131

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Mapa presente em *Chronicle of the Third Crusade* : A Translation of the Itinerarium Peregrinorum et Gesta Regis Ricardi. p 24.

Figura 2- Mapa presente em *Chronicle of the Third Crusade* : A Translation of the Itinerarium Peregrinorum et Gesta Regis Ricardi. p 140-141.

Figura 3- Primeira página do manuscrito da biblioteca de Cambridge.

1. INTRODUÇÃO

O *Itinerarium Peregrinorum et Gesta Regis Ricardi* é uma das mais importantes obras a respeito da Terceira Cruzada, fornecendo detalhes importantes sobre a vida de Ricardo I, principal comandante a liderar a expedição. A gesta é atribuída a Ricardo, cânon da Santíssima Trindade em Londres, conterrâneo do rei Ricardo, e traz informações a respeito de sua personalidade, seu caráter e de sua mentalidade estratégica, com um viés positivo. O texto foi escrito em latim entre os séculos XII e XIII d.C.. Sua escrita deve ter ocorrido durante a cruzada e também algum tempo depois de seu término, reunindo uma série de relatos e escritos de testemunhas oculares. Trata-se da narrativa mais completa dos acontecimentos da Terceira Cruzada de seu tempo, apresentando os eventos que levaram à sua realização, o seu curso, e a sua conclusão, sendo rica em detalhes.

Essa obra não é somente uma fonte muito informativa do ponto de vista histórico, mas é valiosa para a área de estudos clássicos, por ter sido escrita no idioma latino, juntando-se às muitas outras obras do período medieval que, sendo produzidas nessa mesma língua, preservaram o seu uso no ocidente europeu, e fornecem um amplo material de estudos para os acadêmicos e pesquisadores das áreas de história e línguas clássicas.

Não existem traduções desta obra para o português. Na verdade, os textos desse gênero, produzidos em grandes quantidades no período medieval, carecem de um maior interesse e pesquisa na área de estudos clássicos. Esse trabalho tem como objetivo apresentar mais uma produção latina do período em questão, chamando atenção para obras desse tipo.

Para realizar este trabalho, apoiamo-nos na edição crítica de William Stubbs (1864) do *Itinerarium*. Além disso, recorremos à tradução de Helen J. Nicholson (1997) para o inglês, baseada também na edição por nós selecionada. A edição de William Stubbs foi a escolhida por ser uma das obras mais completas sobre o *Itinerarium*, rica em comentários sobre datas, acontecimentos e informações sobre os personagens históricos presentes, com uma extensa introdução, que comenta a respeito da autoria e dos manuscritos existentes do *Itinerarium Peregrinorum*, fator importante para este trabalho. Além disso, é a versão dessa obra latina mais acessível ao público, também disponível no idioma inglês. A tradução de Nicholson foi escolhida por ter sido feita a partir da edição publicada por Stubbs, além de também conter fatos adicionais sobre personagens e eventos, e trazer em sua introdução uma concisa, mas informativa, discussão a respeito da autoria do manuscrito do *Itinerarium*, fornecendo elementos que complementam aqueles apresentados por Stubbs.

O presente trabalho foi elaborado a partir da escolha de determinados capítulos específicos da obra, com o objetivo de permitir que o leitor possa conhecer os principais fatores envolvidos na cruzada de Ricardo. Assim, escolhemos passagens que retratatam antecedentes da Cruzada, com a invasão e conquista do Reino de Jerusalém por Saladino, os eventos mais importantes do percurso, a convocação da cruzada, a coroação de Ricardo, a viagem pelo Mediterrâneo e as principais batalhas – o cerco de Acre, a batalha de Arsuf e de Jafa –, como o seu desfecho, com a partida de Ricardo para casa.A escolha por traduzir os capítulos que tratam desses eventos se baseou na ideia de que eles podem fornecer um panorama geral da Terceira Cruzada e dos fatos que influenciaram no seu resultado final.

Um resumo dos acontecimentos narrados nesta *Gesta* é o seguinte. Inicialmente, temos a invasão e conquista de Jerusalém por Saladino, com a destruição quase total das forças cristãs na batalha de Hattin. Tal acontecimento foi o motor que motivou a realização da Terceira Cruzada. Na sequência, narra-se a pregação da cruzada por Guilherme de Tiro, que colocou os reis da França e Inglaterra na liderança da expedição. A convocação de Frederico Barbarossa, imperador do Sacro Império Romano Germânico, reunira dezenas de milhares de alemães para atacar a Palestina, mas a sua morte no rio Saleph, na atual Turquia, fez com a expedição fosse dissolvida e que chegasse de fato ao objetivo apenas uma força muito reduzida da que partira do Sacro Império. A partir do cerco e conquista de Acre, os cruzados tinham um ponto estratégico que servia como refúgio e local de reabastecimento, mas a partida do rei da França, Felipe, enfraqueceria ainda mais o movimento. O principal combate em campo aberto, a batalha de Arsuf, com a vitória dos cristãos, motivou a estratégia que seria tomada por Saladino. Vendo o desempenho do exército inimigo, não tentaria destruir o exército cruzado nem gastaria esforços ou recursos na defesa de algumas de suas fortalezas, de modo que, destruíndo-as, dava aos cruzados locais precários para se estabelecerem, além do trabalho de repará-las. Assim, assediaria o exército com a cavalaria turca e obstruiria as rotas de suprimentos, impossibilitando o progresso dos cruzados. Diante dessa situação, por causa das intempéries e das privações e ataques sofridas pelos cruzados, por sugestão dos templários, hospitalários e cristãos nativos, o exército não ataca Jerusalém, que, ainda que conquistada, não poderia ser mantida. Por fim, a vitória de Ricardo em Jafa leva à sobrevivência do Reino de Jerusalém por mais muitas décadas.

Nos capítulos seguintes deste trabalho, visamos apresentar primeiramente o que é uma Cruzada, oferecendo o contexto histórico no qual surgiram, uma explicação da Terceira Cruzada, com base especialmente nos eventos que foram traduzidos nesse trabalho e um comentário sobre a vida de Ricardo I. Em seguida, trataremos mais especificamente do próprio

Itinerarium Peregrinorum, abordando a sua autoria e os seus manuscritos. Segue, então, um comentário à tradução e a própria tradução do texto latino para o português brasileiro.

2. ITINERARIUM : CONTEXTUALIZAÇÃO

Neste capítulo, apresentaremos um resumo a respeito dos principais acontecimentos históricos relativos à Terceira Cruzada, apresentando a série de eventos que levaram à sua realização, seu curso e sua conclusão, para fornecer ao leitor uma melhor compreensão do episódio tratado nesse trabalho e uma maior clareza na leitura da tradução. Para isso, foram consultadas diversas fontes históricas para a coleta das informações apresentadas nos subcapítulos seguintes.

2.1. A HISTÓRIA DAS CRUZADAS

As Cruzadas foram movimentos que eram tanto peregrinações quanto expedições militares. Tratava-se de um apelo, dirigido principalmente pelo papa, aos nobres, príncipes e reis cristãos com o objetivo de defender militarmente a sociedade cristã de perigos que a ameaçavam grandemente. Assim, eram chamados à defesa dos locais santos, herança do povo cristão, dos próprios cristãos que habitavam essas regiões e dos territórios da Cristandade que se viam ameaçados pelos ataques de um povo estrangeiro. As Cruzadas também tinham como objetivo combater as heresias, que perturbavam a estabilidade social. Esses movimentos variados eram empregados para conquista e defesa dos locais santos, como no caso das Cruzadas que se dirigiam ao Oriente, ou da reconquista de territórios da Europa, como a Península Ibérica ou as ilhas do Mediterrâneo, afastando a presença islâmica do continente europeu.

Jonathan Riley-Smith, em *As Cruzadas: Uma História* (1987, p. 37), aborda diversas correntes que discutiam a definição de cruzada e apresenta algumas das definições dadas por historiadores sobre o tema.

O fato é que as cruzadas foram movimentos complexos, trazendo em si o fervor religioso da conquista dos lugares santos e defesa da Cristandade e da Igreja; resistência ao expansionismo militar islâmico, no qual a sociedade cristã via uma ameaça e um inimigo comum; trocas culturais no processo, com o contato da sociedade européia com povos distantes; e o modelamento político de diversas nações. Isso é ilustrado pela fala de RILEY-SMITH, em The Oxford History of the Crusades (1999, p. 37):

> ninguém nesses anos [da primeira cruzada] poderia ter imaginado que o que Urbano provocara provaria ser apenas a Primeira Cruzada, nem que a cruzada

> acabaria sendo implantada em outro lugar que não a Terra Santa e contra oponentes diferentes dos muçulmanos-em resumo, que o movimento de cruzada surgiria como um dos mais importantes componentes e características definidoras da cultura medieval ocidental tardia. (Tradução nossa)[1]

Nesse trabalho em que se aborda especificamente a Terceira Cruzada, cujo alvo eram os lugares santos na Palestina, serão abordadas apenas aquelas cruzadas que se direcionaram a esse lugar.

A cidade de Jerusalém é, de longe, o lugar mais importante para os cristãos, por ser o local onde se atribui a morte e ressurreição de Cristo, e onde ficava a Basílica do Santo Sepulcro construída por Constantino, primeiro imperador romano cristão. O apreço dos povos medievais pelos lugares santos, especialmente Jerusalém, pode ser dimensionado pelo tamanho do esforço e pela quantidade de recursos empreendidos nas Cruzadas. Nove quilômetros ao sul de Jerusalém fica a cidade de Belém, local onde seria o nascimento de Jesus. Nazaré, localizada ao norte do atual Estado de Israel, seria a cidade onde Jesus passou a sua infância, e onde nasceu Maria, a sua mãe, venerada de modo muito especial pelos cristãos. Estes, entre outros territórios relacionados à vida de Cristo e dos primeiros cristãos, eram locais de peregrinação desde muitos séculos. O autor do *Gesta Regis Ricardi* diversas vezes faz referências à cidade com comentários que demonstram a sua importância. Um exemplo é a seguinte passagem do *Itinerarium*:

> Naquele dia, um dia tão amargo, em que o povo exilado se separou, indo por caminhos diferentes, e em que a Cidade tão santa foi rendida, a cidade que é a senhora das cidades, a cidade que era a herança dos seus filhos, foi subjugada por estrangeiros, por causa da maldade dos seus habitantes. Jerusalém é a gloriosa cidade de Deus, onde o Senhor padeceu, onde foi

[1] *no one in these years could have predicted that what Urban had conjured up would prove to be only the First Crusade, nor that the crusade would come to be deployed elsewhere than in the Holy Land and against opponents other than Muslims—in short, that the crusading movement would emerge to become one of the most important components, and defining characteristics, of late medieval western culture.*

> sepultado e onde ostentou a glória da ressurreição. (*Itinerarium*, livro I, cap. IX)[2]

O principal poder que rivalizara com o Império Bizantino até o período das Conquistas Islâmicas foi o Império Sassânida, último império persa pré-islâmico, que durou do ano 224 d.C. ao ano 651 d.C., quando foi tomado pelo Califado Rashidum. O Império Sassânida entrara em guerras com Roma, desde a República Romana até o Império Bizantino. Um dos maiores golpes para o mundo cristão foi a tomada de Jerusalém por Cosroes II, em 614, durante a guerra bizantino-sassânida, de 602 a 628 d.C. Durante a tomada da cidade, Cosroes ordenou o saque e a destruição de igrejas, incluindo o Santo Sepulcro, e tomou importantes relíquias, como a Verdadeira Cruz, como espólio. Esse fato foi um grande golpe para os cristãos e é contado no *Gesta Regis Ricardi*, no capítulo I do Livro Primeiro, durante o relato da batalha de Hattin, na qual novamente a relíquia da Cruz seria tomada por povos não cristãos:

> Isso aconteceu depois de Cosroes, rei dos persas: A Santa Cruz, por causa dos nossos pecados, sofreu injúria, a Cruz que a nós absolveu de um antigo jugo de cativeiro, por nossa causa foi conduzida cativa e tocada pelas mãos profanas dos pagãos.[3]

Após uma forte reação bizantina, os sassânidas foram derrotados em diversas batalhas, Cosroes II foi destronado pelos próprios persas, e seu sucessor, Cavades II, fez negociações com o imperador Heráclio, de forma que os antigos territórios do Império foram retomados, incluindo a relíquia da Verdadeira Cruz, que foi entronizada em Jerusalém no ano de 629. A posse de Jerusalém por um governo cristão, porém, não duraria muito tempo depois disso.

Após a morte de Maomé, fundador da religião islâmica, em 632 d.C., houve a fundação do Califado Rashidum, no qual os líderes eram chamados califas, ou sucessores. Sob o Califado Rashidum, os povos islâmicos iniciaram uma série de conquistas pela Península Arábica, e,

---

[2] Todas as traduções citadas do *Itinerarium Peregrinorum et Gesta Regis Ricardi* e outras fontes são nossas. O texto latino referente a essa passagem é o seguinte: *Dies illa, dies amara valde, qua populus exul abinvicem discedit, in diversa iturus, urbemque tam sacram deserit, urbem quae domina urbium in servitutem redigitur; urbem quae filiorum haereditas alienigenis subditur, a malitia habitantium in ea. Gloriosa civitas Dei Jerusalem, ubi Dominus passus, ubi sepultus, ubi gloriam resurrectionis ostendit.*

[3] *Hanc alteram post Cosdroen regem Persarum Crux sancta propter scelera nostra contumeliam pertulit, et quae nos a veteri captivitatis jugo absolvit, propter nos captiva ducitur, et profanis gentilium manibus contrectatur.*

após a tomada desta, direcionaram-se para os dois grandes opositores que possuíam na época: o Império Sassânida e o Império Bizantino. Os ataques das tropas islâmicas dirigidas ao Império Bizantino deram-se na região da Síria, sob o comando de Khalid Ibn al-Walid. A Síria possuía, para os muçulmanos, uma importância não só política, mas também religiosa. Para o Islã, Jesus é um profeta que fazia parte de uma linhagem de profetas do Corão, alguns vivendo em Jerusalém que terminara em Maomé, e era o local de sua ascensão, a mi'raj. Também foi o primeiro qibla, o local para o qual os seguidores de Maomé se direcionavam para realizar as suas orações, antes de Meca assumir essa função na religião islâmica. Fredd McGraw Donner menciona tais motivos do interesse islâmico em Jerusalém em *The Early Islamic Conquest* (1981, p. 97):

> Houve outros fatores que fizeram com que a Síria avultasse na mente dos primeiros muçulmanos (...). Um desses fatores foi o lugar da Síria na dimensão cúltica ou religiosa do próprio Islã. Jerusalém era, afinal, uma cidade síria. Foi a primeira qibla, ou foco para o qual os muçulmanos dirigiam-se ao realizar orações rituais; e, embora a qibla tivesse sido mudada posteriormente para Ka'ba em Meca, Jerusalém sem dúvida continuou importante nas mentes dos fiéis. Embora não fosse mais a qibla, ainda era venerada como o lugar onde Jesus e outros profetas mencionados no Alcorão viveram e pregaram (...). Jerusalém, de fato, passou a ser venerada como o local de onde Muhammad fez sua miraculosa ascensão noturna ao céu, ou mi'raj[4].

O comandante Khalid, então, deu prosseguimento à conquista da Síria, e, por fim, Jerusalém foi cercada. A cidade, porém, não foi tomada de assalto, mas rendida, após meses de cerco, através de um acordo entre o patriarca Sophronios e o califa Umar, consolidando assim, o domínio árabe da Palestina e iniciando o processo de islamização de Jerusalém, que ficaria sob domínio islâmico até ser recapturada pelos cruzados em 1099 (DONNER, 1981).

---

[4] *There were other factors that made Syria loom large in the minds of the early Muslims (...) One such factor was Syria's place in the cultic or religious dimension of Islam itself. Jerusalem was, after all, a Syrian city. It had been the first qibla, or focus toward which Muslims faced when performing ritual prayer; and, though the qibla was later changed to the Ka'ba in Mecca, Jerusalem doubtless remained important in the minds of the faithful. Though no longer the qibla, it was still revered as the place where Jesus and other prophets mentioned in the Qur'an had lived and preached (...) Jerusalem, indeed, came to be revered as the location from which Muhammad had made his miraculous nocturnal ascent to heaven, or mi'raj.*

Em março de 1095, surgiu, no Concílio de Piacenza, presidido pelo papa Urbano II, uma embaixada enviada por Alexius I, imperador bizantino. Ele pedia auxílio militar para ajudar no combate aos turcos, que avançavam pela Ásia Menor e ameaçavam perigosamente alcançar Constantinopla e atacá-la. Há décadas as incursões turcas desintegravam as fronteiras do Império, entrando nos territórios da Armênia bizantina e na Anatólia, além de sofrerem derrotas militares importantes, como a batalha de Manzikerkw, que abriu o caminho para as invasões. Assim, o poderio militar bizantino estava em declínio, de forma que o imperador buscou auxílio no Ocidente.

Urbano II preocupava-se com o avanço turco na fronteira oriental da Cristandade, e mantivera-se em contato com o imperador desde o começo de seu pontificado, para aproximar a Igreja latina e grega, e Alexius mesmo já se correspondia com líderes ocidentais. Já em 1074, o papa Gregório VII chegou a propor a formação de uma força de 50 000 homens para ir em socorro do Oriente, e tal força até mesmo chegaria a retomar Jerusalém, como diz Riley Smith (2005). Dessa forma, o movimento que havia sido desencadeado pelo apelo do imperador ao papa já vinha tomando suas primeiras formas nos anos anteriores. Posteriormente, Urbano II partiu para a França, e, ao chegar em Le Puy em agosto de 1095, convocou o Concílio de Clermont para o mês de novembro. O concílio teve início no dia 18 de novembro, e a cruzada foi proclamada no dia 27 para uma grande multidão. Depois disso, viajou pela França e visitou diversas cidades, pregando a cruzada e realizando cerimônias nas quais cavaleiros realizavam o voto de cruzado. O chamado de Urbano continha uma mensagem de penitência, na qual a participação na cruzada concederia indulgências aos que embarcassem na jornada. Nas cruzadas havia a noção da luta para a remissão dos próprios pecados, uma vez que elas eram consideradas de fato como grandes peregrinações. Os peregrinos, afinal, eram expostos a muitos e constantes perigos, característicos desse tipo de empreitada. Primeiro, deveriam arcar com os altos custos da viagem, colocar-se em marcha em travessias nas quais eram ameaçados pelas intempéries do clima, pela escassez de recursos, seguidas pela fome e pela sede, e pelos iminentes ataques inimigos. Somava-se a isso a razão para toda essa operação. Libertar a cristandade do domínio de seus inimigos, além de tomar posse dos lugares santos, muitas vezes depredados e pilhados, para que assim os mantivessem protegidos e preservados. Dessa forma, estava formulada a justificativa para a realização das cruzadas (RILEY-SMITH, 2005).

Nesse período, o poder régio estava fragmentado, e frequentemente ocorriam guerras entre nobres de uma mesma nação. Conflitos que eram passados por gerações ocorriam entre famílias, e via-se um estado de instabilidade e insegurança. Opondo-se a essa violência, a Igreja propôs a “Paz de Deus”, na qual o clero e os pobres ficariam protegidos de quaisquer ataques,

e ficava proibido lutar em determinadas épocas e dias da semana. Esse movimento foi aproveitado pelos que pregavam a cruzada, pois os senhores deixariam de guerrear contra si mesmos e dirigiriam os seus esforços para uma causa comum, uma causa que seria justa e piedosa, libertando os cristãos do Oriente da opressão islâmica. A pregação da cruzada reavivara a piedade cristã, e o clero, já há certo tempo engajado em uma reforma moral da Igreja e da sociedade, aproveitou-se disso para a sua almejada reforma. A adesão de leigos e clérigos foi grande, e a peregrinação envolvia diversos aspectos da sociedade ocidental, influenciando a economia, a política e a sociedade civil. Como diz Joseph François Michaud, em *História das Cruzadas*, Volume Primeiro (1814, p. 30): "não havia crime que não pudesse ser expiado pela peregrinação a Jerusalém e pelos atos de devoção junto do santo sepulcro de Jesus Cristo."

Realizavam-se cerimônias nas quais os soldados faziam seus votos de cruzado, e "tomavam a cruz", que era o principal símbolo que portavam e que deu origem ao próprio nome "cruzada". Em *Gesta Francorum*, documento que descreve a primeira cruzada, há a menção de como os cruzados portavam a cruz, costurando-a em suas vestes:

> (...) os franceses, ouvindo tais coisas, prontamente costuraram uma cruz em seu ombro direito, dizendo unanimemente seguir os caminhos de Cristo, de cuja mão foram libertados do inferno. (tradução nossa)[5]

A primeira onda de peregrinos que marchou em direção ao território islâmico foi comandada por Pedro, o Eremita. Era uma multidão mal equipada e sem líder militar, que deu prosseguimento à cruzada sem esperar por seus líderes. Após causarem confusões em Constantinopla, o imperador Alexius os forçou a atravessar o Bósforo e adentrar a Ásia. Após alguns conflitos, os peregrinos foram totalmente dispersos, mortos ou capturados. Essa ficou conhecida como a "Cruzada Popular" (RILEY-SMITH, 2005). Depois disso, partiu a principal expedição, comandada principalmente por Godofredo de Bulhão, que levou consigo seu irmão Balduíno, Boemundo de Taranto e Raimundo de Saint-Gilles. Marcharam pelo território da Anatólia até chegar à Palestina, travando diversas batalhas e sitiando cidades estratégica e religiosamente importantes. Os cruzados conquistaram, em um período de aproximadamente três anos, as cidades de Antioquia, Jerusalém e Ascalão, sendo Jerusalém a mais importante. A

[5] (...) *Franci audientes talia protinus in dextra crucem suere scapula, dicentes sese Christi unanimiter sequi uestigia, quibus de manu erant redempti tartarea.*

cidade caiu para as forças cruzadas no dia 15 de julho de 1099. Godofredo assumiria o papel de governante, sendo, portanto, o primeiro rei do Reino de Jerusalém. Após sua morte, seu irmão Balduíno o sucedeu, e foi responsável pela maior expansão territorial do reino. Com a conquista de Jerusalém e criação do reino, era necessário assegurar a segurança e estabilidade do território. Nos anos seguintes, caíram para o domínio cristão as cidades de Arsuf, Cesaréia, Haifa, Beirute e Sídon. Ascalão seria uma das últimas cidades de importância estratégica a serem tomadas. Após servir como base para o Califado Fatimida em suas operações contra a presença europeia na Palestina, finalmente foi conquistada pelos cristãos em 1153.

2.2. A TERCEIRA CRUZADA

2.2.1. A QUEDA DE JERUSALÉM

Uma das principais figuras responsáveis pela queda de Jerusalém, Saladino, Ṣalāḥ ad-Dīn Yūsuf ibn Ayyūb, foi sultão do Egito, Síria e Palestina, e fundador da dinastia Ayubida. Nasceu em 1137, e foi criado em Damasco, onde foi educado religiosa e militarmente. Iniciou sua carreira militar lutando ao lado de seu tio, Asad al-Din Shīrkūh, sob Nür al-Din, Noradino, emir da Síria, contra o rei de Jerusalém, Amalrico, e suas incursões no Egito. Após a morte de seu tio, Saladino assumiu o comando das tropas sírias no Egito, e ordenou o assassinato do vizir Xauar, tornando-se califa. Com a morte de Noradino, Saladino casou-se com sua viúva e expurgou seus herdeiros, tomando assim o trono do reino de Damasco. Dessa forma teve uma rápida ascensão ao poder, unificando duas potências islâmicas poderosas. Em seguida, ele direciona seus esforços à conquista da Palestina e do Reino de Jerusalém. Ele consegue cumprir seu objetivo ao praticamente destruir a força militar dos cristãos na batalha de Hattin, em 1187, tomando Jerusalém e outras cidades importantes em seguida.

Fez-se conhecer a mensagem da queda de Jerusalém pela Europa através de Guilherme, arcebispo de Tiro. Após quase um século desde a convocação de Urbano II e de constantes peregrinações e expedições militares dos cristãos ocidentais em direção à Palestina, a resposta claramente seria uma cruzada contra o sultão a fim de retomar os territórios perdidos. Guilherme de Tiro fora encarregado pelo papa de pregar a nova cruzada, o que fez na Itália e

na França. De acordo com o *Itinerarium*, Ricardo I foi o primeiro a "tomar a cruz", fazendo o voto de cruzado:

> O magnânimo conde de Poitou, Ricardo, foi o primeiro de todos que se assinalou com a cruz para vingar as injúrias feitas à mesma cruz, e precedeu a todos na ação, aos quais convidou pelo exemplo. (*Itinerarium*, livro I, cap. XVII) [6]

2.2.2. A ASCENSÃO DE RICARDO

Ricardo, conde de Poitou, era o terceiro filho de Henrique II, rei da Inglaterra e Eleonor de Aquitânia. Henrique II, por meio de conflitos e casamentos, estabeleceu o Império Angevin, que era composto por Inglaterra, parte da Irlanda e considerável parte da França, como a Normandia, os ducados da Bretanha e de Aquitânia, Turene, e os condados de Maine e Anjou. Henrique herdou o ducado da Normandia de sua mãe, Matilde da Inglaterra. Era conde de Anjou por herança de seu pai, que havia se tornado rei da Inglaterra a partir de seu casamento com Matilde, fazendo com que os angevinos subissem ao trono inglês. Tornara-se duque de Aquitânia a partir de seu casamento com Eleonor de Aquitânia, que havia sido casada com Luís VII, mas, após um divórcio, unira-se a Henrique. Assim, a região de Aquitânia passara a pertencer a seus domínios, de modo que, com seu casamento com a antiga esposa do rei da França e a posse de Aquitânia por consequência, tornou-se rival de Luís VII. Depois disso, ele se tornou rei da Inglaterra em 1154. Mesmo sendo vassalo do rei da França por suas possessões naquele país, ele lançara ataques contra os territórios de Luís por anos, tomando a Bretanha e Maine, e fazendo incursões em Toulouse. Também adquirira Vexin, no norte da França, ao casar seu filho mais velho, Henrique, com a filha de Luís. Esse território seria um dos palcos de disputa entre o rei da Inglaterra e o rei da França. Henrique e Eleonor tiveram oito filhos, dentre eles, Henrique, Godofredo, Ricardo e João.

Henrique teria que enfrentar diversas rebeliões de seus filhos contra si. Quando Eleonor se separou de Henrique, voltando para a Aquitânia, Ricardo a acompanhou, sendo criado por ela. Recebeu como herança de sua mãe o ducado de Aquitânia, e foi feito duque de Poitiers em 1172. Ele possuía grande habilidade militar e política, que usou para sua ascensão nos domínios

[6] *Primus omnium magnanimus Pictaviae comes Ricardus ob ulciscendam crucis injuriam cruce insignitur, et omnes praecedit facto, quos invitat exemplo*.

angevinos na França. Rebelou-se contra seu pai em 1173, junto com sua mãe e seus irmãos, Henrique, o Jovem, e Godofredo. A revolta foi controlada por Henrique, que perdoou Ricardo, mas encarcerou Eleonor. Ricardo ainda se envolveria em conflitos e teria que controlar revoltas promovidas por seu irmão mais velho, Henrique, apoiado por Godofredo, de modo que precisou receber auxílio de seu pai. Henrique morreria durante a revolta e Godofredo seguiria em 1186, de modo que Ricardo passou a ser o herdeiro dos territórios governados por seu pai. Quando Henrique morreu, Ricardo foi coroado rei da Inglaterra. Por ter feito o voto de cruzado, e por ter assumido o lugar de seu pai como líder dos cruzados ingleses, Ricardo imediatamente começou os preparativos para a cruzada.

2.2.3. FREDERICO BARBAROSSA

Um dos principais reis a responder à convocação da cruzada foi Frederico I, imperador do Sacro Império Romano Germânico. Nasceu no ano de 1123, e foi coroado rei e imperador no ano de 1152. Havia lutado na Segunda Cruzada antes de subir ao trono alemão, e, quando soube que Saladino invadira a Palestina, tomando Jerusalém, rapidamente enviou mensagens a Saladino, obrigando-o a devolver aos cristãos as cidades tomadas. Exortado por enviados papais, ele convocou uma assembleia chamada *corte de Cristo*, na qual convocava os nobres a tomarem a cruz. O exército de Frederico sofreu com diversos ataques, seja ao cruzar os Bálcãs ou na Ásia Menor, onde eram constantemente assediados por tropas turcas. Porém, o golpe fatal para a expedição foi a morte por afogamento do imperador Frederico no rio Saleph, na atual Turquia (RILEY-SMITH, 2005). A perda do líder da expedição fez com que o enorme exército levado por ele se dispersasse, de modo que, ao invés do imenso reforço militar enviado aos cruzados franceses e ingleses, a ajuda que chegou foi muito menor. A morte de Frederico foi um fator decisivo no resultado da cruzada.

2.2.4. O INÍCIO DA CRUZADA

No capítulo XVII do Livro 1 e no capítulo III do livro 2, a reunião de Henrique II e Felipe é mencionada. Nela os dois reis se reuniram em assembleia e tomaram a cruz, fazendo, portanto, o voto de cruzado. Até aquele momento, ambos estavam em guerra a respeito da disputa do território de Vexin, na fronteira da Normandia com o resto da França. O próprio

Guilherme de Tiro incentivava a reconciliação, instigando os dois reis a fazerem as pazes. Como se narra no *Itinerarium*, o arcebispo marcou a data e o local da reconciliação, e entre Gisors e Trie:

> Uma disputa já antiga incitava os dois reis, como a seus antecessores, os franceses e os normandos, a ataques mútuos, em uma implacável e quase contínua rivalidade entre si. Finalmente, por muita insistência de um certo arcebispo da Terra de Jerusalém, a saber, de Tiro, foi afixado o dia entre Gisors e Trie para formar um acordo de conciliação entre os dois reis. Então tinha vindo o já mencionado arcebispo mensageiro para que exortasse alguns dos fiéis e conduzisse ajudantes para recuperar a terra de Jerusalém. (*Itinerarium*, livro II, cap. III) [7]

Guilherme de Tiro, em seu discurso, recitava emocionado os fatos, dos quais ele fora testemunha, que ocorreram com Jerusalém e com os cristãos que viviam na Terra Santa, que agora foram expurgados. Ele censurava os que estavam ali presentes por seus esforços belicosos contra cristãos, por possessões passageiras e de pouca importância, ao passo que o lugar mais precioso para eles estava nas mãos de seus inimigos, como cita Joseph François Michaud, no terceiro volume de *História das Cruzadas*,Volume Terceiro (1814, p. 11):

> à porta mesma dessa assembléia vi exposto material de guerra. Que sangue ides derramar? Por que essas espadas de que estais armados? Vós vos bateis aqui pela margem de um rio, pelos limites de uma província, por uma fama passageira, enquanto os infiéis pisam aos pés as margens do Siloé, que eles invadem o reino de Deus e que a cruz de Jesus Cristo seja arrastada ignominiosamente pelas ruas de Bagdad! Derramais rios de sangue por vãos tratados, enquanto se ultraja o Evangelho, tratado solene entre Deus e os homens! Esquecestes o que vossos antepassados fizeram? Um reino cristão foi fundado por eles no meio de nações muçulmanas. (...)

[7] *Inveterata quidem guerra hos duos reges, sicut et eorum antecessores, Francos scilicet et Normannos, inexorabili et fere continua simultate sese in mutuos sollicitaverat incursus. Satagente demum plurimum quodam archiepiscopo terrae Jerosolimitanae, videlicet Tyri, praefixus est dies inter Gisortium et Triam concordia reformandae causa, inter duos reges. Venerat quippe nuncius predictus archiepiscopus, ut fidelium aliquos animaret et auxiliatores adduceret, ad recuperandam terram Jerosolimorum.*

Os dois reis, por fim, realizaram negociações e tomaram a cruz, fazendo um acordo, segundo o qual ambos deveriam partir juntos, devido ao risco de que um invadisse o território do outro em sua ausência. Mais tarde, com a volta de Felipe para a França, deixando Ricardo na Palestina, esse fator se mostraria de grande importância, tanto para o futuro dos territórios cristãos na Palestina quanto para a disputa territorial da França e da Inglaterra.

Devido aos enormes custos da peregrinação, foram cobrados diversos tributos pela França e Inglaterra, e os *dízimos saladinos*, como cita Michaud em *História das Cruzadas*, Volume Terceiro (1814, p. 14), começaram a ser arrecadados por comissários. Aqueles que não se punham em viagem para a cruzada deveriam ajudar a arcar com os custos. Em várias ocasiões, quando havia recusas, ou quando se acreditava que o valor pago não era o bastante, ocorriam supressões e coerções. A paz se desfez momentaneamente entre os dois reis, pois Ricardo havia entrado em conflito com o conde de Toulouse, Raimundo, vassalo de Felipe, e Henrique intervira a favor de seu filho. As negociações foram retomadas, mas não se chegou a um acordo. No decorrer das discussões, Ricardo, ficou contra o pai e tomou partido de Felipe, que propusera que Henrique abdicasse a favor do filho, e que Ricardo se casasse com sua irmã, Alice. Henrique, porém, recusou. Assim, as hostilidades recomeçaram (MICHAUD, 1814). Por fim, Henrique faleceu em inimizade contra Felipe e contra o próprio Ricardo, que agora se tornou rei.

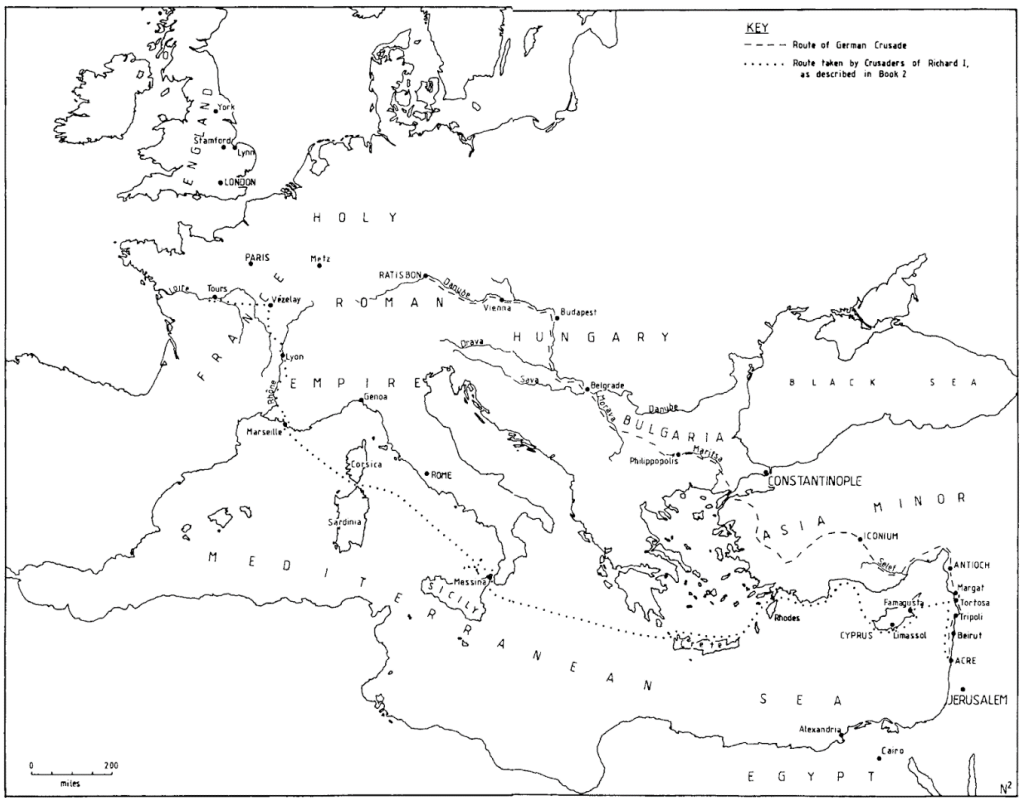
Com a morte de Henrique, Ricardo libertou sua mãe, Eleonor, de seu cárcere. Ela esteve presente em sua coroação, junto com seu irmão, João. A preocupação imediata de Ricardo era a cruzada, de forma que, organizando a administração de seus territórios, imediatamente pôs em andamento os preparativos para a expedição, vendendo diversas posses de seu reino para custear a viagem. Escreveu para o rei da França, apressando-o a tomar a peregrinação, como está no *Itinerarium*:

> Perturbava-o constantemente o seu desejo de tomar a peregrinação, e o cumprimento do voto, considerando a demora perigosa, enquanto durar a dívida. Por isso escreveu ao rei da França para que a viagem fosse preparada para a partida, de modo que ele mesmo prosseguisse depressa, argumentando com o exemplo de seu pai: "Demorar sempre prejudica os que estão preparados." (*Itinerarium*, livro II, cap. VI) [8]

[8] *Sollicitabat enim eum sine intermissione arripiendae suae peregrinationis intentio, votique solutio, moram aestimans periculosam, dum superesset debitum in choandum. Unde scripsit regi Franciae se fuisse prorsus ad*

Ricardo partira para Tours, mandando sua frota contornar a Península Ibérica e esperá-lo em Messina. Depois disso, ele se reúne em Vézelay com Felipe II (RUNCIMAN, 1951), onde concordaram em reunir suas tropas, e reafirmam os seus votos e alianças, concordando em esperarem um pelo outro em Messina.

O mapa abaixo mostra a rota percorrida por Ricardo através do Mar Mediterrâneo para chegar à Palestina.



De Vèzelay, Ricardo vai para Marselha, passando por Lyon. A expedição que saiu de Marselha em direção a Messina seguiu viagem passando por entre as ilhas de Córsega e Sardenha, chegando em Messina, na Sicília. O rei da ilha, Guilherme II, havia morrido recentemente, e a sucessão da ilha era agora disputada por Constância, a herdeira legítima, e Tancredo, que usurpara o trono. Constância era casada com Henrique VI, Rei dos romanos, de modo que tropas germânicas defendiam o direito de Constância. Tancredo via-se ameaçado pela presença dos dois reis, pois via Felipe como aliado do Imperador do Sacro Império, e Ricardo I era irmão da rainha Joana, viúva de Guilherme II, que ele havia posto na prisão e da qual tomara suas terras. Conseguiu manter negociações com Felipe, mas Ricardo exigia reparação por suas ações. Os ingleses entraram em confronto com os habitantes da ilha, e

iter expeditum, ut et ipse quoque festi nanter procederet, argumentans patris exemplo quia "Semper nocuit differre paratis." [...]

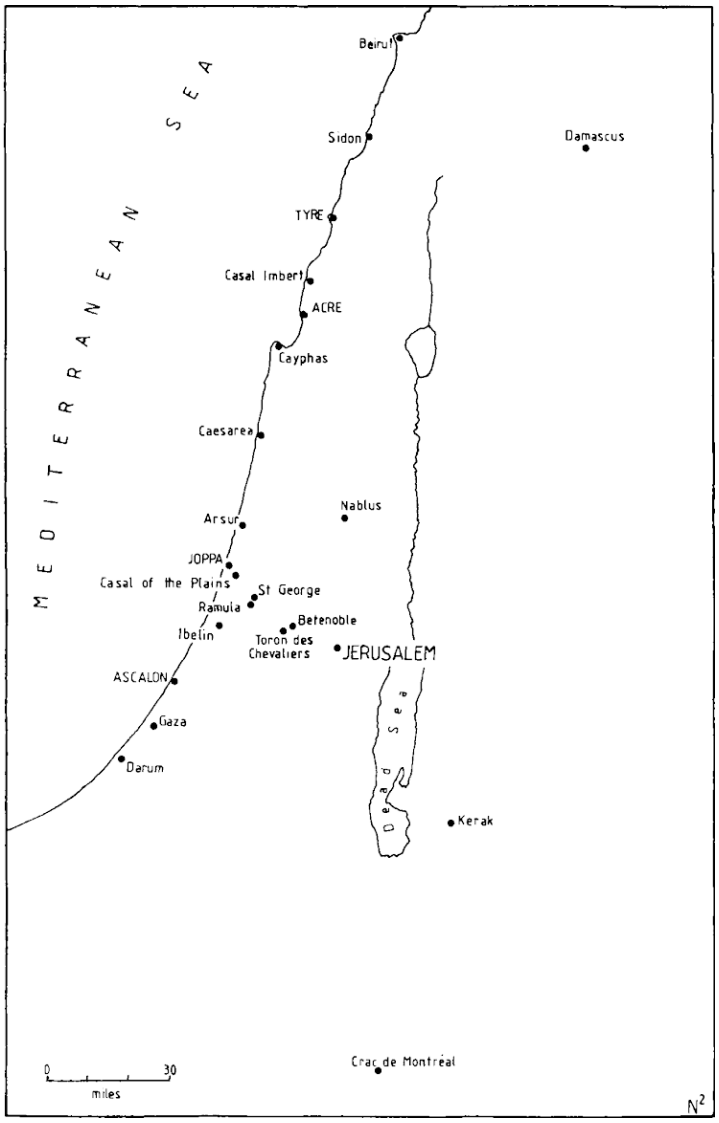
Ricardo tomou a capital, desfraldando seus estandartes nas muralhas, desagradando o rei da França. Tancredo instigou a inimizade entre ingleses e franceses, e os dois reis passaram a discutir. Felipe novamente pediu que Ricardo se casasse com sua irmã Alice, mas este recusou. A própria mãe de Ricardo foi para a Sicília, levando consigo a de Navarra, para se casar com seu filho, o que aumentou ainda mais o desgosto de Felipe. As disputas continuariam por certo tempo, até que os dois reis chegaram a um acordo, e Tancredo pagou uma grande quantia em compensação pelo dote de Joana, irmã de Ricardo. Os reis da França e Inglaterra fizeram as pazes, celebrando o Natal juntos (MICHAUD, 1814). Por fim, partiram de Messina. Felipe, porém, partira primeiro, pois Ricardo ainda cuidaria dos preparativos para a viagem. A frota de Ricardo passou por Rodes e por Creta, até chegar em Chipre, onde houve conflitos com o imperador da ilha, Isaac Comeno. Alguns navios haviam chegado antes à ilha, entre eles, aqueleno qual estavam Joana, irmã de Ricardo, e Berengária. Esses navios haviam naufragado na costa de Chipre, e os habitantes da ilha tomaram seus bens como espólio. Quando Ricardo chegou, ao saber disso, pediu ao imperador de Chipre a restituição dos bens que haviam sido tomados. O imperador, entretanto, recusando-se a fazer isso, insultou Ricardo, de modo que este se enraiveceu e tomou a ilha a força, aprisionando Isaac. Antes que o rei da Inglaterra partisse para a Palestina, o rei Guido de Lusignan chegou, sendo muito bem recebido por Ricardo. Guido viera se consultar com o rei, pois Felipe, o rei da França, havia declarado apoio à causa do marquês, Conrado de Montferrat, na reivindicação ao trono. Ricardo, ao contrário, apoiaria Guido. Tal discordância com Felipe teria consequências importantes no decorrer da cruzada. Mais tarde, no dia 12 de maio, o rei inglês se casaria com Berengária em Chipre (RUNCIMAN 1951).

2.2.5. A CRUZADA NA PALESTINA

A frota de Ricardo chegou a Acre em 8 de junho de 1191, como menciona Steven Runciman, (1951), em *História das Cruzadas*: O Reino de Acre e as Últimas Cruzadas, reanimando as forças que já sitiavam a cidade há dois anos. Já esperavam Ricardo há muito tempo, e sua chegada era vista como o fator definitivo que faria cair a cidade. Entretanto, fatores como a doença de Ricardo e os reforços que Saladino havia trazido a Acre retardaram em muito os esforços dos cruzados, que não puderam tomar a cidade de assalto. O impasse chegou a um ponto no qual os habitantes de Acre, temendo o saque da cidade, ofereciam rendição,

implorando a Saladino a permissão para fazê-lo, de modo que a cidade finalmente se rendeu em 12 de julho de 1191, como menciona John D. Hosler (2018). Foi ainda feito o acordo de que seriam pagos duzentos mil denários, que a Verdadeira Cruz seria devolvida, e que milhares de prisioneiros seriam libertados.

Com a rendição de Acre, reacendeu-se a disputa sucessória do reino entre Conrado e Guido, apoiados por Felipe e Ricardo, respectivamente, aumentando ainda mais a rivalidade entre os dois reis. Por fim, ficaria decidido que Guido reinaria, e, após sua morte, Conrado e seus herdeiros seriam reis. Após o episódio da disputa, Felipe anuncia o retorno para a França, alegando que o motivo era sua saúde (RUNCIMAN 1951). Apesar das insistências em permanecer, ele afirmou que já havia cumprido o voto, de modo que voltou para a França, com a promessa de que não atacaria os territórios de Ricardo. Tal promessa não seria de todo cumprida, e acabaria tendo importantes consequências no curso da cruzada. O mapa abaixo mostra as principais cidades e fortalezas da Palestina, e, dentre elas, as cidades da costa, desde Acre até Ascalão, que foram os locais mais importantes percorridos por Ricardo na Terceira Cruzada.



Após a rendição de Acre pelos turcos, Ricardo ordenou que os muros fossem reparados e fortificados, já que Acre era o principal ponto estratégico para toda a campanha, assim como para o Reino de Jerusalém, pois era o porto mais importante, e seria a capital do Segundo Reino de Jerusalém. Após a entrega da cidade, ainda era esperado que os acordos realizados fossem cumpridos, com a devolução da relíquia da Verdadeira Cruz e dos prisioneiros, com o pagamento do dinheiro prometido. Saladino, porém, tentava manter as negociações, buscando termos mais favoráveis para si.

O prazo para a realização do que havia sido combinado tinha passado há muito tempo. O rei Ricardo então se reuniu em assembleia com os seus nobres, de forma que decidiram não esperar mais o cumprimento do acordo por parte de Saladino, de forma que conduziram 2700 prisioneiros turcos para fora da cidade e os decapitaram. Baha' al-Din comenta, em *The Rare and Excellent History of Saladin*, que, ao descobrirem isso, os exércitos islâmicos atacaram os

cristãos, e uma grande batalha se deu até o anoitecer. Assim como o autor do *Itinerarium*, Baha' al-Din comenta que uma das justificativas para tal ato foi a vingança pelos cristãos mortos por turcos. Outra razão seria, por precaução, não deixar para trás um grande número de prisioneiros inimigos, que poderiam ameaçar a marcha dos cristãos para Ascalão, o próximo destino da cruzada. Nicholson (1997, p. 231) comenta que o fato de que a insistência na repetição da informação de que o prazo das negociações havia passado ao longo *Itinerarium* sugere que a atitude tomada por Ricardo encontrou oposição mesmo na Europa.

Após os eventos descritos anteriormente, foi anunciada a partida para Ascalão. Muitos não queriam partir, entregues às benesses da cidade, o que fez com que o rei Ricardo mandasse que as tendas fossem retiradas da cidade e montadas do lado de fora, obrigando-os a sair. Foram por fim feitos os preparativos para a jornada, organizando-se uma rota de suprimentos, que seguiria por mar, e a rota por terra, que seria tomada pelo próprio exército. A situação da cruzada agora tomaria um novo rumo. Acre seria então a fonte pela qual os suprimentos deveriam ser entregues ao exército. Pondo-se em marcha em terreno hostil, os cruzados estavam expostos aos ataques dos turcos, que estavam no próprio território e possuíam grande mobilidade e vantagem, devido à facilidade de reunir tropas e de lançar ataques ao exército em marcha, como de fato ocorreria. Enquanto isso, os cruzados dependiam dos navios que chegavam carregados das ilhas do Mediterrâneo e da Europa. Por isso, fora decidido que as provisões seriam conduzidas por mar, pois manter uma rota de suprimentos segura seria vital para sustentar um exército do tamanho do que estava ali:

> Assim, dada a ordem, provisões que fossem suficientes para dez dias, estocaram para o exército, nos navios que deveriam zarpar, pão, é claro, biscoito e farinha, carne e vinho, e o que parecesse necessário para comer. Foi firmemente imposto aos navegadores que sempre navegassem pela costa, com barcaças carregadas e neckas,[9] enquanto o exército prosseguia por terra. Isso foi administrado assim, de modo que o exército estaria dividido em dois: uma parte indo por mar, a outra por terra. Não foi possível obter a terra de outro jeito, pois estava ocupada pelos turcos. (*Itinerarium*, livro IV, cap. V)[10]

[9] Espécie de barco escandinavo, longo e estreito, com vinte remadores, usado como embarcação de transporte. NICHOLSON (1997, p. 155).

[10] *Igitur ex praecepto, victualia quae decem diebus sufficerent, navibus imposuerunt exercitui apportanda, panem, scilicet, biscoctum et farinam, carnes et vina, et quae viderentur esui necessaria. Nautis igitur firmiter injunctum est, ut semper navigarent e regione procedentis per terram exercitus, cum bargis onerariis et neckis, quae victualia veherent et lhomines armatos. Sic igitur procuratum est, ut bipertito progrederentur exercitu,*

Os cruzados dependiam muito de sua frota, necessária para abastecer o exército e enviar mais tropas. Isso justifica a movimentação das tropas pelo litoral, tendo como alvo principal as cidades costeiras, especialmente Ascalão e Jafa, cidades portuárias. Sua posição, porém, tornava-se delicada ao se afastarem da costa e adentrarem em direção ao interior da região. A mobilidade do exército turco, precariedade de rotas de suprimento por terra e estratégias utilizadas por Saladino, que tinha ainda controle da maior parte do território, são fatores que se mostraram decisivos para o resultado da cruzada.

No capítulo X, pode-se observar a logística por trás das movimentações das tropas. Os cruzados permaneciam sempre próximos ao mar, à sua direita, enquanto marchavam em direção ao sul, de forma que não fossem cercados nem separados de sua linha de suprimentos, enquanto os turcos os acompanhavam à distância, escondidos nas montanhas, aproveitando oportunidades para atacar:

> O exército viajava próximo ao mar, que estava à direita, e pela esquerda o povo dos turcos observava todos os nossos movimentos. De repente, irromperam nuvens ameaçadoras, o ar foi perturbado, e o exército chegara a uma certa passagem estreita na estrada, onde passavam as carroças portando as provisões. Ali naquela passagem, a ordem das fileiras se desorganizou, e prosseguiam apertados e indisciplinadamente pelo espaço. Percebendo isso, os sarracenos de repente atacaram os cavalos velozes e as carroças, e matando homens e cavalos, pegos desprevenidos, e espalharam grande parte da bagagem, e atropelavam obstinadamente os que resistiam a eles, dispersando-os e perseguiam-nos até o mar. (*Itinerarium* , livro IV, cap. X)[11]

Os cruzados levavam um grande estandarte, composto pela bandeira do rei e preso a um grande mastro, sendo transportado em uma plataforma com quatro rodas. Ele teria um papel

---

parte media, marino, parte altera, itinere terreno; non enim aliter fuit possibile terram acquirere sie a Turcis occupatam.

[11] *Exercitus itinerabat juxta mare quod eis erat a dextris, et gens Turcorum a sinistris omnes gestus nostros a montanis prospiciebat. Ingruente subito nebula periculosa, turbabatur aer. Venerat exercitus ad quasdam viarum angustias, qua transitus erat bigarum victualia portantium. Ibi propter angiportum, confusis acierum ordinibus, sparsim attenuati procedebant et indisciplinate; quod attendentes Saraceni repente irruunt in veredarios et bigas onustas, et homines improvidos sine mora peremerunt et equos, et plurimum sarcinarum diripuerunt, et sibi resistentes pertinaciter pertransibant, et dispergebant, et usque in oram maris caedentes profugabant.*

importante nas batalhas, pois seria um ponto de referência para os soldados, evitando que se dispersassem, servindo como refúgio para os feridos e outros soldados e exercendo um importante fator moral para as tropas. O exército atravessou o rio Acre e chegou a Caifas. Sofriam constantemente com ataques de feras, de tarântulas e com as intempéries e dificuldades do caminho, com os sarracenos os vigiando e fazendo incursões (RUNCIMAN 1951). O exército chegaria então a Cesaréia e armaria acampamento ali. Os turcos haviam destruído o quanto podiam as muralhas e as torres, e fugiram com a chegada dos cruzados, de modo que não teriam que enfrentar um cerco e nem o exército inimigo poderia se refugiar totalmente em suas muralhas, tendo que se dar ao trabalho de reconstruí-las. Ali, os cristãos foram novamente abastecidos com suprimentos e receberam reforços. O exército seguiu em marcha, recebendo incursões dos turcos, até que atravessaram a floresta de Arsur, dispostos em ordem de batalha e esperando receber ataques dos turcos. Ao deixarem a floresta, batedores informaram que o exército turco os aguardava. Quando avançavam em direção à cidade de Arsur, Saladino mobilizou o seu exército para que fizesse um ataque massivo contra os cruzados. Os turcos bloquearam a passagem do exército, de forma que os forçavam à batalha. A posição dos cruzados era desfavorável, pois eles podiam ficar encurralados entre as forças turcas e o mar, o que seria fatal para toda a missão, enquanto os turcos possuíam uma grande mobilidade tanto para atacar quanto para recuar. Ricardo, então, organizou o exército de forma a se prepararem adequadamente para o confronto que seguiria, como descrito no *Itinerarium*:

> Todos dos nossos então cuidadosamente se precaviam, com as fileiras de todo o exército muito prudentemente dispostas. O rei Ricardo, claramente muito perito nos assuntos da guerra, ordenou as fileiras em tropas, decidindo quem seria melhor colocado na dianteira ou na retaguarda, para guiar o exército. Então constituiu vinte esquadrões, divididos proporcionalmente em ordem de cinco fileiras, unidas pela disciplina militar com as distinções de homens belicosos (...) (*Itinerarium*, livro IV, cap. XVII) [12]

Os templários haviam tomado a dianteira, seguidos pelos bretões e angevinos, então pelo terceiro batalhão do rei Guido. Depois deles, vinham os normandos e os ingleses, que guardavam os estandartes. Por fim, havia o batalhão dos hospitalários. Os cruzados mantinham uma formação sólida, e Ricardo ordenara que as fileiras não se dispersassem. A batalha, descrita

[12] *Rex nimirum Ricardus, rerum bellicarum peritissimus, acies per turmas praeordinavit, quis primo, vel quis extremo praeficeretur aptius agmini deducendo. Duodecim itaque constituit turmas, divisis proportionaliter ordinibus per acies qvinque, coaptatis disciplina militari distinctionibus virorum quidem bellicosissimorum.*

nos capítulos XVIII e XIX do Livro IV do *Itinerarium*, foi feroz, e o papel dos hospitalários nessa batalha é enaltecido no *Itinerarium*. Esse grupo aguentou uma enorme pressão por parte dos turcos, até que recebeu reforços de Ricardo, de forma que os turcos foram finalmente repelidos, e os cristãos continuaram até certo ponto a persegui-los e desbaratá-los. A batalha de Arsuf foi o maior confronto em campo aberto entre as forças dos cruzados e as de Saladino, que resultou em uma vitória importantíssima para Ricardo, e, tendo sido preservados, poderiam avançar e dar prosseguimento à campanha. O resultado da batalha foi decisivo para o modo de como a guerra seria conduzida futuramente.

Saladino então ordenou a destruição de diversas fortalezas, de modo que não gastaria recursos ou forças humanas em defendê-las, além de deixar os cruzados em condições precárias, com a necessidade de reconstruir as fortalezas. A partir daí, continuaria a assediar os cruzados com ataques relâmpago com a cavalaria turca e a obstruir e atacar as rotas de suprimento, enfraquecendo o exército europeu e impedindo o seu progresso.

Ricardo partiu para Jafa, ordenando a reconstrução das muralhas. Ricardo oferecera a mão de sua irmã, Joana, ao irmão de Saladino, Safadino, de modo que, quando Saladino morresse, o casal herdaria as terras a oeste do Jordão, e os cristãos teriam pleno acesso a Jerusalém. A oferta foi recusada com desdém por Saladino, e também havia encontrado resistência por parte dos cristãos (RUNCIMAN, 1951).

Ricardo realizou uma tentativa de atacar Jerusalém, dirigindo-se para Ramala com o exército. Entretanto, afastando-se da costa, Ricardo dependeria das frágeis rotas de suprimentos. Chuvas torrenciais atrasavam seu avanço, transformando as estradas em lama, atolando soldados, cavalos e carroças, danificando gravemente carregamentos com mantimentos. O rei se reuniu com os comandantes do exército, dos cristãos nativos, templários e hospitalários, que conheciam a região. Nesse conselho, ficou decidido que não atacariam Jerusalém, porque, ainda que tomassem a cidade, seria impossível mantê-la, pois não tinham forças o suficiente que resistissem aos reforços do restante das tropas de Saladino. Assim, o exército retorna, desmoralizado e sendo ainda mais destruído debaixo de chuva e neve. Para piorar a situação, chegaram da Europa notícias de que João, irmão de Ricardo, que fora deixado em seu lugar, fazia negociações com Felipe, comprometendo a posse dos territórios do rei inglês na França. Assim, diante do insucesso da campanha e das novidades vindas de casa, Ricardo decide retornar.

2.2.6. O FIM DA CRUZADA

Saladino, ao saber da partida de Ricardo, aproveitando-se da ausência do rei, atacou a cidade de Jafa, que não contava com uma guarnição especialmente forte. As tropas turcas conseguiram penetrar na cidade, matando os que ali estavam pelas ruas e dentro das casas. Desesperados pelo ataque, os sitiados pedem socorro a Ricardo, que estava por embarcar de volta para a Inglaterra. O rei atendeu ao pedido dos emissários, e atacou Jafa no dia 31 de julho (RUNCIMAN, 1951) e inflinge uma grande derrota em Saladino, que é posto em fuga. Entretanto, apesar da derrota, Saladino ainda foi capaz de reunir mais tropas, e Ricardo estava cansado. Por fim, foi firmado um tratado de paz com sultão, no qual os cristãos da Palestina e os muçulmanos fariam uma trégua de cinco anos, os cristãos manteriam as cidades costeiras da Palestina, desde Acre até Jafa, e os cristãos poderiam voltar a realizar peregrinações a Jerusalém, andando livremente nos territórios muçulmanos, que também teriam livre acesso aos territórios dos cruzados. Dessa forma, foi feita a paz, e chegou ao fim a Terceira Cruzada. Ricardo finalmente deixou a Palestina em 9 de outubro de 1192, sendo feito prisioneiro por meses, enquanto a má administração de João e as movimentações de Felipe ameaçavam os seus domínios na França. Ricardo passaria o resto de sua vida lutando para reconquistar para si os territórios e castelos que tinham sido tomados, e morreria em um desses confrontos, 26 de março de 1199, vítima de uma infecção causada por uma flecha.

3. A AUTORIA DO ITINERARIUM

A tradução realizada neste trabalho foi feita a partir do documento editado por William Stubbs, presente nas Crônicas e Memoriais do reino de Ricardo I, volume 1. Especificamente, trata-se do *Itinerarium Peregrinorum et Gesta Regis Ricardi*, um documento medieval que traz uma série de relatos relacionados à invasão e conquista do Reino de Jerusalém por Saladino e da resposta cristã com a Terceira Cruzada, focando especialmente na figura e nos feitos de Ricardo I, principal líder naquela expedição. A autoria do *Itinerarium* é atribuída a Ricardo da Santíssima Trindade.

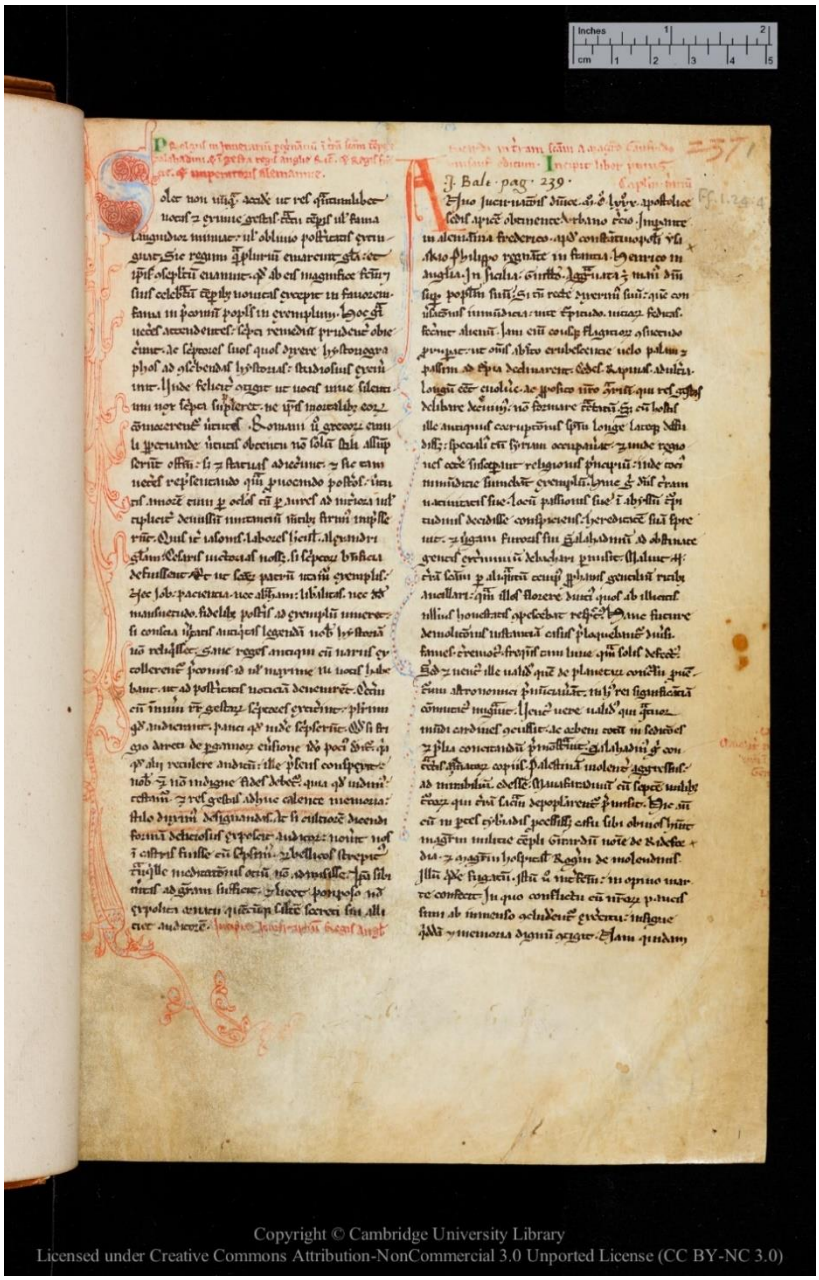
A autoria do *Itinerarium* é discutida por Stubbs , de modo que ele aponta três possíveis autores, enunciando não somente isso, mas as possíveis fontes de onde eles teriam tomado suas informações, seja a partir de relatos de pessoas presentes nos eventos ou de outros escritos. Mas estabelecer a autoria é uma tarefa difícil, como menciona Stubbs (1864, pág. 40): *O 'Itinerarium Regis Ricardi' infelizmente não escapou de sua parcela de obscuridade que cai sobre as biografias do Coeur de Lion (...) ele permanece (...) obscuro o suficiente para impedir a determinação segura de quem era o autor*[13]. (Tradução nossa)

Um fator aparentemente decisivo com relação à autoria surge a partir de Nicolas Trivet, um dominicano que, no início do século quatorze, utilizou o *Itinerarium* para obter informações sobre a cruzada e Ricardo, como cita Stubbs (1864, pág. 41) : *Ricardo, cânon da Santíssima Trindade de Londres, que escreveu o itinerário em prosa e metro*[14]. (Tradução nossa).

Dois dos manuscritos utilizados por Stubbs possuem uma citação parecida. Entretanto, um manuscrito presente na biblioteca de cambridge possuía uma frase atribuindo a autoria a Geoffrey Vinsauf. Ele foi por muito tempo considerado o autor do livro, sendo mencionado em uma publicação do *Itinerarium* em 1687. O site da universidade de Cambridge cita Geoffrey como autor do texto em sua página contendo o manuscrito. Na figura abaixo, vê-se a primeira página do manuscrito pertencente a Cambridge:

[13] *"The 'Itinerarium Regis Ricardi' has unfortunately not escaped its share of the obscurity which hangs over the biographies of Coeur de Lion, [...] it remains [...] dark enough to prevent our confidently determining who the author is.*

[14] *Ricardus canonicus Sanctae Trinitatis Londoniensis, qui itinerarium regis prosa et metro scripsit.*


Copyright © Cambridge University Library
Licensed under Creative Commons Attribution-NonCommercial 3.0 Unported License (CC BY-NC 3.0)

Em 1729 foi publicado o *Amplissima Collectio* de Martene e Durand, que continha o *Chronicon Terrae Sanctae*, trazendo relatos de uma testemunha ocular sobre a invasão de Saladino e da captura de Jerusalém. Esse livro também possui uma passagem claramente retirada do primeiro capítulo do Livro 2 do *Itinerarium*, como cita Stubbs (1864, pág. 42):

> *Post Pascha venit eo rex Francise Philippus, et non multo post rex Anglorum Ricardus,* dizendo: *Post Pascha anno ab Incarnatione Domini 1191, rex Franciae Philippus applicuit apud Achon, et non multo post, scilicet circa Pentecosten venit rex Anglorum Ricardus*.

Ele continua: *Se desejar saber mais sobre o trajeto do itinerário, leia o livro que o senhor prior da Santíssima Trindade de Londres fez transferir da língua gálica para o latim com um estilo*

tão elegante quanto verdadeiro[15](Tradução nossa). Essa afirmação, portanto, sugere que os textos utilizados para a compilação do *Itinerarium* teriam vindo do francês e traduzidos por Ricardo da Santíssima Trindade. Além disso, o manuscrito usado por Martene e Durand possui as cartas de Frederico do Sacro Império e Saladino, como no documento utilizado por Stubbs.
Outro possível autor seria "Guido Adduanensis". William Stubbs cita que Caspar Barth, um certo erudito, possuía duas cópias do manuscrito do primeiro livro, que fora impresso no primeiro volume de *Gesta Dei per Francos*, Uma das cópias trazia no título *Guido Adduanensis de Bellis Palaestinis.*

Haveria, portanto, três possíveis autores da obra. De acordo com Stubbs, porém, é difícil confirmar a autoria de Guido, pois Barth, em suas anotações, não cita nenhuma data a respeito de seu manuscrito. Além disso, nada é conhecido sobre Guido Adduanensis a partir de nenhuma outra fonte, e ele seria praticamente desconhecido, sendo seu próprio sobrenome dificilmente identificado. Para Barth, "Adduanensis" seria o gentílico de "Aduática", ou "cidade dos aduáticos", uma tribo gálico-germânica, mas isso é considerado um exagero por Stubbs.

Havia um autor do mesmo período de Guido Adduanensis chamado "Guido Catalaunensis", que teria escrito a respeito do mesmo assunto. Ele foi testemunha ocular do cerco de Acre, escrevendo em termos parecidos com o do autor do *Itinerarium*, de forma que os dois trabalhos poderiam ser confundidos. Além disso, para William Stubbs, o nome "Catalaunensis" poderia ser confundido com "Adduanensis", fazendo ser muito fraca a possibilidade de sua autoria.
Seguindo a análise da possibilidade de a autoria pertencer a Vinsauf, Stubbs comenta que essa possibilidade vem do fato de que seu nome aparecia em manuscritos mais contemporâneos, o que indicaria que o copista acreditava ele ser o autor do trabalho, mas uma pesquisa mais cuidadosa mostraria que a autoria de Geoffrey seria tão confiável quanto a de Guido. Geoffrey era um autor muito conhecido e famoso, o que poderia ter feito com que obras anônimas tenham sido creditadas a ele. Stubbs menciona que algumas passagens a respeito do final da vida do rei Ricardo atribuídas a Geoffrey foram incorporadas no final da cópia do *Itinerarium* pertencente à biblioteca de Cambridge, o que teria feito creditar-se a autoria do texto a Geoffrey. Havendo passagens escritas por ele, todo o documento teria sido atribuído a ele. Entretanto, uma obra tão conhecida como o *Itinerarium* deveria aparecer no catálogo atribuído a ele, o que não é o caso.

---

[15] *quorum seriem itineris et quae in itinere gesserunt seu ex qua occasione rex Philippus repatriavit, si quis plenius scire desiderat, legat librum quem dominus prior Sanctae Trinitatis de Londoniis ex Gallica lingua in Latinum tam eleganti quam veraci stilo transferri fecit.*

Stubbs comenta na página 52:

> *Se Geoffrey Vinsauf, autor de um poema famoso do qual Ricardo Coração de Leão era o tema, teria o autor de um trabalho abundante em oportunidades de embelezamento poético, como o presente, é razoável supor que ele teria exercido tal abnegação para nunca introduzir nenhuma citação ou expressão própria de sua tão reconhecida obra? (...) Se Geoffrey tivesse sido, como o autor do Itinerarium era, companheiro e testemunha ocular dos feitos de Ricardo, ele teria certamente dado para seu poema algo mais especial e circunstancial do que as generalidades vagas da qual ele é composto.* (Tradução nossa)

Ainda resta, porém, o problema de que, no *Chronicon Terrae Sanctae*, é dito que o *Itinerarium* seria uma tradução do francês para o latim, feita sob a direção do prior. Stubbs, porém, apresenta razões afirmando que o Itinerarium seria, de fato, uma obra original do cânon Ricardo, pois seria improvável que seu espírito e estilo pertencessem a uma obra francesa dos séculos treze. As várias citações de poetas latinos na obra seriam uma evidência de que a ideia de se tratar de uma tradução não deve ser tomada ao pé da letra. Além disso, com exceção de *História da Conquista de Constantinopla*, não havia uma obra francesa que tenham sido produzidas menos de trinta anos após a data do *Itinerarium*. A obra também possui inúmeras citações das escrituras, que provavelmente não teriam sido retiradas de uma tradução. Stubbs continua, citando exemplos como inversões de sentido, jogos de palavras ou provérbios, que contribuiriam com a ideia de que o texto se trata de uma obra escrita originalmente em latim.

Helen Nicholson (1997), em sua obra *Chronicles of the Third Crusade*, ao tratar da autoria do *Itinerarium Peregrinorum*, afirma que a obra publicada por William Stubbs é uma compilação. Enquanto este estava convencido de que a obra seria de autoria do cânon Ricardo, Nicholson menciona alguns fatos que geram um problema sobre essa autoria., pois o Livro 1 era conhecido por autores como Geraldo de Gales e Guilherme de Newburgh, que não mencionam o resto da obra, e a publcação do *Gesta Dei per Francos*, publicado por Bongars (1661), continha parte do Livro 1, apenas. Nicholson (2000), em seu texto *Following the Path of the Lionheart*, diz que o Livro I provavelmente foi escrito por um cruzado durante a cruzada, entre 1191 e 1192. O resto teria sido uma tradução da obra em verso *Estoire de guerre sainte*, escrita por Ambrósio[16], desenvolvida e adaptada para a prosa. Gaston Paris (1897), publicara o *Estoire de guerre sainte*, chegando à conclusão que o *Itinerarium* era de fato uma tradução para o latim desse texto (Nicholson, 1997). Por fim, Ricardo da Santíssima Trindade teria compilado a obra entre 1217 e 1222. Hans Mayer publicou uma edição do Itinerarium em 1962, na qual demonstra que a publicação de Stubbs era um compilado de obras sobre a terceira cruzada.

[16] Ambrósio, poeta Normando e cronista da Terceira Cruzada.

Mayer mostrou que o manuscrito de Bongars, chamado por Stubbs de manuscrito “G”, era parecido com o texto original. Mayer chamou esse manuscrito de IP1. Aos manuscritos que Stubbs chamou de A, B e C, Mayer chamou IP2. Mayer, assim como Stubbs, concordam que a provável autoria do IP2 pertence a Ricardo da Santíssima Trindade.

4. SOBRE A TRADUÇÃO

Neste trabalho, é apresentada uma tradução de trechos selecionados do *Itinerarium Peregrinorum et Gesta Regis Ricardi*, uma narrativa em prosa da Terceira Cruzada, usando como base a edição de William Stubbs (1864), em *Chronicles and Memorials of the Reign of Ricard I*, por conter a coletânea mais completa de manuscritos do texto escolhido. A edição também é abundante em notas a respeito do conteúdo dos manuscritos e dados históricos. Para este trabalho, tendo em vista o considerável volume da narrativa, o que torna inviável uma tradução completa da obra para o tipo de trabalho proposto, foram selecionados capítulos ou trechos de capítulos com o objetivo de apresentar uma visão geral do trajeto da Terceira Cruzada e os mostrar os acontecimentos mais importantes que tiveram influência no desfecho da expedição. Assim, entraram capítulos que apresentavam eventos chave do ponto de vista histórico, como a coroação de Ricardo, a morte de Frederico Barbarossa ou a questão sucessória do Reino de Jerusalém, por exemplo.

Para essa tradução, adotou-se como proposta a adequação do texto ao sistema da língua portuguesa, porém, preservando o quanto possível a mensagem do texto latino original. O latim difere em muito do português em uma série de elementos e construções sintáticas, sendo o elemento mais óbvio, o sistema de casos, praticamente ausente no português. O exemplo principal que inspirou o método usado na tradução é o pensamento que Cícero apresenta em *De optimo genere oratorum*, tomando sua afirmação como modelo ideal, especialmente pelo inquestionável mérito do orador romano quanto ao latim.

> *Nec converti ut interpres, sed ut orator, sententiis isdem et earum formis tamquam figuris, verbis ad nostram consuetudinem aptis. In quibus non verbum pro verbo necesse habui reddere, sed genus omne verborum vimque servavi. Non enim ea me adnumerare lectori putavi oportere, sed tamquam appendere. [...] , ut ea non abhorreant a more nostro.*
>
> *Não traduzi com intérprete, mas como orador, com os mesmos significados e com suas formas, assim como com suas figuras, com palavras adequadas ao nosso costume. Para isso não tive necessidade de traduzir palavra por palavra, mas preservei todo o gênero e força das palavras. Não estimei ser preciso enumerá-las ao leitor, mas como que pesá-las. [...] De modo que elas não se distanciem do nosso costume.* [Tradução nossa]

Assim sendo, seria impossível traduzir o texto palavra-por-palavra, já que, devido à ausência de declinações, a ordem das palavras em português está sujeita a uma determinada ordem, preposições deveriam compensar o sistema de casos, artigos deveriam ser inseridos.

Manter determinadas estruturas características do latim, como o ablativo absoluto, gerundivos, ou o constante uso de particípios no texto, tornaria a leitura da tradução muito confusa ou nem sequer inteligível. O latim e o portugês, graças a suas diferenças estruturais (ordem de palavras, uso ou não de artigos definidos, presença ou não de declinação), são dois idiomas que entram no conceito de Schleiermacher em *Sobre os diferentes métodos de traduzir*, onde apresenta o conceito da paráfrase e da imitação. Na paráfrase, busca-se reproduzir, o quanto possível, na língua para a qual se traduz, não só palavras equivalentes, mas também as estruturas, sendo perceptível ao leitor a falta de naturalidade presente no texto traduzido. Nas palavras de Schleiermacher. Já a imitação se adequa às diferenças estruturais presentes entre as línguas, que, não sendo perfeitamente equivalentes, apresentam de modo diferente a mesma mensagem.

> A paráfrase quer dominar a irracionalidade da língua, mas apenas de um modo mecânico. Ela significa que mesmo que eu não encontre uma palavra que corresponda a uma da língua original, eu devo buscar me aproximar o mais possível de seu valor. [...] O parafraseador opera com os elementos de ambas as línguas, como se eles fossem símbolos matemáticos. [...]
>
> A imitação, ao contrário, curva-se diante da irracionalidade das línguas; confessa que não se pode reproduzir em outra língua a imagem de uma obra de arte do discurso em que cada uma de suas partes corresponda exatamente a cada uma das partes do original.

Por isso, procurou-se conformar a tradução ao portugês, decifrando as estruturas presentes no texto latino e adequando-as ao idioma, possibilitando, assim, uma leitura coerente do texto.

Entretanto, apesar das claras diferenças entre os dois idiomas, a proposta da tradução foi preservar o quanto possível o texto latino, evitando mudanças, acréscimos ou omissões desnecessárias, e preservando algumas estruturas latinas na medida em que sua tradução se mostrasse inteligível. Caso contrário, foram procuradas formas semelhantes ao latim, ou que proporcionassem o entendimento completo do que está no texto original, assim como uma reorganização da ordem de palavras ou de orações para dar maior inteligibilizade ao texto. Apesar do cuidado de se manter um padrão para a tradução de determinados termos, por vezes foi necessário utilizar palavras diferentes de acordo com o contexto em que apareciam.

A tradução de nomes de cidades e pessoas se mostrou um desafio em certos casos. Personagens mais conhecidas, como Ricardo e Felipe, ou cidades como Londres, Paris e Jerusalém, não representaram de modo algum uma dificuldade, sendo elementos recorrentes

para os falantes do português. Entretanto, nem sempre uma tradução pôde ser encontrada com facilidade, ao talvez nem mesmo foi possível encontrar. Enquanto determinados nomes como Saladino, a forma latinizada de Salah al-Din, são conhecidos, e possuem uma tradução clara, outros nomes árabes não estão presentes no vocabulário do português, o que dificulta o processo tradutório. Os nomes árabes no Itinerarium são uma forma latinizada, às vezes consideravelmente corrompida, do nome original. Baseando-se na proximidade do latim com o português, foi deduzido como seria o nome em português a partir da forma latina. Assim, Manafaradinus poderia ser entendido por Manafaradino. O mesmo procedimento foi realizado por Helen Nicholson em sua tradução para o inglês. Para compensar a falta de traduções claras de determinados nomes, foi acrescentado o nome árabe original, de acordo com as informações fornecidas por Nicholson em sua tradução.

Nomes de lugares, assim como de pessoas, foram traduzidos pelo autor do *Itinerarium* para o latim. Esses locais, entretanto, eram designados pelos europeus nos idiomas vernáculos falados por cada um, especialmente francês. Certo lugares, como antigas fortalezas, hoje em ruínas, ou nem existem mais, ou possuem de fato uma tradução portuguesa comtemporânea, mas ela diverge consideravelmente do nome pelo qual eram designados na época, já que seus nomes atuais são outros. Desse modo, a tradução buscou se basear na forma latina presente no *Itinerarium*, indicando em nota o nome comtemporâneo do local correspondente.

É necessário oferecer uma explicação a respeito da tradução de nacionalidades e origens. Nomes de países, como ‘‘*Alemanniae*’’, ‘‘*Francia*’’, ‘’*Anglia*’’, e nacionalidades ou origens, como ‘‘*franci*’’ e ‘‘*angli*’’ foram traduzidos como ‘‘Alemanha’’, ‘‘França’’, ‘‘Inglaterra’’, ‘‘franceses’’ e ‘‘ingleses’’. Deve-se ter em mente, porém, que na época em que o *Itinerarium* foi escrito, esses locais estavam em um contexto feudal, de modo que tais termos não podem ser confundidos nem com os países nem com suas respectivas nacionalidades baseado no Estado moderno. Desse modo, um ‘‘francês’’ deve ser compreendido como como alguém que teve sua origem em territórios controlados diretamente pelo rei da França. O início do capítulo XLIII do Livro V ilustra bem essa questão: ‘‘Como diversas pessoas tinham opiniões diversas sobre o regresso do rei Ricardo, os líderes e mestres do exército se reuniram: franceses, normandos, ingleses, habitantes de Poitou, de Maine e angevinos.’’[17]

[17] *Super regis Ricardi recessu, sic diversis diversa sentientibus, convenerunt unanimiter in unum duces exercitus et magistratus, Franci, Normanni, Angli, Pictavenses, Cenomannenses, Andegavenses*.

Assim, mesmo que os territórios da Normandia, Poitou, Maine e Anjou fizessem parte do reino da França, tinham uma influência muito maior do rei da Inglaterra, Ricardo, que era conde de Anjou e duque da Normandia, por exemplo, de forma que não estavam sob controle direto do rei da França, ainda que este fosse suserano de Ricardo. Logo, franceses partem do território controlado exclusivamente pelo rei da França, normandos partem do ducado da Normandia, os ingleses, da Inglaterra, mais unificada sob a autoridade do rei, e assim por diante.

5. TRADUÇÃO

ITINERARIUM PEREGRINORUM ET GESTA REGIS RICARDI.

LIBER PRIMUS

CAPITULUM I

Quia pro peccatis populorum Dominus exterminavit populum Syriae.

Anno Verbi Incarnati MCLXXXVII, apostolicae sedis apicem obtinente Urbano tertio; imperante in Alemannia Frederico, apud Constantinopolim Ysaakio, Philippo regnante in Francia, Henrico in Anglia, in tinam Willelmo, aggravata est manus Domini super populum Suum, si tamen recte dixerimus Suum, quem conversationis immunditia, vitae turpitudo, vitiorum foeditas fecerat alienum. Jam enim eousque flagitiorum consuetudo proruperat, ut omnes, abjecto erubescentiae velo, palam et passim ad turpia declinarent. Caedes, rapinas, adulteria, longum esset evolvere, ac proposito nostro contrarium, qui res gestas delibare decrevimus, non formare tractatum, sed cum hostis ille antiquus corruptionis spiritum longe lateque diffudisset, specialius tamen Syriam occupaverat, et undo regiones caeterae susceperant relligionis exordium, inde totius immunditite sumebant exemplum. Hinc igitur Dominus terram Nativitatis Suae, locum Passionis Suae in abyssum turpitudinis decidisse conspiciens, haereditatem Suam sprevit, et virgam furoris Sui Salahadinum ad obstinatte gentis exterminium debacchari permisit; maluit enim Terram Sanctam per aliquantum tempus profanis gentilium ritibus ancillari, quam illos florere diutius quos ab illicitis nullius honestatis compescebat respectus. Hanc future demolitionis instantiam casus praeloquebantur diversi, fames, terrae motus, frequens tam lunae quam solis defectus. Sed et ventus ille validus quem de planetarum concursu proventurum astronomici praenunciaverant, in hujus rei significan tiam commutatus migravit. Ventus vere validus, qui quatuor mundi cardines concussit, ac orbem totum in seditiones et praelia concitandum praemonstravit.

O ITINERÁRIO DOS PEREGRINOS E OS FEITOS DO REI RICARDO

LIVRO I

Capítulo I

[18] *"Por causa dos pecados do povo, Deus exterminou o povo da Síria."*

No ano de 1187 do Verbo Encarnado, quando Urbano III[19] possuía o governo da Sé Apostólica, Frederico[20] imperava na Alemanha, Isaac[21] em Constantinopla, Felipe[22] reinava na França, Henrique[23] na Inglaterra e Guilherme[24] na Sicília, a mão do Senhor pesou sobre o Seu povo- se, entretanto, o declaramos apropriadamente "Seu" -, a quem a impureza das conversações, a torpeza do modo de viver e a imundície dos vícios tornaram um povo estrangeiro. De fato, o costume do escândalo já se prorrompera a tal ponto, que todos, tendo sido abandonado o véu da vergonha, em plena luz do dia e em toda parte se desviaram para as torpezas. Assassinatos, roubos, adultérios – Seria tão demorado descrever– e contrário ao nosso propósito, que decidimos mencionar esses acontecimentos, e não formar um tratado. Mas uma vez que aquele antigo inimigo tinha espalhado ao longe e amplamente o espírito da corrupção, ele ocupara muito especialmente a Síria, e de onde as outras nações receberam o princípio da religião, dali tomaram o exemplo de toda a imundície. Por isso, portanto, o Senhor, vendo a terra de seu Nascimento, o local de Sua Paixão, ter caído no abismo da torpeza, rejeitou Sua herança e permitiu ao bastão de Seu furor, Saladino, se enraivecer, com o fim de exterminar o povo obstinado. Preferiu que a Terra Santa fosse escravizada durante algum tempo com os ritos profanos dos pagãos do que prosperassem aqueles que há muito tempo nenhuma honestidade restringia mais às coisas ilícitas. Diversos fatos previram a proximidade daquela

---

[18] O manuscrito A, além da rubrica traduzida, possui a seguinte rubrica: *Incipit Itinerarium Regis Anglorum Ricardi in Terram Sanctam a Magistro Gaufrido Vinsauf editum. Incipit liber primus. Capitulum primum.* ("Tem início o Itinerário do Rei dos ingleses Ricardo na Terra Santa editado pelo Mestre Geoffrey de Vinsauf. Começa o primeiro livro. Capítulo primeiro").

[19] Urbano III, Papa no ano de 1187.

[20] Frederico Barbarossa, Imperador do Sacro Império Romano Germânico. Comandou uma das expedições da terceira cruzada.

[21] Isaac II, imperador Bizantino em 1187.

[22] Henrique II, rei da Inglaterra naquele ano e pai de Ricardo I.

[23] Felipe II, rei da França em 1187. Liderou uma expedição junto com Ricardo I.

[24] Guilherme II, rei da Sicília em 1187.

futura destruição: fome, tremores de terra, frequente privação tanto do sol quanto da lua. Até mesmo o vento realmente forte, que agitou os quatro polos do mundo, indicou que todo o orbe da Terra estava para ser agitado por guerras e conflitos.

CAPITULUM II

Qualiter Saladinus fugavít Magistrum Templi et alios

Salahadinus igitur, contractis armatorum copiis Palaestinam violenter aggressus, admiralium Edessae Manafaradinum cum septem millibus Turcorum qui Terram Sacram depopularentur, premisit. Hic autern Manafaradinus, cum in partes Tiberiadis processisset, casu sibi obvios magistrum Militie Templi Girardum de Bidesfordia et magistrum Hospitalis Rogerum de Molendinis, illum quidem fugatum, istum vero interfectum inopino Marte confecit. In quo conflictu, cum nostrorum paucissimi ab immenso concluderentur exercitu, insigne quiddam et memoria dignum contigit ; nam quidam Templarius, officio miles, natione Turonicus, nomine Jakelinus de Mailliaco, quadam virtutis praeminentia in se omnium provocabat insultus; caeteris autem commilitonibus suis qui quingenti aestimabantur, vel captis, vel interfectis, belli totius impetum solus sustinuit, et pro lege Dei sui athleta gloriosus effulsit. Hic hostium vallatus cuneis et humano prorsus auxilio destitutus, cum tot millia hinc inde irruentia conspiceret, collegit in vires animum, et unus contra omnes bellum animosus suscepit : virtus ejus ad gratiam hostium commendanda enituit, ut ei plerique compassi, ipsum ad deditionem affectuosius hortarentur. Quorum monita dissimulans, mori pro Christo non timuit, sed telis, lapidibus, lanceis, oppressus magis quam victus, vix tandem occumbens, ad coelos feliciter cum palma martyrii triumphator migravit. Mors quidem mitior, et ad sensum dolor non venerat, cum unius viri gladius tantam circumjacentis turbae struxisset coronam. Dulce viro sic occumbere, ubi victor ipse in medio, et in circuitu impii, quos dextera victrice con sumpsit. Et quia in equo nitido et armis albicantibus tunc casu pugnator incesserat, Gentiles qui Sanctum Georgium in hujusmodi habitu militare noverant, se militem nitentis armaturae Christianorum propugnatorem, interfecisse jactabant. Erant in loco ubi pugnabatur, stipulae, quas messor post grana paulo ante decussa, reliquerat inconvulsas; Turcorum autem multitudo tanta irruerat, et vir unus contra tot acies tam diu conflixit, ut campus in quo stabant totus resolveretur in pulverem, nec ulla prorsus messis vestigia compararent. Fuere, ut dicebatur, nonnulli qui corpus viri jam exanimum pulvere superjecto consparserunt, et ipsum pulverem suis imponentes verticibus, virtutem ex contactu hausisse credebant. Quidam vero, ut fama ferebat, ardentius

caeteris movebatur , et abscissis viri genitalibus, ea tanquam in usu gignendi reservare disposuit, ut vel mortua membra, si fieri posset, virtutis tantae suscitarent haeredem. Hac ergo suorum victoria Salahadinus impendio hilaratus, animum occupandi regni ambitione succensum, ad majora in tendit.

Capítulo II-

Como Saladino dispersou o Mestre do Templo e outros.[25]

Saladino, então, tendo reunido muitos soldados, atacou violentamente a Palestina, e enviou o emir de Edessa, Manafaradino[26], com sete mil turcos, para que devastassem a Terra Santa. Este Manafaradino, quando avançava para a região de Tiberíades, encontrou por acaso no caminho o mestre da Milícia do Templo, Geraldo de Bideford[27], e o mestre do Hospital, Rogério de Moulins[28]. Aquele [isto é, Geraldo de Bideford] foi posto em fuga, e este [isto é, Rogério de Moulins] no conflito inesperado foi morto.

Nesse conflito, estando pouquíssimos dos nossos homens cercados por um imenso exército, ocorreu algo insigne e digno de lembrança. Um certo templário, cavaleiro por ofício, de Turene por nascença, de nome Jaquelino de Maillé, atraía o ataque de todos para si por uma certa demonstração de força. Apesar do resto de seus companheiros, estimados em 500 homens, terem sido capturados ou mortos, ele suportou sozinho o ímpeto de toda a guerra, e resplandeceu como um campeão glorioso para a lei de seu Deus. Ele, cercado por batalhões de inimigos e totalmente destituído de auxílio humano, vendo dirigirem-se para ele os ataques de tantos milhares, recobrou a coragem em sua decisão, e um contra todos, valente suportou o combate. Sua bravura ficou evidente ao se mostrar digna da admiração dos inimigos, de modo que muitos se compadeceram dele, e muito afetuosamente o incentivaram a se render. Ignorando o pedido desses, ele não teve medo de morrer por Cristo, mas antes, oprimido por dardos, pedras e lanças do que vencido, sucumbindo finalmente com dificuldade, migrou alegremente para os céus, triunfante com a palma do martírio. Sua morte foi certamente a mais suave, e a dor não viera aos sentidos, já que a espada de um único homem com a multidão circundante construíra tão grande círculo. É doce ao homem morrer assim, quando o vencedor está no meio, rodeado pelos

[25] A rubrica no manuscrito A foi cortada pelo encadernador de modo que ficou ilegível. No *Gesta Dei per Francos* não há indicação de rubricas.
[26] Marafaradino, emir de Edessa.
[27] Geraldo de Bideford, mestre dos Templários.
[28] Rogério de Moulins, mestre dos Hospitalários.

ímpios, que ele exterminou com a direita vitoriosa. Além disso, porque o lutador estava então naquela ocasião em um cavalo brilhante e com armas brancas, os pagãos, que haviam sabido que São Jorge lutava em uma vestimenta daquele tipo, se vangloriavam de ter matado o cavaleiro da armadura brilhante, o campeão dos Cristãos.

Havia, no local onde se lutou, palhas, que o ceifeiro, pouco antes da colheita dos grãos, deixara intocadas. Entretanto, tamanha multidão de Turcos havia atacado, e o homem sozinho tantas fileiras por tanto tempo combateu, que todo o campo em que estavam foi totalmente reduzido a pó, e nem um só vestígio da colheita aparecia.

Houve alguns, como se narrou, que espargiram o corpo do homem, agora sem vida, lançando pó de cima, e que, impondo o mesmo pó em suas cabeças, acreditavam poder drenar sua bravura a partir do contato. Outro homem, segundo o boato que corria, havia sido mais ardentemente movido que os demais; cortando-lhe as genitálias, reservou-as para fins de procriação, de forma que, mesmo mortas – se fosse possível isso acontecer –, essas partes suscitassem um herdeiro com tamanho poder.

Saladino ficou então muito satisfeito com essa vitória dos seus, e, com sua ambição de ocupar o reino acesa, dirigiu-se a feitos maiores.

CAPITULUM V

De seditione orta per principes Christianorum.

Nam propter regnum dissidentibus Tripolitano comite Reimundo, et Guidone Latinorum rege octavo, perniciosa seditio populum distrahebat.[29] Haec igitur opportunitas cupientem animum acrius accendit, et tam celerem quam certum gerendi negotii pollicetur effectum. Caeterum, non sine causa prorsus, a Soldano bellum indicitur ; nam princeps Antiochiae Reginaldus, foedus induciale ruperat, duod nostri cum gentilibus hinc inde sanxerant observandum.

Quomodo prínceps Antiochiae, rupto foedere induciarum, ítinenantes extra fines proprios paganos occidit.

[29] Aqui, o manuscrito A possui a seguinte rubrica*: Capitulum V. Cum quanto exercitu Salahadinus exercitum Christianorum conficerit, et crucem Dominican cum rege Gridone et Achon ceperit, et Terram Promissionis sibi subegerit.* ("Capítulo V. Quando com tamanho exército Saladino destruiu o exército dos cristãos, e capturou a cruz do Senhor e Acre, acompanhado do rei Guido, e subjugou ao seu domínio a Terra da Promessa.")

Quodam enim tempore cum plurimus et opulentus Gentilium comitatus a Damasco in Aegyptum transiret, et praeter limites terrae Christianorum, ob induciarum fiduciam, itinerare non formidarent, in eos subito princeps praedictus irruit, et ipsos cum universis sarcinis, minus decenter captivos abduxit. Soldanus itaque tum ambitione fervens, tum injuria sibi facta per motus, totius imperii sui excito robore, Jerosolimorum fines tam potenter quam violenter invadit. Si numerus hominum, dissimilitudo gentium, caeremoniarum diversitas, prout lex historiae postulat, plenius describerentur, tractatus diffusior brevitatis propositum conturbaret, quorum quamvis innumerabilis multitudo, nominatis tantum his qui eis praeminebant, aliquatenus poterit aestimari.

Cum quanto exercitu Saladinus venit contra Christianorum exercitum debellandum.

Venit itaque cum universo comitatu suo Norahadinus admiralius de Amiza. Venit Jarafarahadinus admiralius de Robis, et admiralius de Raechis, et admiralius de Faraquinis; admiralius de Mossetar; admiralius de Nesebino ducens secum ducem Mezaedinum. Venit et admiralius de Byla et admiralius de Torvesello, admiralius Damascenus, et Caliphes de Baldach, admiralius Alirius, admiralius Myrchalius, admiralius Mestoch. Venit dux Sanscousde Doada. Venit Bellegeminus, admiralius Megesimus, admiralius Gwaladinus Sanscous, dux Acalatinus, admiralius de Rohequis, admiralius Alexandrinus, venit dux Haelicalinus, ducens secum fratrem suum Sanguinum. Venit et admiralius de Damiatis, admiralius de Maelis, Safahadinus Berbensis, Sensedinus de Montanis, admiralius Babiloniae, Soldanus de Coimo, Baffadinus Archadius, dux Ayas de Stoi, admiralius Carracoensis, Sanscous Halabiensis, dux Dorderinus Hedredinus, dux Serbeth de Harengo, admiralius de Souz, admiralius Bedredinus, admiralius de Cordis, admiralius de Boysseleth, admiralius de Gibel, admiralius Sassachius, admiralius de Crach, admiralius Waradinus, et Helyas et Jebedinus, dux Altilabanus, cum trecentis Turcis, secum decem admi ralios adducens, expeditos cum singulorum comitatu sufficienter armis instructo. Praeter hos etiam praenominatos habuit Salahadinus quingenta millia Saracenorum, Parthos, Bedewinos, et Arabes, Medos, Cordinos, Aegyptios, qui sicut loco ritu et nomine diversi, sic in excidium Terrae Sanctae unanimiter omnes erant accensi.

De fraude comítis Tripolis.

Comes igitur Tripolitanus fraudulenter, ut dicebatur, se ingerens ad exercitum nostrum producendum in hostes juxta quod inter ipsum convenerat et Salahadinum, suorum intendebat potius proditioni.

De visione qua apparuit camerario regis Guidonis

Nostris obviam procedentibus, cum jam funesta dies instaret, camerario regis visio tremenda contigit : quod quaedam aquila Christianum transvolaret exercitum, quae septem missilia et balistam gestans in pedibus voce terribili personabat, Vae tibi Jerusalem. Ad cujus visionis eliciendum mysterium sufficere credimus quod scriptum legitur, Tetendit Dominus arcum Suum et in eo paravit vasa mortis. Quid autem septem missilia, nisi septem criminalia typice indicant, quibus infelix exercitus erat in proximo periturus! Potest tamen illius septenarii nomine, poenarum quae Christicolis imminebant universitas intelligi, quod post non multum fidelis nimium et dirus interpres, rerum declaravit eventus.

Qualiter Christiani confecti sint, et crux Christi cum rege Guidone et Achon capta sint, et Terra promissionis subacta.

Conflictu nondum inito, cum non longe a Tiberiade, in loco qui Marescallia dicitur, acies hinc inde produxissent, in ipso belli articulo, Comes praedictus loco cessit, fugamque simulans ut acies nostrae dissiparentur, ut fama erat, divertit ab eis, ut suis quibus debuerat adesse praesidio timorem incuteret, et hostes juxta condictum animositate incitaret. Perplexum igitur in discrimine conclusit Dominus in gladio populum Suum, et hereditatem Suam peccatis hominum exigentibus, in caedem tradidit et direptionem. Quid plura? Nec tenor propositi, nec ipsa doloris immensitas ad singula threnos aptare indulget , sed ut multa paucis claudantur, tot ibi caesi, tot vulnerati, tot in vincula fuerant conjecti, quod ad hostium miserationem gens nostra consumpta deperiit. Illud etiam vivificum salutiferae Crucis lignum, in quo Dominus ac Redemptor noster pependit, in cujus stipitem pius Christi sanguis defluxit, cujus signum adorant angeli, venerantur homines, daemones expavescunt, cujus praesidio nostri semper in bello extitere victores,-heu nunc ab hoste capitur, et Crucis bajulatores episcopus Achonensis et cantor Sepulcri Dominici, ille caesus, iste captus, pariter cum ipsa succumbunt. Cruci quoque rex Guido decidenti in terram compatiens, immo et sibi in ea spem ponens, irruens et ipsam amplexatus est, vel ut ipsam si Deo placeret, reciperet, vel certe cum ipsa occumberet. Hanc

alteram post Cosdroen regem Persarum Crux sancta propter scelera nostra contumeliam pertulit, et quae nos a veteri captivitatis jugo absolvit, propter nos captiva ducitur, et profanis gentilium manibus contrectatur. Videat si est intelligens, quae sit ira Dei ; immo quanta servorum iniquitas, cum ad Crucis custodiam Gentiles quam Christiani minus reputentur indigni. Nihil aeque lugendum aetas antiqua protulit, quia nec arca Domini, nec reges Judaeorum captivati, nostri casum temporis acquiparare possunt, in quo gloriosae Cruci rex ducitur concaptivus. De captivis, quorum multitudo non minus miranda quam miseranda exstitit, pars pro victoris arbitrio reservatur illaesa, partem vero tam felici quam festino compendio ad coelum gladius mactator transmittit.

Qualiter Saladinus caput princiípis Antiochia amputat, praecipiens Templarios et bellatores praecipuos occidi.

Inter creteros princeps Antiochiae Reginaldus Soldani conspectibus praesentatur; cui tyrannus ipse, vel furorem suum secutus, vel viri tanti deferens excellentiae, manu propria caput emeritum et longaevum abscidit. Templarios quoque, quotquot erant praeter Magistrum militiae decapitari praecipiens, ipsos penitus exterminare disposuit quos in bello creteris noverat praevalere. O zelus fidei! O fervor animi! quamplures assumpta Templariorum tonsura, certatim ad carnifices confluunt, et sub pio novae professionis mendacio laetam ferientium gladiis cervicem dependunt. Inter hos Christi milites, Templarius quidam nomine Nicholaus, ita caeteris subeundae mortis persuaserat amorem, quod aliis praevenire certantibus, ipse martyrii gloriam vix primus poterat obtinere, quod tamen summopere affectabat. Nec defuit miraculosa divinae miserationis potentia; nam per tres noctes proximas cum sanctorum martyrum corpora adhuc insepulta jacerent, coelestis radius ignis desuper manifestus infulsit. Salahadinus itaque cum jam belli fremitus conquiesceret, et hinc captivos trahi, inde caesos passim jacere conspiceret, erectis ad ccelum oculis de adeptione victoriae grates Deo reddit. Sic enim facere in omnibus quae prospere accidebant consuevit; at inter caetera hoc saepius fertur dixisse, quod non sua potentia sed iniquitas nostra hanc illi victoriam contulit; et hoc ipsum non insolitus rerum comprobat eventus. In congressibus aliis nostrorum exercitus, quantumlibet modicus, divino semper vincebat praesidio ; nunc autem quia nec nos cum Domino nec nobiscum Dominus, gens nostra penitus ante conflictum succubuit, cum tamen milites plus quam viginti millia censerentur. Adeo sane totius regni robur edicto regio ad bellum illud funestum confluxerat, ut illi tantum in castrorum et urbium residerent custodia, quos aetatis et sexus infirmitas armorum prorsus habebat immunes. Hoc bellum die translationis Sancti

Martini, fato infelici commissum, sub uno temporis articulo omnem regni gloriam transtulit et extinxit. Soldanus ergo munitiones terrae caesis defensoribus, faciles ad occupandum confisus, regem captivum victor per castra Syriae circumducit, ut in ludibrium reservatus et capiendis ostendatur urbibus, et populum incitet ad deditionem. Achon itaque veniens, ipsam primam et quam primum absque insultu recipit, civibus ex condicto libertatem habentibus, et se ac sua quo mens duceret transferenda.

Capítulo V-

Sobre a sedição levantada entre os líderes dos cristãos.[30]

Então, sendo Raimundo[31], conde de Trípoli, e Guido[32], o oitavo rei dos latinos, dissidentes por causa do reino, uma perniciosa sedição dividia o povo. Essa oportunidade acendeu mais fortemente a ambição ávida [de Saladino], e promete trazer para seu empreendimento efeito tão rápido quanto certo.

Além disso, e não totalmente sem motivo, uma guerra foi declarada pelo sultão, pois Reinaldo[33], o príncipe de Antioquia, quebrara o tratado de trégua que o nosso povo e os pagãos haviam firmado mutuamente.

De que modo o príncipe de Antioquia, rompido o tratado de trégua, matou viajantes pagãos fora de suas fronteiras.[34]

Certa vez, quando uma caravana numerosa e opulenta de pagãos se deslocava de Damasco para o Egito, e, por causa da fidelidade à trégua, não temiam atravessar as fronteiras da terra dos cristãos, o já citado príncipe subitamente atacou-os, e, de forma pouco decente, conduziu-os aprisionados com todas as suas bagagens. Então o Sultão, ao mesmo tempo fervente de ambição e inquieto pela injúria lhe feita, tendo erguido o poder de todo seu império, invadiu as fronteiras de Jerusalém tão poderosa quanto violentamente.

Se o número de homens, a diversidade de nações e a variedade das religiões fossem mais plenamente descritos como a lei da história postula, o tratado mais extenso perturbaria o

[30] Omitido no manuscrito A.
[31] Raimundo III, conde de Trípoli.
[32] Guido, último rei do Primeiro Reino Latino de Jerusalém.
[33] Reinaldo de Châtillion. Foi príncipe de Antioquia de 1153 a 1160.
[34] Rubrica omitida no manuscrito A.

meu objetivo de brevidade. Entretanto, apesar dessa inumerável multidão, nomeando apenas aqueles que a lideravam, poderia se estimar até certo ponto quantos homens eram.

Quando com tamanho exército Saladino veio de encontro ao exército dos Cristãos para o destruir. [35]

Então veio Noradino[36], emir de Amiza[37] com toda a sua companhia de soldados. Veio Jarafaradino, emir de Robis, [Shirkuh ibn Nasir al-Din Muhammad, emir de al-Rahba] e o emir de Raqqa, o emir de Faraquino [Mayyafariqin: Husam al-Din Sonqor al-Khilati], o emir de Mossetar [Misyaf], o emir de Nesebino [Nísibis] conduzindo consigo o duque Mezaedino38. Veio também o emir de Byla [Al-Birah] e o emir de Turbessel [Tell Bashir], o emir de Damasco e o califa de Bagdá, o emir Alírio, o emir Mircálio e o emir Mestoque [Saif al-Din ‘Ali ibn Ahmad al-Mashtub]. Veio o duque Sanscous[39], de Doada. Veio Belegemino [Husam al-Din ‘Abu’l-Haija’ al-Samin], o emir Megesino[40], o emir Gualdino Sanscous, o duque Acalatino[41], o emir de Roequis [Edessa] e o emir Alexandrino, e veio o duque Helicalino, conduzindo consigo seu irmão Sanguino [‘Imad al-Din ibn Maudud ibn Zangi II of Sinjar]. Veio também o emir de Damieta, o emir de Melis [Mardin], Safadino Berbense, Sensedino das Montanhas, o emir da Babilônia, o sultão de Coimo [Cônia, Qilij-Arslan II], Bafadino Arcádio, o duque de Ayas de Stoi [[Ayaz al-Tawil], o emir Carracoense, Sanscous de Halabi, o duque Dorderino Hedredino, o duque Serbet de Harengo, o emir de Souz, o emir Bedredino, o emir dos curdos, o emir de Boysseleth, o emir de Gibel [Jableh], o emir Sassaquio, o emir de Kerak[42], o emir Varadino, e Elyas e Jebedino, o duque Altilabano, com 300 turcos, conduzindo consigo dez emires, preparados de modo que cada companhia estava bem suprida de armas. Ainda além desses anteriormente citados, Saladino possuía 500 mil sarracenos, partos, beduínos, árabes,

---

[35]A totalidade da enumeração dos príncipes de Saladino é omitida nos manuscritos A e G. Nestes manuscritos, segue-se após a seção anterior o texto a parte final desta seção: *Parthi, Bedoini [Beouini, G.] et Arabes, Medi, Cordini et Ægypti, sicut loco, ritu, et nomine diversi sic in excidium Terrae Sanctae unanimiter omnes accensi*. Partos, beduínos, árabes, medos, cordinos e egípcios, que como eram de locais, religiões e nomes diversos, assim todos eram igualmente reunidos na destruição da Terra Santa.

[36] Norahadinus, Nur ad-Din. Nicholson (1997, p. 30) escreve: “Mayer (1962) aponta que isso parece indicar Nur al-Din Muhammad ibn Qara-Arslan, senhor de Amid, mas ele havia morrido em 1185.” Tradução nossa.

[37] Amiza na edição de William Stubbs do Itinerarium. Nicholson também traduziu assim. Como uma tradução para o português não foi encontrada, adotou-se a tradução de Nicholson.

[38] De acordo com Nicholson, página 30, provavelmente trata-se de ‘Izz al-Din Mas‘ud, senhor de Mosul.

[39] Para Nicholson, página 30, provavelmente Shams al-Din Sonqor.

[40] Provavelmente Mujahid al-Din Yurun-Qush, de acordo com Nicholson, página 30.

[41] Para Nicholson, página 30, provavelmente Saif al-Din Bektimur, lord of Khilat

[42] Nicholson menciona que, de acordo com Mayer, este seria al-Adil, irmão de Saladino e senhor de Kerak, que, entretanto, não cairia para Saladino até 1188.

medos, cordinos e egípcios, que, sendo de locais, religiões e nomes diversos, estavam todos igualmente reunidos na destruição da Terra Santa.

Sobre a traição do conde de Trípoli. [43]

Dizia-se que o conde de Trípoli de forma fraudulenta se apresentou para conduzir nosso exército contra os inimigos. De acordo com aquilo que combinara entre ele e Saladino, intencionava antes à traição do seu povo.

Sobre a visão que apareceu ao camareiro do rei Guido.[44]

Com o nosso povo marchando pelo caminho, quando já se aproximava o dia fatal, apareceu uma visão terrível ao camareiro do rei. Ele viu que uma certa águia sobrevoava o exército cristão, carregando sete dardos e uma balista nos pés, e com voz terrível clamava: "Ai de ti, Jerusalém".

Cremos que é suficiente ler a Escritura para compreender o mistério dessa visão: "O Senhor retesou o seu arco e nele preparou instrumentos de morte" [Sl 7, 12-13][45]. O que são, então, os sete dardos, se não indicam figurativamente os sete pecados, pelos quais o infeliz exército estava prestes a ser destruído? Pode-se ainda, desse número sete, interpretar a totalidade das penas iminentes a todos os cristãos.

Tais fatos, não muito tempo depois, o desenlace da situação, intérprete terrível, demonstrou serem bastante precisos.

Como os cristãos foram massacrados, e como a cruz de Cristo foi capturada, juntamente com o rei Guido e Acre, e a Terra da promessa conquistada.[46]

Ainda não se havia iniciado o conflito, quando o já citado Conde recuou do local, quando as linhas de combate ainda avançavam uma contra a outra na mesma formação de guerra, não longe de Tiberíades, no local chamado Marescália [Meskenah]. Simulando, então, uma fuga para que as nossas fileiras se dissipassem, como dizia [o rumor], separou-se delas, de

[43] Esta seção é omitida nos manuscritos A e G.
[44] Rubrica omitida no manuscrito A.
[45] O texto varia de acordo com a tradução:
[46] Rubrica omitida no manuscrito A.

modo que causasse medo ao seu próprio povo, a quem deveria se apresentar em auxílio, e de modo que incitasse animosidade nos inimigos, de acordo com o combinado.

Então o Senhor encerrou com a espada o Seu povo confundido pela crise, e, cobrado o preço dos pecados dos homens, abandonou a sua hereditariedade ao assassinato e ao crime. O que mais devo dizer? Nem a tenacidade da minha intenção nem a imensidade da dor me permitem ajustar as canções aos detalhes, mas – para que se encerre tanto com pouco – tantos ali foram mortos, tantos foram feridos, tantos foram lançados às correntes, que a nossa gente dizimada causou compaixão aos inimigos. Mesmo aquele lenho da Cruz salutar e vivificadora, no qual pendeu nosso Senhor e Redentor, em cujo tronco fluiu o piedoso sangue de Cristo, cuja imagem adoram os anjos, veneram os homens, temem os demônios, por cuja proteção os nossos sempre foram vitoriosos na guerra, ó, foi agora capturado pelo inimigo. E os portadores da Cruz, o bispo de Acre e o cantor do Sepulcro do Senhor com ela igualmente sucumbiram; aquele foi morto, este capturado. Tendo caído a Cruz por terra, o rei Guido se compadeceu, e, de fato, colocando nela a sua esperança, correu e a abraçou, de forma que; se agradasse a Deus, ou a resgataria ou certamente tombaria com ela.

A Cruz santa suportou esse outro insulto depois de Cosroes, o rei dos Persas, por causa dos nossos erros, a Cruz que a nós absolveu de um antigo jugo de cativeiro, por nossa causa foi conduzida cativa e tocada pelas mãos profanas dos pagãos. Veja, se tem inteligência, [que essa é] a ira de Deus; de fato, quão grande é a iniquidade dos servos, quando os pagãos são considerados menos indignos da guarda da Cruz do que os cristãos!

Nada igualmente lamentável aconteceu nos tempos antigos, pois nem a Arca do Senhor, nem o cativeiro dos reis dos Judeus podem se equiparar à calamidade de nosso tempo, no qual o rei da gloriosa Cruz é conduzido cativo. Dos cativos, dos quais surgiu uma multidão não menos digna de admiração do que de compaixão, uma parte foi deixada ilesa de acordo com o arbítrio do vencedor, e a outra parte a espada assassina enviou para o céu, tão feliz quanto com rápido método.

Como Saladino decepou a cabeça do príncipe de Antioquia e ordenou que os Templários e os guerreiros excepcionais fossem mortos.

Entre outros, Reinaldo, príncipe de Antioquia, foi apresentado ao sultão, a quem o próprio tirano, ou por ter seguido sua fúria, ou por deferência à excelência de tal homem, cortou com sua própria mão a velha e emérita cabeça. Também os templários, quantos fossem, exceto

o mestre da Milícia, mandou que fossem decapitados. Fez exterminar completamente aqueles que sabia que, na guerra, prevaleceriam sobre os demais.

Ó zelo da fé! Ó fervor da alma! Muitas pessoas, tendo recebido a tonsura dos templários, em disputa, juntaram-se para ir até os executores, e sob a piedosa fraude da nova profissão, alegremente abaixaram o pescoço para a espada de execução. Entre esses soldados de Cristo, havia um certo templário, chamado Nicolau, que, de tal forma persuadira os outros a desejar a morte que se seguiria, que precedeu os outros que disputavam, e ele mesmo pôde, ao final, obter em primeiro lugar a glória do martírio, que ele desejava sobremaneira. Não faltou nem mesmo o miraculoso poder da Divina Misericórdia. Isso porque pelas três noites seguintes, quando os corpos dos santos mártires jaziam ainda insepultos, reluziu um inquestionável raio de fogo do céu.

Saladino, por fim, quando já se silenciara estrondo da guerra, observava aqui, serem conduzidos os cativos, e ali, jazer por toda parte os que sucumbiram, tendo os olhos erguidos ao céu, deu graças a Deus pela conquista da vitória. Assim se acostumou a fazer em tudo que prosperava.

Mas, entre outras coisas, conta-se que ele muitas vezes dizia que não foi o seu poder, mas a nossa iniquidade que lhe conferiu aquela vitória. Aquele evento, que não era insólito, comprovava isso. Em outras batalhas, o nosso exército, por menor que fosse, sempre vencia com a proteção do Senhor. Agora, porém, porque nem nós estávamos com o Senhor, nem o Senhor conosco, nosso povo sucumbiu diante do conflito, ainda que fossem calculados mais de vinte mil soldados. Ao contrário, a força militar de todo o reino se direcionara de tal modo para essa guerra fatal por édito régio, a ponto que só aqueles que a idade, o sexo e a enfermidade fizeram totalmente incapazes de portar armas permaneceram na guarda das fortalezas e cidades. Essa guerra se fez no dia da transladação de São Martinho; e unida a um destino infeliz, de uma única vez, trouxe toda a glória do reino e a destruiu.

Por consequência, O sultão, derrotados os defensores, acreditou ser fácil ocupar as fortificações da terra, e vencedor conduziu o rei cativo através dos os acampamentos da Síria, para que, destinado à zombaria, fosse ostentado pelas cidades tomadas, e incitasse o povo à rendição. Vindo então para Acre – ela mesma a primeira e que primeiro ele tomou sem nenhum ataque – a partir de um acordo, os cidadãos passaram a ter liberdade para transferir a si e as suas coisas para onde a mente guiasse.

CAPITULUM IX

Jerusalem capitur[47]*, et populus redemptus expellitur, non redemptus captívus ducitur*[48].

Fatis itaque successum urgentibus, Jerosolimam victor tam festinus quam infestus aggreditur, urbem obsidet, machinas extruit, loca sacra sacrilegus irreverenter machinas invadit. Erat crux quaedam lapidea quam olim milites nostri, cum hanc urbem post Antiochiam, victoriose cepissent, in titulum facti supra murum erexerant, hanc ictu phalaricae, gens saeva diruit; et cum ipsa partem muri non parvam prosternit. Cives equidem, quas possunt defensiones objiciunt sed quicquid tentatur a nostris caret effectu, profectum non invenit; arcus, balistae, petrariae inutiliter tractantur ; sicque tam arma quam machinae iram Domini manifeste denunciant, et urbis praeloquuntur excidium. Illuc undique quamplurimi e castris vicinis confluxerant, de loci potius sanctitate quam de munitione confisi, sed in tanta hominum multitudine bis septem milites vix poterant inveniri. Caeterum sacerdotes et clerici, quanquam professioni suae indebitum, pro tempore tamen officium militandi assumunt , et pro domo Domini strenue dimicant, illud tenentes memoriter, quod vim vi repellere, omnes leges permittunt et jura. Vulgus vero tam ignavum, quam pavidum, ad patriarcham et ad reginam, qui tunc urbi praeerant frequenter occurrit, flebiliter queritur, instanter suplicat, ut cum Soldano de urbe tradenda quam citius paciscantur. Verum flenda magis quam commendanda pactio intercedit; nam singuli capitis sui censum de pendunt, vir quidem bizantios decem, mulier quinque, infans unum; et quisquis ad solvendum non sufficit, tenetur captivus. Sic ergo contigit ut cum plerique, vel de rebus propriis vel aliunde mendicato subsidio, salutis suae pensionem dedissent, reliquorum qui sine redemptore superfuerant quatuordecim millia jugum perpetua servitutis subirent. Illis autem qui libertatem emerant, haec optio fuit proposita, ut vel Antiochiam pergerent vel Alexandriam transfretandi gratia, dato conductu migrarent. Dies illa, dies amara valde, qua populus exul abinvicem discedit, in diversa iturus, urbemque tam sacram deserit, urbem quae domina urbium in servitutem redigitur; urbem quae filiorum haereditas alienigenis subditur, a malitia habitantium in ea. Gloriosa civitas Dei Jerusalem, ubi Dominus passus, ubi sepultus, ubi gloriam resurrectionis ostendit, hosti spurio subjicitur polluenda; nec est dolor sicut dolor iste, cum hii sepulchrum possideant, qui sepultum persequuntur; crucem teneant qui Crucifixum contemnunt. Hanc autem sacratissimam civitatem circiter octoginta novem annos gens nostra tenuerat, ex quo ipsam pariter cum Antiochia victoriosa

[47] No Manuscrito A: capitur] et ludibrio habetur
[48] No Manuscrito A: captivus ducitur] captivatur.

Christianorum recuperavit potentia, cum eam prius gentiles per annos quadraginta possedissent. Anno enim Domini MXCIX Boimundus, Raimundus, Tancredus, dux Godefridus, Robertus comes Normanniae, et alii Franci eam ceperant, expulsis Saracenis. Saladinus autem, expulsis Christianis, eandem cepit anno Domini MCI.XXXVIII. Urbe reddita, praeco legis Mahumeticae eminentem Calvariae rupem conscendit ; et ibi lex spuria declamata personuit, ubi legem mortis Christus in cruce consumpsit. Nefas aliud atrocissimi hostes aggressi: crucem quandam quae supra pinnaculum ecclesiae Hospitalariorum posita eminebat, alligatis funibus dejecerunt, et eam turpiter consputam et caesam per urbis sterquilinia in improperium fidei nostrae traxerunt.

Capítulo IX

Jerusalém é capturada. O povo redimido é exilado e o não redimido, conduzido cativo.

Com os Fados pressionando para o sucesso, o vencedor atacou Jerusalém tão rapida quanto perigosamente. O profano sitiou a cidade, construiu máquinas e irreverentemente invadiu os locais sagrados. Havia uma cruz de pedra que os nossos cavaleiros outrora, quando haviam conquistado essa cidade, depois de terem conquistado Antioquia, fizeram erguer sobre um muro, em honra do acontecido. O povo selvagem a destruiu com um ataque de uma catapulta e com ela caiu uma parte não pequena do muro.

Os moradores lançaram mão de quantas defesas puderam, mas o que quer que tenha sido tentado pelos nossos careceu de efeito, e não se alcançou sucesso. Arcos, balistas e trabucos foram inutilmente utilizados. E assim, tanto armas quanto máquinas mostraram claramente a ira do Senhor e anunciaram a destruição da cidade. Muitos haviam saído das fortalezas vizinhas e de toda parte para lá, a confiar mais na santidade que na defesa do local.

Além disso, sacerdotes e homens do clero, embora fosse indevido para esses cargos, mesmo que naquela ocasião, assumiram o ofício militar, e pela casa do Senhor lutaram vigorosamente, tendo aquilo em mente, que todas as leis e direitos, escritas e não escritas, permitem repelir a força com a força.

Já o povo comum, tão amedrontado quanto atemorizado, acorreu ao patriarca[49] e à rainha[50], que, então, estavam no comando da cidade, reclamando em prantos e suplicando insistentemente para que fossem feitos acordos o mais rápido possível com o sultão para render

[49] Heráclio de Cesareia, patriarca latino de Jerusalém de 1180 a 1191.
[50] Rainha Sibila de Jerusalém

a cidade. Mas o acordo que ocorreu deve ser mais lamentado que comemorado, pois cada um pagaria o valor de sua própria cabeça: dez bezantes[51] por homem, cinco por mulher, um por criança. Qualquer um que não tivesse o suficiente para pagar era mantido prisioneiro.

Assim, então, aconteceu que, ainda que muitos tenham entregado o pagamento de seu resgate, com as próprias posses ou tendo pedido ajuda de outros, restaram sem resgate 14.000, que tomaram o fardo da servidão perpétua. Já para aqueles que obtiveram a liberdade, foi proposta esta opção: que fossem para Antioquia ou que migrassem, dada a permissão, para Alexandria, com o objetivo de cruzar o mar. Naquele dia, um dia tão amargo, em que o povo exilado se separou, indo por caminhos diferentes, e deixou a Cidade tão santa, a cidade, que é a senhora das cidades, foi reduzida à servidão. A cidade, que era a herança dos seus filhos, foi subjugada por estrangeiros, por causa da maldade dos seus habitantes. Jerusalém, gloriosa cidade de Deus, onde o Senhor padeceu, onde foi sepultado e onde revelou a glória da ressurreição, foi submetida a um inimigo espúrio para ser desonrada. Não há dor como esta dor, quando possuem o sepulcro esses que perseguem o sepulto, e quando têm a cruz os que desprezam o crucificado.

O nosso povo possuíra essa santíssima cidade por cerca de 89 anos. A vitoriosa força dos cristãos recuperou-a juntamente com Antioquia, quando os pagãos a haviam possuído por quarenta[52] anos. Mas no ano do Senhor de 1099, Boemundo, Raimundo, Tancredo, o duque Godofredo, Roberto, conde da Normandia, e os outros franceses a tomaram, expulsando os sarracenos. Contudo, Saladino, expulsos os cristãos, a tomou no ano 1188 do Senhor[53]. Rendida a cidade, o arauto da lei maometana subiu a eminente rocha do Calvário, e de lá, onde Cristo na cruz consumou a lei pela sua morte, declamando a lei espúria, vociferou. Os terríveis inimigos deram procedimento a outro crime inenarrável: Havia uma certa cruz, que se projetava posta sobre o pináculo de uma igreja dos Hospitalários. Amarrando uma corda a ela, a derrubaram, e arrastaram-na, tendo cuspido torpemente nela e a despedaçado, pela sujeira da cidade em ofensa à nossa fé.

CAPITULUM XVII

Qualiter archiepiscopus Tyri per orbem terrarum nunciat destructionem Terrae Sanctae.

Talia dum apud Palaestinam aguntur archiepiscopus Tyri, navi conscensa, tantae cladis nuncium jam ad orbem Christianum detulerat, et terrae tam modicae vulnus terris omnibus

[51] Moeda de ouro do Império Bizantino.
[52] Apesar de o texto trazer “quadraginta”, ou seja, 40, na verdade trata-se de 400 anos.
[53] Os manuscritos A e G trazem a data de 1188. A nota indica que o A e o G omitem esse trecho

intulit laesionem. Fama rerum ad aures principum allapsa decurrit, et universis fidelibus baereditatem Christi a gentibus occupatam nuncians, quosdam concitat ad lacrymas alios accendit ad vindictam.

Ricardus comes Pictavensis primus crucem suscepit.

Primus omnium magnanimus Pictaviae comes Ricardus ob ulciscendam crucis injuriam cruce insignitur, et omnes praecedit facto, quos invitat exemplo. Pater ejus rex Anglorum Henricus jam vergebat in senium; ipse tamen et patris canitiem, et regni jus sibi debitum, et itineris tanti difficultates dissimulat, nec ullis occa sionibus a coepto declinat. Hanc viri constantiam Dominus remunerandam judicans, quem primum aliorum omnium incentorem elegit, eum caeteris principibus vel defunctis vel regressis negotii Sui executorem reservavit. Hic licet comes crucem accepit, iter tamen peregrinationis post mortem patris rex factus arripuit.

Rex Franciae et rex Angliae crucizantur.

Post aliquantum tempus rex Francorum Philippus et rex Angliae Henricus apud Gizortium crucizantur, quos utriusque regni principes et innumeri tam ecclesiasticae quam etiam saecularis militiae viri, voto pariter et effectu sequuntur. Sed de his tribus principibus, et de peregrinatione Ricardi regis Angliae et Philippi regis Francia, latius infra dicemus et plenius. In tantum vero novae peregrinationis fervebat studium ut jam non esset quaestio quis crucem susciperet, sed quis nondum suscepisset. Plerique colum et pensa sibi mutuo transmittebant innuentes occultius, ut ad mulie bres operas turpiter demigraret quisquis hujus militiae in veniretur immunis; ad tam insigne certamen et nuptae viros, et matres incitabant filios, quibus dolor unicus erat propter sexus ignaviam comproficisci non posse.

Capítulo XVII-

Como o arcebispo de Tiro anunciou a destruição da Terra Santa para a Terra.

Enquanto ocorriam tais coisas na Palestina, o arcebispo de Tiro,[54] tendo embarcado em um navio, já levara o anúncio de tão grande desastre ao mundo dos cristãos, e a ferida de tão pequena terra trouxe dor para todas as outras. Rumores desses fatos correram aos ouvidos dos príncipes e, anunciando a todos os fiéis que a herança de Cristo foi ocupada pelos pagãos, levou alguns às lágrimas e inflamou a vingança em outros.

Ricardo, conde de Poitou, foi o primeiro a tomar a cruz.

O nobilíssimo conde de Poitou, Ricardo, foi o primeiro que recebeu a cruz para vingar as injúrias feitas à cruz, e precedeu na ação a todos, aos quais estimulou pelo exemplo. Seu pai, Henrique, rei dos ingleses, já definhava na velhice. Ele, no entanto, ignorou os cabelos brancos do pai, o reino destinado a si por direito e as dificuldades de tão grande caminho, e não se desviou do que havia começado em nenhuma ocasião.
O Senhor, julgando que a constância desse homem deveria ser recompensada, escolheu-o o primeiro de todos os outros, e reservou a ele ser o executor de seus negócios, quando os outros príncipes ou estivessem mortos ou retornassem. Apesar de o conde ter tomado a cruz, tomou o caminho da peregrinação apenas após a morte de seu pai, sendo coroado rei.

O rei da França e o rei da Inglaterra tomam a cruz.

Após certo tempo, o rei dos franceses, Felipe, e o rei da Inglaterra, Henrique, perto de Gisors, tomaram a cruz. Os princípes de ambos os reinos, e os seguiram aos dois inúmeros homens de milícias, tanto eclesiásticas quanto seculares [monges e cavaleiros], tanto em juramento quanto em fidelidade. Mas sobre esses três príncipes, e sobre a peregrinação de Ricardo, rei da Inglaterra, e Felipe, rei da França, falaremos mais longa e integralmente. De fato, fervia em tamanho entusiasmo pela nova peregrinação, que a questão já não era quem tinha assumido a cruz, mas quem ainda não tinha assumido. Muitos distribuíam entre si roca e lã, indicando secretamente que se rebaixaria vergonhosamente ao trabalho feminino qualquer um deles que fosse descoberto se abstendo do ofício militar. Para tal insigne combate as noivas incentivavam os homens, e as mães, os filhos - a elas a única dor era não poder acompanhá-los por causa da fraqueza do seu sexo.

[54] Guilherme, arcebispo de Tiro e cronista das cruzadas.

CAPITULUM XVIII

Frethericus imperator Alemanniae crucem suscipit, et Saladinum per nuncium diffiduciat.

Tempore decurso, Romanorum imperator Frethericus sacrae peregrinationis assumit insignia, et veri formam peregrini, tam exteriore habitu, quam interiore depromit aftectu. Vir tantus, cujus imperium hinc Mare Mediterraneum, hinc Borealis claudebat Oceanus, cujus gloria continuis crevit victoriis, cujus fidelitas non sensit offensam, omnem blandientis saeculi postponit illecebram, et humilis pro Christo accingitur pugnaturus. Eius strenuitas, praesertim in annis algentibus, non minus stupenda quam laudanda est ; nam cum senior esset, et filios haberet, quibus et aetas et virtus ad militandum aptior videbatur; eos tamen tanquam insufficientes reputans, ipse Christianismi negotium procurandum suscepit; filiis autem instantibus, ut vel pro illo vel cum illo susceptae militiae munus implerent, illum qui natu major erat, regnantem reliquit; alium vero quem ducem Suavorum fecerat, secum assumpsit. Et quia imperialis majestas neminem citra diffiduciationem impetit, hostibus suis bella semper indicit: destinatur ab imperatore nuncius cum litteris suis signatis ad Salahadinum, ut vel Christianorum universitati, quam laesit, satisfaciat in plenum, vel diffiduciatus, se preparet ad congressum.

Capítulo XVIII-

Frederico, imperador da Alemanha toma a cruz, e desafia Saladino por meio de uma mensagem.

Decorrido algum tempo, Frederico, o imperador dos romanos, recebeu as insígnias da santa peregrinação, e tomou a forma do verdadeiro peregrino, tanto pela veste exterior quanto pela disposição interior. Tão grande homem, cujo império abarcava desde o Mar Mediterrâneo até o Mar do Norte, cuja glória continuamente crescia por vitórias, cuja constância não sentia insultos, desprezou todo o encanto sedutor do mundo, e humildemente se armou para lutar por Cristo. O seu zelo, sobretudo nesses anos longevos, não deve ser menos admirado que louvado; pois mesmo que fosse ancião e que tivesse filhos, dos quais a força e a virtude pareciam mais apropriadas para o combate, como ainda os considerava despreparados, ele mesmo tomou a administração dos assuntos do Cristianismo. Porém, insistindo os filhos para que, ou no lugar dele, ou com ele, executassem o trabalho da campanha recebida, deixou governando aquele que era mais velho; já um outro, que fizera duque dos Suábios, levou consigo. Como a majestade imperial não atacava ninguém a não ser por desafio, foi enviado pelo imperador a Saladino uma

mensagem assinada com sua própria assinatura, de modo que, ou compense plenamente a totalidade dos cristãos, que injuriou, ou desobedecendo, que se preparasse para a guerra. [...]

CAPITULUM XXIV

In Armeniam veniens imperator Frethericus in flumime Selefii submergitur, et filius suus dux Suaviae super exercitum erigitur.

Jam victor exercitus Armeniae fines ingreditur: laetantur omnes, quod hostile emensi regnum, securi fidelium arvis insederint. Sed heu ! Terra occurrit funestior, guae cunctorum laetitiam et lumen extinguit. Accedat homo ad cor altum, et investiget si possit consilia Domini, cujus judicia abyssus multa. Occurret nonnunquam unde stupeat, unde t urbetur; ita tamen, quod in omnibus Auctorem omnium noverit commendandum. Erat locus in Armeniae sinu, quem hine montes ardui, hinc Selefii flumen praeterfluens coarctabat : quadum summarii et sarcinae transeunt victoriosus imperator subsistit. Vir quidem inclytus, cujus statura mediocriter eminens, crimes rutili, barba rubens, utrinque interfusa canities; supercilia prominent, ignescunt oculi: gena brevior in amplum extenditur: pectus et humeri diffunduntur, sed et descriptio corporis in virum consurgit. In illo itaque, quod de Socrate legitur, insigne quiddam ac stupendum enituit: nam constantiam animi exprimebat vultus, semper idem et immobilis permanens, nee dolore obscurior, nec ira contractus, nec dissolutus laetitia. In tantum vero nativum Alemanniae venerabatur eloquium, ut quanquam alterius linguae non inscius esset, aliarum tamen gentium missis, non nisi per interpretem loqueretur. Vir tantus, cum propter praeeuntes summarios diutius substitisset, tandem mora in taedium vertitur; et iter anticipare cupiens, flumen proximum transmeare disponit, ut illud a parte summariorum anteriore remensus ad viae redeat libertatem. O mare ! O terra ! O coelum ! ille Romani moderator imperii, semper Augustus, per quem Romae veteris refloruit gloria, re vixit honos, potestas excrevit: heu ! aquis deperit in terceptus, et licet undique in subsidium collaterales festinent, vitte tamen senilis igniculum mors praeceps et matura extinguit. At si libido natandi, sicut ple rique asserunt, mortis causam intulisse dicatur , ipsius viri gravitas in contrarium disputat ; nec fidem meretur, quod tantorum salutem, natator invalidus undis fallacibus commisisset. Conscientia teste, mors minus quam modus mortis sollicitat, sed hoc nobis in sola tium venit, quod scriptum legitur: Justus quacunque morte preoccupatus fuerit, in refrigerio erit. Ei si montes Gelboae, caesis Israel fortibus roris pluviaeque beneficio meruere privari, quid huic fluvio tam funesto imprecemur condignum, qui praecipuam totius Chris tianismi columnam

subvertit. Fuere qui dicerent locum illum fataliter ab antiquo damnatum, et silicem proximam hos apices dudum servasse inscriptos : HIC HOMINUM MAXIMUS PERIBIT.

Capítulo XXIV-

Entrando na Armênia, o imperador Frederico afoga-se no rio Saleph, e seu filho, o duque da Suábia[55]*, é posto no comando do exército.*

Então o exército vitorioso[56] entrou na fronteira da Armênia: alegravam-se todos, pois, tendo sido atravessado o reino hostil, entraram em uma região segura de fiéis [cristãos]. Mas ai! Entraram em uma terra mais fatal, que extinguiu a alegria e a luz de todos. Dirija-se, homem, a um pensamento elevado, e investigue, se pode, as decisões do Senhor, cujos julgamentos são como o abismo [Sl 36, 6]. Ocorrerá às vezes que ficará admirado, às vezes se assustará, para que assim saiba se recomendar em tudo ao Autor de todas as coisas. Havia um local no centro da Armênia que era fechado, de um lado, por altas montanhas, e do outro, pelo curso do rio Saleph. Enquanto atravessavam os suprimentos e os equipamentos, o vitorioso imperador aguardou. Homem sem dúvida ilustre, cuja estatura pouco excedia [a média], cabelos vermelhos, barba ruiva, fios grisalhos mesclados em ambos, sobrancelhas proeminentes, os olhos flamejantes, as bochechas magras extendiam-se amplas, peito e ombros largos, e também sua forma física se eleva [toda] ao masculino. Neste, como está escrito de Sócrates, algo notável e estupendo irradia, pois o seu rosto exprimia a constância do espírito, permanecendo sempre o mesmo e imóvel, nem mais obscurecido pela dor, nem contraído pela ira, nem relaxado pela alegria.

Tanto amava o idioma nativo da Alemanha, que, mesmo que não desconhecesse outras línguas, ainda assim não falava aos mensageiros de outros povos a não ser por um intérprete. Esse grande homem já esperava há muito tempo por causa dos suprimentos que iam adiante, e eventualmente a demora se tornou tédio; desejando antecipar a travessia, resolveu atravessar o rio, para que, chegando antes dos suprimentos, obtivesse a liberdade da estrada. Ó mar! Ó terra! Ó céu! Aquele soberano do Império Romano, sempre Augusto, por quem a antiga glória de Roma ressurgiu, reviveu a honra e cresceu o poder. Ai! pereceu detido pelas águas, e apesar de companheiros apressarem-se de toda parte em seu socorro, a morte antecipada e prematura extinguiu a centelha de sua vida idosa.

[55] Região do sudoeste da Alemanha.
[56] O capítulo anterior descreve os conflitos com os turcos pela travessia da Anatólia.

Diz-se que o que trouxe a causa de sua morte foi seu desejo de nadar, como muitos alegaram. Mas a gravidade do homem indica o contrário. Não merece crédito a ideia de que ele, de quem tantos dependiam, e sendo um fraco nadador, entrasse em ondas traiçoeiras. Digo com a consciência como testemunha, o modo da morte preocupa menos do que a própria morte, mas nos vem como consolo o que está escrito: "Quanto ao justo, mesmo que seja levado pela morte prematuramente, terá repouso" [Sb 4, 7.]. E se a montanha de Gilboa mereceram ser privadas do benefício do orvalho e da chuva ao serem mortos os fortes de Israel57, imprecamos ser merecido que isso ocorra a esse rio tão funesto, que destruiu tal coluna do Cristianismo. Houve quem disse que aquele lugar fora fatalmente amaldiçoado desde antigamente, e, em uma pedra próxima, estão inscritas essas letras:

"AQUI O MAIOR DOS HOMENS PERECERÁ"

CAPITULUM XXV

Rex Guido Jerosolimorum apud Damascum a vinculis solvitur et Tripolim petit, ubi exercitum colligit, et Achon properat, ut ibi cum hostibus congrediatur.

Rex Jerosolimorum Guido, cum prius apud Damascum per annum fere tentus fuisset in vinculis, Salahadinus illum sub districta pactione, sicut diximus, absolvit ; videlicet ut ahjurato regno, mare guam citius exul transiret. Hanc jurisjurandi fidem clerus regni cassandam deliberat ; tum duia metu facta irritari merentur; tum ut venturae fidelium acies caput inve niant et ductorem. Dignum sane quod ars artem deluderet, quod tyranni perfidia suo fraudaretur ex emplo ; nam promissor lubricus parem promittentis levitatem invitat. Perfidus ille, pacti prioris fines et fidem transgressus, a rege captivo injuriis multis extor serat, ut praestito sacramento, libertati redditus exul abiret. Dira libertas, quae importat exilium; dura liberatio, guae regnum abjurat. Sed ordinante Domino, dissipatum est consilium Belial, nam et retinendi regni fiducia tyranno excutitur , et rex a promissionis ex cessu, cleri judicioexcusatur. Venerant igitur injuriae crucis ultores eximii ; venerant athletae insignes quos as consolationem tuam, Jerusalem, fervor undique devotus excivit. Ecce! jam orbis tibi universus militat, ut ad impletum constet, quod per Isaiam prophetam dicitur, "Ab Aquilone adducam semen tuum et ab occidente

[57]"Montanhas de Gelboé, nem o orvalho nem a chuva se derramem sobre vós, campos férteis, pois foi maculado o escudo dos heróis! "BÍBLIA, A.T. 2, Samuel 1, 21. *In:* Bíblia de Jerusalém. Tradução: Ivo Storniolo. São Paulo: Editora Paulus, 2002. p. 433.

congregabo te, Dicam Aquiloni, da ; et Austro, noli prohibere.". Sic ergo cum plurimi Tripolim ad regem confluxissent, quo eum supra diximus vemisse, bellator cunctis incaluit animus, ut non solum tueri retenta, sed et recuperare perdita decertarent.

Capítulo XXV

Guido, rei de Jerusalém, é liberto de seu cativeiro em Damasco e vai para Trípoli, onde reúne um exército e avança para Acre, para ali confrontar os inimigos.[58]

Saladino, como já dissemos, libertou Guido, rei de Jerusalém, ao ter sido anteriormente retido em cativeiro, em Damasco, durante quase um ano, sob uma estrita condição, de modo que, abdicando reino, fosse ao mar para o exílio o mais rápido possível. O clero do reino considerou nula essa fidelidade do juramento, tanto porque juramentos feitos por medo mereciam ser desconsiderados, quanto para que os exércitos de fiéis que chegavam tivessem um líder e comandante. Era apropriado e razoável que a astúcia trapaceasse a astúcia, e que a perfídia do tirano seja enganada pelo seu exemplo; um jurador pérfido convida a prometer igual inconstância. Aquele traidor transgrediu os termos e a fidelidade ao acordo anterior, arrebatara aprisionado um rei com muitas ofensas, para que, oferecido um acordo, partisse para o exílio em troca da liberdade. Terrível liberdade, que causa o exílio; dura libertação, que abdica um reino. Mas por ordem do Senhor, foi desfeito o plano de Belial, também foi derrubado o juramento feito ao tirano de se retirar do reino; e o rei foi liberto da promessa, escusado pelo veredito do clero. Vieram então os notáveis vingadores das ofensas da cruz; vieram os insignes atletas que, para a sua consolação, Jerusalém, o fervor devoto de toda parte convocou. Eis! Agora todo o orbe milita por ti, para que se cumpra totalmente o que foi dito pelo profeta Isaías: 'Do Norte trarei a sua descendência, e do ocidente te reunirei. Direi ao Norte: "Entregue-os! " e ao Sul, "Não o retenhas! ", [Is 43, 5-6]. Desse modo muitos tinham se reunido ao rei em Trípoli, como dissemos acima, e o espírito da guerra inflamou a todos, para que lutassem não apenas para proteger os [territórios] mantidos, mas para recuperar os perdidos. [...].

INCIPIT LIBER SECUNDUS

[58] No manuscrito B, a rubrica aparece nesse lugar, mas o capítulo equivalente a ela é omitido.

CAPITULUM I

De regibus Angliae et Franciae.

Post Pascha venit eo rex Francise Philippus, et non multo post rex Anglorum Ricardus, quorum ut plenius innotescat series itineris, altius a processu eorum a regionibus suis texenda videtur narratio, duatenus ordinem gestorum digerente stilo, consequenter dedu cantur usque ad supradictam civitatis Achon obsidionem.

LIVRO II

Capítulo I

Sobre os reis da Inglaterra e da França

Após a Páscoa, chegou Felipe, rei da França, e, não muito depois, chegou Ricardo, rei dos ingleses. Para que se conheça melhor o trajeto da viagem deles, parece que deve ser elaborada mais profundamente a narrativa de sua jornada desde a saída de seus países, seguindo com o estilo[59] até a ordem dos eventos, sendo levados consequentemente até o cerco supracitado da cidade de Acre.

CAPITULUM II

Tam Franci quam Angli certatim crucem suscipiunt.

Igitur hujuscemodi motus rerum, juxta praescriptam eventuum variationem,[60] ubique terrarum divulgante fama, dum narratur passim Terrae Sanctae civitates ab infidelibus occupatas, sancta data in opprobrium et conculcationem, Christicolas in direptionem et in praedam, ad exhortationem strenuissimi papae tunc Gregorii octavi concutiuntur regna, commota sunt imperia, et animati sunt diversarum nationum quam plurimi, maxime Franci et Angli, et signum Sanctae Crucis devote suscipere, et ad subventionem illius Sanctae Terrae tota

[59] Instrumento de haste pontiaguda, de ferro ou de osso, largo e chato em uma das extremidades para se escrever em madeira.
[60] variationem] narrationem, A.

se virtute expedire, et tanquam David, accenduntur in ultionem Philistiim, exprobrantium cum suo Goliath laborantibus olim agminibus Dei Israel. Summus quippe Pontifex sub obtinenda peccatorum omnium venia singulos diligenter exhortans, etiam eos qua praeditus erat auctoritate, a reatu praeteritorum commissorum absolvit, qui se tam pio, tam necessario instantius ingererent labori, eos argumen tans merito fore beatiores, quos zelus ferventior incitaret ad arripiendum iter sine dilatione proniores. Iter, inquam, eo magis commendabile quo causa justior, et opera eo multipliciter excellentior, quo locus desolatus ex divina mystica promissione sanctior, et ex humanati Dei nativitate, habitatione dedicatus est et passione : necnon et ab aliis quibuscunque regionibus divina electione secretus, et eo quod occupatus eruendus videretur ab Ethnicis, de quibus praeceperat Deus ne intrarent in Ecclesiam Suam. Hinc certatim curritur ad crucem suscipiendam a sacer dotibus alacri zelo et pia contentione, ut jam non fiat quaestio quis cruce fuerit insignitus, immo duis adhuc tam pio onere nondum accingeretur. Silent de caetero cantiones, abdicantur deliciae ciborum, luxus ves tium ; sopiuntur jurgia litigantium ; inter olim dis cordantes pax nova reformatur , intervenientibus com positionibus terminantur lites causarum ; et ex recenti occasione, quacunque causa, vel inveterato odio dissidentes, in novam gratiam revocantur. Quid plura? inspirante Deo fiunt omnes unanimes, quos provocat unica causa ad piae peregrinationis labores.

Capítulo II

Tanto os franceses como os ingleses tomam avidamente a cruz.

Houve uma mudança dos fatos de tal tipo, semelhante à variação de eventos já descrita, com o boato circulando por toda parte da terra, ao ser propagado em toda parte que as cidades da Terra Santa foram ocupadas pelos infiéis, coisas santas foram entregues à desgraça e à humilhação, cristãos entregues ao saque e à pilhagem, que, pela exortação do vigorosíssimo Gregório Oitavo, o papa de então, reinos foram agitados, impérios foram abalados, e muitos de diversas nações foram animados, especialmente os franceses e os ingleses, a tomar devotamente a insígnia da Santa Cruz, e se prepararem com toda a sua força para o resgate daquela Terra Santa. Como Davi, foram inflamados, em vingança contra os Filisteus, que insultavam outrora aos exércitos operários do Deus de Israel com seu Golias.

O Sumo Pontífice, exortando diligentemente cada um deles para obter o perdão de todos os pecados, pela autoridade que possuía, absolveu da culpa de todos os pecados passados cada um dos que tivessem tomado para si um trabalho tão pio, tão urgentemente necessário,

argumentando que, com o mérito, seriam mais bem sucedidos os viajantes cujo zelo fervente impelia para tomar a jornada sem demora.

Esse caminho era mais recomendável pois sua causa era mais justa. Essa obra era de muitas formas mais excelente, pois o local desolado era o mais santo por causa da divina promessa mística, e foi dedicado pela natividade, morada e paixão de Deus em humanidade; e ainda separado de qualquer outra região por eleição divina, e porque se via ocupado pelos pagãos, os quais Deus ordenara que não entrariam em Sua Igreja, deveria ser resgatado.

Daí em diante, correram ansiosamente para receber a cruz de bispos, com zelo ardoroso e piedosa competição, de modo que já não se fazia a pergunta (já não se perguntava quem ainda) de que fora assinalado com a cruz, mas ao contrário, quem ainda não fora armado por tão piedoso fardo.

Silenciam sobre outras canções, abdicam das delícias dos alimentos, do luxo das vestes, são aquietadas as disputas e contendas; entre os que outrora discordavam, foi firmada uma nova paz; foram findadas as causas legais de processos, e por causa do acontecimento recente, em qualquer causa, mesmo velhos inimigos de ódio foram reunidos em uma nova graça. O que mais direi? Com Deus inspirando, todos se tornaram unidos, aqueles a quem uma única causa enviou para os esforços da piedosa peregrinação.

CAPITULUM III

Henricus rex Angliae et Philipum rex Franciae, cum innumera multitudine inter Gisortium et Triam crucem suscipiunt.

Interea Ricardus, tunc comes Pictavensis, cruce primus insignitur, et cum eo innumera multitudo, quae tamen non tunc iter arripuit, interveniente mora, occasione dissensionis duorum regum, videlicet Philippi regis Franciae et Henrici regis Angliae patris ejusdem Ricardi comitis. Inveterata quidem guerra hos duos reges, sicut et eorum antecessores, Francos scilicet et Normannos, inexorabili et fere continua simultate sese in mutuos sollicitaverat incursus. Satagente demum plurimum quodam archiepiscopo terrae Jerosolimitanae, videlicet Tyri, praefixus est dies inter Gisortium et Triam concordia reformandae causa, inter duos reges. Venerat quippe nuncius predictus archiepiscopus, ut fidelium aliquos animaret et auxiliatores adduceret, ad recuperandam terram Jerosolimorum, transmissus specialiter ad regem Anglorum, cujus fama virtutum longe lateque super omnes reges universae terrae innotuit, super

prudentia, et gloria, et divitiis, et potentia virtutis ejus. Ea die concionis, diversa diversis sentientibus et varia loquentibus, in hoc denique utrius que regis resedit sententia, ut uterque crucem acciperet et uterque a terra exiret. Provide sic sibi videbatur uterque cavere, ne si forte alter remaneret, peregrinantis alterius regionem invaderet; neuter enim sine altero illud praesumebat. Confirmata vix demum hac utriusque sententia, cum praefati archiepiscopi benedictione, dato pacis osculo, eorum uterque crucizatur, et cum eisdem innumera gentis utriusque multitudo, partim Dei amore et peccatorum remissione, partim regum ipsorum respectu. Tantus itaque factus est eadem die crucem accipientium concursus, ut turba sese compri mens, prae intolerabili aestus fervore pene deficeret : testus quippe erat. Accusanda vero fuerat admodum itineris arripiendi dilatio. Fuerat autem humani generis inimici haec operatio, cujus interest et odium inexorabile suscitare, et perpetes fovere discordias, quo instigante reviviscit inter praedictos reges altercatio, et ex occasione levissima, seminarium querelarum : quorum utrumque superstitione diabolica, ne tanquam sure fame derogaretur et honori, gratis puduit humiliari, velut eo reputaretur abjectior et impotens, quo justitiae patientior, et obediens.

Capítulo III

Henrique, rei da Inglaterra, e Felipe, rei da França, tomam a cruz entre Gisors e Trie, junto com uma incontável multidão.

Enquanto isso, Ricardo, então conde de Poitou, foi o primeiro ser assinalado com a cruz, e com ele, uma multidão incontável, que no momento ainda não havia iniciado a jornada, com a intervenção de um obstáculo, por ocasião da discenção dos dois reis, Felipe, rei da França, e Henrique, rei da Inglaterra, pai do próprio conde Ricardo.

Uma disputa já antiga incitava os dois reis, como a seus antecessores, os franceses e os normandos, a ataques mútuos, em uma implacável e quase contínua rivalidade entre si. Finalmente, por muita insistência de um certo arcebispo da Terra de Jerusalém, a saber, de Tiro, foi afixado o dia entre Gisors e Trie para formar um acordo de conciliação entre os dois reis. Então tinha vindo o já mencionado arcebispo mensageiro para que exortasse alguns dos fiéis e conduzisse ajudantes para recuperar a terra de Jerusalém. Foi enviado especialmente ao rei dos ingleses, cuja fama das virtudes era conhecida ao longe e amplamente acima de todos os reis da terra inteira, sua prudência, glória, riqueza e poder de sua virtude. No dia daquela reunião, tendo sido ouvidas muitas opiniões e vários discursos tendo sido proclamados, finalmente cada um dos reis ratificou um acordo sobre isso, no qual cada um tomaria a cruz e deixaria a sua

terra. Parecia prudente cada um se precaver desse modo, para que, se por acaso algum permanecesse, não invadisse o território do outro que estivava peregrinando. Assim, nenhum dos dois ousaria partir sem o outro.

Finalmente confirmado com dificuldade o acordo, com a benção do já mencionado arcebispo, sendo dado o ósculo da paz, ambos receberam a sua cruz, e, junto com eles, uma incontável multidão do povo de cada um, em parte por causa amor de Deus e da remissão dos pecados, em parte por respeito aos próprios reis. Houve tamanha afluência dos que receberam da cruz naquele dia, que a turba, se comprimindo, ao ponto que quase desmaiasse por causa do fervor intolerável do calor. De fato, fazia muito calor.

A demora deles em tomar a jornada deve ser condenada. Isso fora obra do inimigo da raça humana, cujo interesse é suscitar um ódio implacável e fomentar discórdias perpétuas, que, instigando, reavivou a altercação entre os dois reis citados, e, de um pequeno problema, fez surgir uma semente de brigas. Por causa de suas superstições diabólicas, para que não fossem diminuídos em sua fama e honra, cada um envergonhou-se de ser humilhado, como se ele fosse reputado como mais covarde e impotente, ao ser mais submisso e obediente à justiça.

CAPITULUM V

Ricardus comes Pictaviae coronatur in regem Angliae.

Igitur eodem anno post obitum patris sui, Ricardus comes Pictavensis, ordinatis rebus in Normannia, tanquam transactis duobus mensibus, transfretavit in Angliam, et die Sancti AEgidii receptus est cum processione solemni ad Westmonasterium, et die tertia sequenti, videlicet in die ordinationis Sancti Gregorii papae, quae dies fuit Dominica, solemniter unctus est in regem, ex officio manum eidem imponente, et mini sterium exequente archiepiscopo Baldewino, assistenti bus suffraganeis ejus plurimis , et coronatus est, circumstantibus fratre suo comite Johanne, et matre eorum Alianora, quae post mortem regis Henrici, per mandatum filii sui Ricardi regis futuri, educta fuit a custodia in qua fuerat circiter decem annos, praesentibus etiam comitibus, et baronibus et militibus et infinita hominum multitudine ; et confirmatum est regnum in manum regis Ricardi. [...]

Capítulo V

Ricardo conde de Poitiers é coroado rei da Inglaterra

Naquele mesmo ano, após a morte de seu pai, Ricardo, conde de Poitiers, administrando seus negócios na Normandia, dirigiu-se para a Inglaterra, quando haviam passados dois meses, e, no dia de Santo Egídio, foi recebido com uma procissão solene em Westminster, No terceiro dia seguinte, no dia da ordenação do papa São Gregório, que foi em um domingo, foi solenemente sagrado rei, com o arcebispo Balduíno conduzindo o serviço, sendo esse ofício posto em sua mão, e com muitos de seus apoiadores assistindo. Então, foi coroado, estando presentes o seu irmão, o conde João, e a mão deles, Eleonora, que após a morte do rei Henrique, por ordem de seu filho e futuro rei Ricardo, foi retirada da custódia na qual estivera por cerca de dez anos; estando presentes condes, barões e soldados e incontável multidão de pessoas: e o reino foi confirmado na mão do rei Ricardo. [...]

CAPITULUM VI.

Ricardus rex, regni negotiis expeditis, in Normannia apud Liuns Nativitatem Domini celebrat, ex condicto[61] *sui et regis Franciae, contra eum as Vercielai ad festum Sancti Johannis Baptistae venturus*.

Igitur completa, sicut praedictum est, festivitate coronationis, surrexit rex Ricardus pro patre suo, et magnatum terrae fidelitatis securitate suscepta, sicut mori est, in signum subjectionis, singulis ejus praeminentiae submissis, a Londoniis recedens perambulabat terram, et post protectus est peregre ad Sanctum Edmundum cujus tune dies festivitatis instabat ; inde Cantuariam. Ad cujus imperium, ad episcopatus quorum nonnulli prius vacantes in manu patris sui tenebantur, electi sunt, et assentiente rege inthronizati, episcopi Ricardus thesaurarius Londoniensis, Godefridus de Luci Wintoniensis, Hubertus Walteri Salesberiensis, Willelmus de Longo Campo Elyensis, quem et fecit rex cancellarium suum et totius Angliae justiciarium. Simili quoque modo fecit idem rex episcopos ordinari ad vacantes episcopatus in aliis terris suis. Praeparatis itaque itineri necessariis, et regno Angliae disposito, quantum permiserat temporis angustia, sine mora rediit in Normanniam, et apud Lyuns Dominicae Nativitatis agebat festivitatem. Sollicitabat enim eum sine intermissione arripiendae suae peregrinationis intentio, votique solutio, moram aestimans periculosam, dum superesset debitum in choandum. Unde

[61] condicto] conducto, A. B.

scripsit regi Franciae se fuisse prorsus ad iter expeditum, ut et ipse quoque festi nanter procederet, argumentans patris exemplo quia "Semper nocuit differre paratis." [...]

Cum multo itaque necessariorum apparatu, non multo post, rex Francia Philippus exiens a Parisius civitate, quae est principium regni Franciae, apud Sanctum Dionysium profectus est; cujus se commendavit orationibus et meritis. Sicque suam inchoavit peregrinationem cum plurima multitudine. Tunc quoque eum eo peregre profectus est dux Burgundiae et comes Flandriae. Quis sufficeret singulorum cum suis copiis enarrare progressum ? Undique videres a diversis confluentes congregari, et unum ex pluribus exercitum coadunari[62]: pias lacrymas commiscentibus iis qui progrediebantur cum suis familiaribus, cognatis vel amicis, eosdem caritatis intuitu prosequentibus : discedentes nimirum amici ab erumpentibus ex pietate sive moestitia lacrymis se nequibant cohibere.

Capítulo VI

O rei Ricardo, ao finalizar a administração de seus negócios, celebrou o Natal do Senhor em Lion, e, por um acordo feito com o rei da França, foi encontrar-se com o rei da França em Vézelay na festa de São João Batista

Finalizadas então as festividades da coroação, como foi dito anteriormente, o rei Ricardo se postou no lugar de seu pai, e recebida a confirmação da fidelidade dos magnatas da terra, como é o costume, em sinal de subjeção, e com cada um deles submissos à sua autoridade, e, retornando a Londres, andava pela região, e depois se dirigiu ao [túmulo] de Santo Edmundo, cujo dia da festividade então se aproximava: então foi para Cantuária. Por sua ordem, foram eleitos bispos para alguns episcopados que foram anteriormente deixados vacantes enquanto retidos na mão de seu pai, e entronizados pela assistência do rei. [Foram eleitos] Ricardo, bispo de Londres, Godofredo de Luci, bispo Winchester, Humbert Walter, bispo da Salisbúria, e Guilherme Campo Longo, bispo de Ely, os quais o rei fez chanceleres e juízes da justiça, seus e de toda a Inglaterra. Do mesmo modo o mesmo rei fez serem ordenados bispos para os episcopados vacantes em suas outras terras. Preparadas então as coisas necessárias para a peregrinação, e com o reino da Inglaterra ordenado, o quanto permitia a urgência do tempo, sem demora retornou para a Normandia, e chegou a Lyon próximo da festividade do Domingo de Natal. Perturbava-o constantemente o seu desejo de tomar a peregrinação, e o cumprimento do voto, considerando a demora perigosa, enquanto durar a dívida. Por isso escreveu ao rei da

[62] coadunari] coadjuvari, C.

França para que a viagem fosse preparada para a partida, de modo que ele mesmo prosseguisse depressa, argumentando com o exemplo de seu pai: “Demorar sempre prejudica os que estão preparados.” [...]

Não muito tempo depois disso, o rei da França deixou a cidade de Paris, que é a capital da França, com todo o equipamento necessário, e foi para São Denis, a quem se recomendou em orações e méritos. Assim iniciou a peregrinação, juntamente com uma grande multidão.

Assim, partiu com ele ao estrangeiro o duque da Burgúndia [Hugo III] e o conde de Flandres [Felipe da Alsácia]. Quem pode narrar o progresso de cada um deles com suas forças? Verias, vindo de todas as partes diversas, reunirem-se, e se juntar um exército de muitos. Os que prosseguiam trocavam piedosas lágrimas com seus familiares, conhecidos e amigos, acompanhando os mesmos com um olhar de afeto. Amigos que partiam não podiam controlar as lágrimas afeição ou tristeza que brotavam.

CAPITULUM VII

Rex Ricardus Turonis existens, jubet classem seam praecedere, et Hispaniam per strictum mare circuire, et ad Messanam eum expectare.

Rex Ricardus cum electa militum manu Turonis erat. Civitas autem cum suburbanis suis tanta fuit hominum multitudine referta, ut ex nimia frequentia sese colliderent, ex viarum vel platearum angustiis tot millia non capientibus. Regio igitur urgente mandato, classis regia in unum coacta seriatim pro gredi jubetur ; numero scilicet centum et octo, ex ceptis aliis navibus mox secuturis. Classis itaque regis instantia promota, prospero cursu et agmine insepa rabili, metuendas syrtes, et horrificos scopulorum in cursus, et procellosas Africae angustias, nee non et omnia maris pericula evaserunt incolumes, et tanquam in obsequium navigantium ventis conjuratis, op tatum Messante destinatum applicuerunt ad portum, ubi regis ex ejus mandato praestolabantur adventum, eo terreno itinere cum suis proficiscentis. [...]

Capítulo VII

Saindo de Tours, o rei Ricardo ordena a sua frota a seguir adiante, e circundar por mar a Espanha pelo estreito, e esperá-lo em Messina.

O rei Ricardo estava em Tours com um grupo de cavaleiros escolhidos a dedo. Já a cidade e seus arredores foram preenchidos com tamanha multidão de homens, que esses colidiam entre si por causa da excessiva afluência e das vias e estradas estreitas que não podiam conter tantos milhares. Então, por um mandato régio urgente, ordenou-se à frota real, tendo sido reunida, a avançar em uma só fileira. Contabilizavam-se cento e oito navios, sem considerar outros navios que seguiriam em breve. A frota então, compelida pela insistência do rei, e, avançando em um percurso tranquilo, em uma formação inseparável, evitando os bancos de areia, terríveis choques com rochedos e os estreitos tempestuosos da África, escaparam incólumes de todos os perigos do mar, e como se estivessem com os ventos conspirando em favor dos navegantes, atracaram no porto de Messina, o destino escolhido, onde preparavam-se para a chegada do rei, por ordem deste, que vinha com os seus em um percurso por terra. [...]

CAPITULUM X

Post discessum regis Franciae ad Genuensis, pons Rodani, turba premente, cadit; rex Ricardus per Marsiliam mare transiens ad Messanam veniet.

Turba autem multa peregrinorum undique semper confluentium, dum se properanter super pontem Rodani satis angustum imprudenter ingereret, decidit ex pondere eorum pars pontis cum iis qui super ipsam erant. Nimis quidem arduus pons erat, ex quo plus quam centum homines deciderunt in aquam, quae est tam vehemens, cursus tam rapidi, unde vix ab altitudine tanta quicquam vivum illapsum potuisset evadere. Illi autem qui ceciderant, magnis vocibus exclamantes, et suppliciter suffragium postulantes, licet fatigati, mirum dictu! ex aqua eruperunt incolumes, quorum duo tantum submersi sunt in interitum carnis, sed spiritus vivit in Christo, in Cujus deprehensi sunt obsequio. Posteriores autem, nimia turbati perplexitate, dum singuli duaererent sollicite qua parte vel quomodo Rodanum transirent, omnino desperati sunt, quia pons jam confractus transitum non admisit. Quo comperto, rex Ricardus, cujus nunquam in gerendis mutabat constantia, transire cupientium compatiens sollicitudini, citato opere ex cymbis fortiter colligatis pontem, qualem suggerebat imminens necessitas, fecit praeparari, per quem licet morose utcunque cum difficultate trans ierunt. Unde rex et exercitus per triduum moram fecit. Pars eorum profecta est ad portum propiorem Marsiliae, pars ad Veneticos, pars ad Genuenses vel ad Barlatam sive Brundusium, necnon ad portum Messanae duobus regibus destinatum quamplures profecti sunt. Post triduum recessit rex inde, et eodem die pons

adissolutus est. De Liuns transivimus per Viaria apud Albam Ripam, deinde ad Montem Galoure, post ad Sanctum Bernardum de Rumanz deinde apud Valences, postea apud Auriolam, postea apud Paleys, dehine ad Sanctum Paulum de Provincia. Postea transivimus per Montem Dragun, deinde apud Orenge; postea transeuntes per Montem de Sorgre, jacuimus apud Donpas juxta Avignon, postea apud Senaiz, deinde apud Salun, postea apud Marignane juxta mare. De Marignana, apud Marsiliam, ubi moram fecimus per tres hebdomadas, Postea mare intravimus, scilicet die proxima post Assumptionem Beatae Mariae, anno primo coronationis regis Ricardi, et transivimus inter duas insulas, quarum altera, videlicet Sardinia, fuit a dextris, Corsica vero a sinistris. Ibi quidem est magna maris districtio. Deinde navigavimus inter duos montes semper ardentes, quorum unus vocatur Vulcanus, et alter Strango. Inde transivimus per flu vium Farum nimis periculosum. Postea pervenimus ad Messanam civitatem, ubi classis erat regis Ricardi, quam illuc, ut praediximus, antea praemiserat.

Capítulo X-

Após a partida do rei da França para Gênova, a ponte do rio Ródano, sobrecarregada pela multidão, cai; o rei Ricardo cruza o mar, passando por Marselha, chega a Messina.

Uma grande multidão de peregrinos confluía sempre de toda a parte. Enquanto ela se lançava com pressa sobre a demasiada estreita ponte do Ródano, por causa do peso deles, parte da ponte caiu junto com os que estavam sobre ela. A ponte era muito alta, e mais de cem homens caíram dela para a água, que era tão violenta, e a corrente era tão rápida, que dificilmente alguém que caiu de tão grande altitude poderia escapar vivo. Aqueles que caíram gritaram com grande voz, e imploraram ajuda, suplicando. Embora exaustos, maravilhosamente saíram da água ilesos, dos quais dois se afogaram, perecendo seus corpos, mas seu espírito vive em Cristo, em cujo serviço foram tomados. Os de trás, porém, foram perturbados com grande perplexidade, enquanto cada um perguntava ansiosamente em qual parte do Ródano atravessariam ou de que modo. Ficaram totalmente desesperados porque a ponte, agora quebrada, não permitia a passagem.

Ao descobrir isso, o rei Ricardo, cuja persistência de chefiar nunca se alterava, compadecendo-se com o a solicitude dos que desejavam atravessar, mandou ser preparada uma ponte em uma rápida obra a partir de barcaças fortemente amarradas, tal qual a iminente necessidade demandava, que permitiu que atravessassem de um modo demorado e com dificuldade. Fez-se um atraso de três dias ao rei e ao exército por causa disso. Uma parte deles

dirigiu-se para o porto mais próximo, de Marselha, outra parte ao porto dos venezianos, outra para o dos genoveses, ou para Barletta ou Brindisi, mas a maioria foi ao porto de Messina, destinado aos dois reis. Três dias depois, o rei retirou-se daí, e no mesmo dia a ponte foi desmanchada. De Lyon atravessamos por Viaria até Hauterives, então a La Motte de Galaure, e então até São Bernardo de Rumanz. Daí, [fomos] até Valence, depois para Loriol, e depois para Paleys, e daí até Saint Paul de Provence. Depois atravessamos Mondragon, e daí para Orange. Depois, atravessamos pelo Monte de Sorgues, e descansamos em Bompas, perto de Avignon. Depois, [fomos] para Senas e daí para Salon, depois para Martigues, no mar. De Martigues, chegamos em Marselha, onde nos demoramos por três semanas. Depois entramos no mar, no dia seguinte após a Assunção da Virgem Maria, no primeiro ano da coroação do rei Ricardo, e passamos entre as duas ilhas, e dentre elas, a Sardenha estava à direita, e a Córsega à esquerda. Ali há um grande estreito ~~no~~ de mar. Depois, navegamos entre dois montes sempre ardentes, dos quais um é chamado de Vulcano, e o outro de Stromboli. Então passamos pelo perigoso rio Faro. Depois disso, chegamos à cidade de Messina, onde estava a frota do rei Ricardo, que (para ali havia sido enviada) anteriormente, como dissemos.

CAPITULUM XXXIV

De adventu regis Guidonis in Cyprum.

Sabbato sequenti, cum apparuissent tres galeae in mari longe, ambigentibus cunctis quid sibi vellent, vel unde venirent, rex ad omnia promptissimus, ne dicam presumptuosissimus, cymbae vectus permodicie remigio, processit obviam venientibus, inquirens qui vel unde venirent qui veniebant. Cui cum responderetur, hoc esse Guidonem de Leziniaco regem Jerosolimorum, confestim rex veloci rediit recursu, imperans sine mora suis coenam instruere venturis hospitibus. Regem itaque Guidonem appulsum, summa cum veneratione suscepit et gratanter exhibuit. Venerat autem idem Guido ad regem Ricardum, petiturus consilium et auxilium, super eo quod rex Franciae disposuerat Marchisum de quo prius supradictum est, fieri regem Jerosolimorum, abjecto rege Guidone, Quem rex Ricardus benigne suscepit, et tanquam tenuem, et rebus destitutum, honoravit muneribus. Dedit itaque eidem duo millia marcarum argenti, et viginti cuppas pretii centum marcarum, et quinque quarum duae fuerunt de auro purissimo.

Capítulo XXXIV

Sobre a chegada do rei Guido em Chipre.

No sábado seguinte[63], quando surgiram três galés no mar aberto, todos se perguntaram o que queriam e de onde vinham. O rei, sempre preparado para tudo, para não dizer muito antecipado, foi em um pequeno barco a remo direção aos que chegavam, perguntando de onde e para que vieram os recém chegados. Quando responderam que esse era Guido de Lusignan, rei de Jerusalém, o rei, no mesmo instante, voltou retornando rapidamente, ordenando sem demora preparar uma ceia aos seus hóspedes que estavam chegando. Atracando então o rei Guido, o recebeu com enorme reverência e se apresentou alegremente. Esse mesmo Guido viera ao rei Ricardo a fim pedir conselho e ajuda, a respeito do fato de que o rei da França decidira que o marquês, já mencionado anteriormente, se tornaria o rei de Jerusalém, após ser rejeitado o rei Gui. Estando este enfraquecido e destituído de suas coisas, o rei Ricardo o recebeu benignamente e honrou-o com presentes. Deu a ele dois mil marcos de prata e vinte barris com o valor de cem marcos, e cinco dos quais dois eram de ouro puríssimo.

LIBER TERTIUS

CAPITULUM I

De adventu regis Ricardi ad Achon

Sic nave pessundata et rebus prospere gestis, rex Ricardus cum omni sua sequela, gaudenter et alacriter versus Achon, quo ferebat eum suum desiderium, properabat, et aspirante vento prospero, proxima nocte ante Tyrum fixis anchoris classis persistebat. Mane classis soluta, et velis elevatis, cum non multum progressa fuisset, apparuit locus ille, de quo praedictum est, Scandalion : deinde transmisso Casello Ymberti, eminus apparuit civitatis Achon turris excelsa, et sic paulatim caetera civitatis propugnacula. Achon circumquaque obsidione cingebat populus infinitae multitudinis, populus ex omni natione Christianorum, quae sub coelo est, populus ex omnibus Christianis praeelectus, bellis aptior et laborum assiduitati. Achon nimirum obsederat populus jam longo tempore, multis aftlictus tribulationibus, laboribus assiduis, et famis inedia, et pluribus adversitatum generibus, juxta quod in superioribus in parte distinguitur. Apparuit praeterea, a parte eorum exteriori Turcorum

[63] O capítulo 33 não foi traduzido, logo, trata-se do sábado seguinte aos eventos desse capítulo.

exereitus quorum non erat numerus, cooperiens montes et valles, colles et camporum planities, fixis passim eorum tentoriis diversorum schematum radiantibus coloribus. Vident quoque papiliones ipsius Salahadini, et tentoria fratris ipsius Saphahadini, et procuratoris Paganismi Techehedini. Ipse etiam observabat maritima et portus maris, et frequentes in Christianos moliebatur assultus, et gravissimas incursiones. Rex Ricardus omnem eorum aestimando speculatur exercitum; qui cum delatus in portum applicuisset, rex Franciae et totius incolarum exercitus magnates, proceres, et potentes processerunt ei obviam, excipientes cum gaudio et exultatione, cujus nimirum adventum admodum desideraverant.

LIVRO III

Capítulo I
Sobre a chegada do rei Ricardo a Acre

Tendo sido então afundado o navio[64], e os eventos conduzidos prosperamente, o rei Ricardo, com toda a sua comitiva, ia alegre e avidamente em direção a Acre, para onde o seu desejo o conduzia e apressava, e, com um vento favorável soprando, na noite seguinte, fixadas as ancoras, a armada atracava diante de Tiro. Com a frota zarpando de manhã, sendo içadas as velas, quando ainda não havia avançado muito, surgiu aquele local do qual já foi dito, (chamado) Scandalião [Iskandaruna, Líbano]. Então, atravessando Casal Humberti[65], à distância surgiu a alta torre da cidade de Acre, e assim, pouco a pouco, o resto das defesas cidade.

Um povo de incontável multidão rodeava Acre por todos os lados no cerco, um povo de toda nação de cristãos que há sob o céu, um povo eleito dentre todos os cristãos, mais apto para a guerra e para a constância nos labores. O povo já sitiava Acre há um longo tempo, abatido por muitas tribulações- esforços constantes, fome causada pela privação de comida e muitos outros tipos de adversidades-, que desse modo foi revelado em uma parte anterior [do livro]. Apareceu ainda, fora da região destes, um exército de turcos, incontável, cobrindo montes e vales, colinas e planícies dos campos, com suas tendas de diversos formatos e de cores radiantes fixadas por toda parte. Avistaram também os pavilhões do próprio Saladino, e as tendas do seu próprio

[64] No capítulo anterior a frota trava combate contra uma embarcação solitária.
[65] Achziv, sítio arqueológico localizado a 15 Km ao norte de Acre, em Israel.

irmão, Safadino [al-Malik al-‘Adil Saif al-Din AbQ Bakr Ahmad ibn AyyOb], e do procurador do paganismo, Tequedino [al-Malik al-Muzaffar Taqi al-Din ‘Umar ibn Shahanshah ibn Ayyab]. Ele mesmo vigiava as regiões marítimas e os portos do mar, e lançava frequentes assaltos e fortíssimas incursões contra os cristãos. O rei Ricardo observou todo o exército deles, avaliando-o; quando atracaram no porto, o rei da França e todos o exército dos magnatas nativos, nobres e poderosos o conduziram pelo caminho, acolhendo com alegria e exultação a quem esperavam muito a chegada.

CAPITULUM II

De gaudio, et cantibus, et processionibus quae fiebant pro adventu regis Ricardi.

Proximo Sabbato ante festum Beati Barnabe Apostoli, in Hebdomada Pentecostes, cum rex Ricardus cum comitatu suo apud Achon applicuisset, commota est terra a fremitu exultantium Christianorum. Omnis enim populus laetabatur eximie, fausta acclamans, concrepantibus trumpis; deducitur in jubilo, et fit laetitia magna in populo, quia venit desideratus cunctis gentibus. Turci vero obsessi, vice versa, de ejus adventu nimium exterriti, desolati sunt. Perpendebant enim exitus suos et reditus de catero cessare a multitudine galearum regis. Duo reges a portu, sese mutuo deducentes gratanter, officiosis alterutrum venerabantur obsequiis. Deinde rex Ricardus in tentoria sibi praeparata se recipiens, de gerendis negotiis disponebat. Multa quidem meditabatur sollicitudine, qua instantia, quo artificio, quibus machinis civitas expeditiori comprehenderetur compendio. De cujus adventu, nec calamus absolute poterit populi describere laetitiam, nec cujusquam lingua retexere Noctis etiam serenitas, aere solito puriore, eidem aestimabatur arridere, Sed et hine trumpae perstrepunt, illinc intonant tubae : hic acutius modulantes concinunt tibicines, illic tympana concrepant, sive gravioribus harmoniis susurrant troinae, et tanquam ex variarum vocum dissonantiis mulcens auditum coaptatur symphonia. Nec enim de facili inveniretur qui modo suo cessaret a laudibus et gaudio; aut enim cordis testantes laetitiam resonant populares cantiones,

"Aut antiquorum praeclare gesta priorum,"

exempla recitabantur incitamenta modernorum. Hi cantantibus vina propinant in vasis pretiosis, alii quibuslibet indifferenter accipientibus, pusillis cum majoribus, summo cum tripudio noctis transigebant instantiam. Accessit in augmentum lactitiae, quod Cyprum, insulam tam commodam, tam necessariam, rex Ricardus nostrae subjugasset ditioni, quae tam opportune

tanto serviret exercitui. Nihilominus, in testimonium exortae laetitiae in cordibus omnium, ad removendas noctis tenebras, ubique cerei scintillabant lampantes, luminaria flammantia, ut multiplicato fulgore nox diei videretur usurpasse claritatem, ita ut totam vallem Turci reputarent igne succensam.

Capítulo II

Sobre a alegria, cânticos e procissões que faziam por causa da chegada do rei Ricardo

No sábado seguinte, antes da festa de São Barnabé Apóstolo, na semana de Pentecostes, quando o rei Ricardo atracou com a sua comitiva em Acre, a terra se comoveu com o som da exultação dos cristãos. Todo o povo se alegrava grandemente, aclamando faustosamente com o soar das trombetas, conduzido em júbilo, e a alegria do povo foi imensa, pois chegou o que era desejado por todas as gentes. Já os turcos sitiados, ao contrário, muito aterrorizados pela sua chegada, ficaram desolados. Viam, pois, que a sua saída e retorno poderiam cessar totalmente por causa das numerosas galeras do rei. Os dois reis saíram do porto, acompanhando um ao outro alegremente, e tratavam-se com cortesia e respeito. Então o rei Ricardo, recolhendo-se na tenda preparada para si, refletia sobre as estratégias que deveriam ser conduzidas. Considerava com muito cuidado com que perseverança, com qual artifício, com quais máquinas, tomaria a cidade, garantindo economia de tempo.

A pena não poderá descrever perfeitamente, nem a língua de alguém poderá revelar a alegria do povo sobre a sua chegada. Parecia que a serenidade da noite sorria, com o clima mais puro que o usual. De um lado trompas soavam, do outro trompetes trovejavam: aqui entoavam flautas, tocando com os sons mais agudos, ali retumbavam tambores, e troínas[66] sussurravam com as melodias mais graves, e como que a partir das dissonâncias de muitos sons foi ouvida uma agradável sinfonia reunida. Não se encontrava facilmente alguém que ao seu modo se detivesse na comemoração e na alegria; ressoavam canções populares em corações manifestando alegria, "ou feitos admiráveis dos antigos", recitando exemplos inspiradores dos contemporâneos. Alguns davam aos cantores vinho em taças preciosas, e outros a humildes e nobres, que aceitavam indiferentemente o que quer que fosse, e passavam o período da noite em grande dança. As alegrias aumentaram, pois o rei Ricardo subjugou à nossa jurisdição Chipre[67], uma ilha tão importante, tão necessária, que tão oportunamente serviria muito ao

[66] Instrumento de sopro.
[67] Ricardo tomou a ilha após um conflito com o imperador.

exército. E ainda, em testemunho da exagerada alegria no coração de todos, para remover as trevas da noite, em toda parte brilhavam velas de cera, luzeiros flamejantes, para que com o fulgor aumentado, a noite parecesse usurpar a claridade do dia, e assim também para que os turcos pensassem que o todo o vale estivesse em chamas.

CAPITULUM IV

Quae donaria uterque rex militibus egentibus conferret, et de infirmitate regis Ricardi.

Ex adunato tanto utriusque regis comitatu, fit unus ex omni multitudine Christianorum exercitus. Cum rege Franciae qui illuc venerat in octavis Paschae, venit comes Flandria, comes Sancti Pauli, Willelmus de Garlanda, Willelmus de Barris, Drogo de Amiens, Willelmus de Merlo, comes Perehensis. Cum ipsis etiam eo rediit ille, de quo supradictum est Marchisus, qui Tyrum tenebat, et aspiraverat ad regnum Jerosolimorum. Sed quid singuli memorentur? Non resedit magnae vir auctoritatis vel famosus in Francia, qui non tune venerit, vel postea, ad expugmandam Achon. Ad sequens igitur Pentecosten venit rex Ricardus, sicut praedictum est, cum exercitu et virtute bellorum. Qui postquam didicerat regem Franciae singulis mensibus erogasse singulis militibus tres aureos, et inde omnium obtinuisset favorem et gratiam, rex Ricardus, ne quem in quibuscunque gerendis videretur lhabere superiorem, immo nec parem, voce praeconaria in omni jussit exercitu denunciari, ut milites singuli, qujuscunque regionis oriundi, qui stipendiis egerent, ab ipso reciperent singulis mensibus quatuor aureos, certa conditione statutos. Laudem ergo regis Ricardi eferebant universi, ipsum predicantes aliis quibuseunque merito praecellere et gratia, qui cunctos etiam superavit in donariis et magnanimitate. "Hic est", inquiunt, "quem tanto desiderio expectabamus , quando igitur fiet assultus? Venit jam regum prrestantissimus, et prae omnibus Christicolis bellorum peritior; modo fiat voluntas Dei." In rege nimirum Ricardo spes omnium pendebat. Cum autem per aliquot dies ibi moram fecisset, gravissimam incurrit aegritudinem, quae vulgo Arnoldia vocatur, ex ignotae regionis constitutione, cum ejus naturali complexione minus concordante Nihilominus vero, petrarias suas interim et mangunellos, et castellum ante portam civitatis fecit erigere, omnem adhibens sollicitudinem conficiendis machinis et expediendis.

Capítulo IV

Os presentes que cada um dos reis confere aos soldados necessitados e sobre a enfermidade do rei Ricardo.

Com união das companhias de cada um dos reis, fez-se um exército a partir de toda a multidão dos cristãos. Com o rei da França, que chegara ali na oitava da Páscoa, vieram o conde de Flandres [Felipe da Alsácia], o conde de São Paulo [Hugo IV], Guilherme de Garlandia, Guilherme de Barres, Drogo de Amiens, Guilherme de Merlo, e o conde de Perche [Rotrou III]. Com esses voltou aquele marquês mencionado acima[68], que possuía Tiro, e aspirava ao reino de Jerusalém. Mas porque cada um deveria ser mencionado? Não restou nenhum homem famoso ou de grande autoridade na França, que não viesse, então ou posteriormente, para atacar Acre. Em seguida, chegou, em Pentecostes, o rei Ricardo, como já foi dito, com exército e força de armas.

Depois que descobrira que o rei da França pagaria cada soldado com três moedas de ouro a cada mês, e para que, a partir disso, obtivesse o favor e a boa vontade de todos, o rei Ricardo, para não parecer haver alguém superior a ele em administrar o que quer que fosse, nem mesmo igual, mandou ser anunciado em todo o exército, pela voz de arautos, que cada soldado, oriundo do lugar que fosse, que estivessem em serviço no exército, receberiam dele a cada mês quatro moedas de ouro, com uma certa condição estabelecida. Todos conduziram louvores ao rei Ricardo, declarando que ele ultrapassou aos outros em mérito e em boa vontade em qualquer coisa, e que superou a todos em presentes e em nobreza. “Aqui está quem esperamos com tanto desejo”, disseram. “Quando então será feito o assalto? Já chegou o mais excelente dos reis, e o mais habilidoso na guerra entre todos os cristãos; Desse modo, seja feita a vontade de Deus.” Sem dúvida a esperança de todos depositava-se no rei Ricardo. Porém, como houvesse uma demora por alguns dias, ocorreu uma grande doença, chamada pelo povo de “Arnoldia[69]”, por causa da constituição desconhecida do lugar, muito pouco compatível com a sua compleição natural. Ainda assim, fez construir, enquanto isso, os seus trabucos[70], manganelas[71] e uma fortaleza diante da porta da cidade, aplicando toda solicitude em fazer e preparar suas máquinas.

[68] Concorrente de Guido ao trono do Reino de Jerusalém.
[69] Rogério de Howden, Gesta, 2 pág. 170, concorda. Ambrósio a chama de Leonardia (linha 4603). Causava a perda do cabelo e das unhas, afetava a boca e os lábios e podia causar cegueira. ‘Imad al-Dln (pág. 307), e Baha’ al-Dln (pág. 253), enfatizam a intensidade da doença de Ricardo. Ambos autores (pág. 309-10 e pág. 252) afirmam que Ricardo já havia iniciado as negociações com Saladino.
[70] Máquina de cerco que lançava pedras.
[71] Espécie de máquina de cerco semelhante ao trabuco.

CAPITULUM V

Rex Ricardo infirmante, rex Franciae urbem viriliter oppugnat, sed Salahadino exterius fossatas oppugnante, Turci inclusi viriliter obsistunt, et machinas regis incendunt, unde Rex prae tristitia infirmatur

Rex Franciae tantam assultus celebrandi fastiditus dilationem, regi Ricardo mandavit tempus opportunum jam instare, quo fieret assultus, et quo voce praeconis adid aggrediendum moveretur exercitus. Rex autem Ricardus his exsequendis significavit adhuo se non posse vacare, tum propter urgentem corporis molestiam, tum propter hominum suorum absentiam per ventorum adversitatem, sed qui in proximo sperabantur classe venturi, et ad machinas. Conficiendas materiam allaturi. Rex vero Franciae, neo ob id censens a proposito desistendum, voce praeconis per exercitum faciendum denunciari jussit assultum. Die Lunae itaque, proxima post festum Nativitatis Sancti Johannis Baptistae, rex Franciae, erectis machinis, omnes suos jussit armari. Intestimabilem ibi videres armatorum multitudinem, armis decenter instructam, tot nitentes hamatas loricas, tot galeas rutilantes, tot equos nobiles hinnientes, tot albicantia operimenta, tot milites electos, quot nunquam ibi visi fuisse aestimantur; tot satellites magnae probitatis et audaciae, tot penuncellos, tot banerias operum variorum. Ordinatis igitur qui fossatis insisterent defendendis, propter irruptionem Salahadini, et exercitus Turcorum exterius imminentium, gens armata muris civitatis appropiant, et ferocissimos ingerunt assultus, balistis et machinis, sine intermissione tela jacientes et lapides. Quod cum Turci praesensissent inclusi, tanto tumultuantes boatu et clangore buccinae, efferebant clamores ad sidera, ac si micantibus fulgoribus aether tonando perstreperet. Quidam enim eorum his tantum erant deputati minis teriis, sonare pelves et tymbras, pulsare tympana, et aliis diversis modis tumultuare, et ignis fumum suscitare, ad significandum ex condicto Salahadino, et exercitui exteriori, quo venirent eis in auxilium. Quo viso et audito, catervatim exteriores irruunt Turci, congerentes cujuscunque materiem generis ad fossata complenda, quo facilius transirent nostros oppugnaturi: sed ad effectum id perducere nequibant. Gaufridus namque de Liziniaco, miles egregiae probitatis, restitit eis, et a barris quas jam super nostros occupaverant praestantissime repulit, et plus duam decem occidit, quadam quam manu gestabat bipenni; nullus enim quem percusserat vivus evasit. Quamplures etiam vivos retinuit, tanta se gerens agilitate et constantia, ut a tempore illorum militum famosorum, Rollandi et Oliveri, nullus tanta dignus laude, in ore omnium praedicaretur. Barram quidem recuperavit, sed maximo cum labore et angustia ; nam propter Turcorum multitudinem sese pertinaciter ingerentium, diutius ancipiti congressu dimicabant : conserto tam gravi praelio et importabili conflictu, et horrifica contendentium

collisione, et clamore tam valido, ut hos qui civitatem oppugnabant, et fossatis complanandis extra muros civitatis ferventius instabant, oporteret retrocedere, et assultum omnino dimittere. Nec enim poterant sufficere et civitatis oppugnationi, et suae defensioni a facie irruentium a foris Turcorum. Plures quidem Francorum telis balistarum et lapidum, jaculis, et ignis Graeci infusione ibidem perempti sunt , et erat populi planetus magnus et ululatus lamentantium et dicetium, "O quid tanto tempore regum expectatus adventus !Heu spes frustrata! Jam venerunt, et nihil proficimus, sed et solito gravius atterimur, et quam speravimus infructuosius expectavimus." Nostris igitur, Francis arma ponentibus, Turci turpiter conviciantes ignominiose improperabant, quod quae inchoassent non potuerunt Franci consummare Ignem insuper Graecum jaculantes, machinas regis Franciae, cura sollicita fabrefactas, et alia instrumenta bellica paulatim dissipaverunt, Unde rex ipse Franciae tanto irae furore turbatus est, quod prae tristitia decidit in languorem, sicut dicebatur, et equum non ascendebat ex desolatione et confusione.

Capítulo V

Estando o rei Ricardo enfermo, o rei da França atacou valentemente a cidade, mas, com Saladino combatendo nas trincheiras exteriores, os turcos sitiados resistiram corajosamente, e incendiaram as máquinas do rei, que ficou enfermo por causa do abatimento.

O rei da França, descontente por tanta demora em lançar o assalto, mandou informar ao rei Ricardo que já era tempo oportuno para que se fizesse o assalto, e que pelo anúncio de um arauto o exército fosse impelido a avançar. Mas o rei Ricardo explicou que não podia se disponibilizar a isso, tanto pela sua contínua doença do corpo, quanto pela ausência dos seus homens causada por ventos adversos, mas esperava em breve a chegada da sua frota, que estava trazendo material para construir as máquinas. Mas o rei da França, julgando não ver nisso motivo para desistir, ordenou o assalto ser anunciado ao exército pela voz de um arauto. Então na segunda-feira seguinte após a festa da Natividade de São João Batista, preparadas as máquinas, o rei da França ordenou a todos os seus homens a se armarem. Ver-se-ia ali uma inestimável multidão de soldados, bem equipada com armas, muitas cotas de malha brilhando, muitos elmos cintilando uma luz avermelhada, tantos nobres cavalos relinchando, tantos mantos brancos[72], tantos soldados eleitos – ali nunca tinham sido vistos tantos-. Tantos guardas de magna honestidade e audácia, tantos galhardetes, tantas bandeiras de diferentes execuções.

[72] Os cruzados franceses utilizavam mantos brancos com cruzes vermelhas.

Tendo então ordenado [a outros] que continuassem a defender as trincheiras, por causa do surgimento de Saladino e da ameaça do exército dos turcos, as tropas armadas aproximaram-se das muralhas da cidade, e procederam a ferocíssimos assaltos, com suas balistas e máquinas, lançando dardos e pedras sem interrupção.

Percebendo o assalto, os turcos sitiados lançavam clamores aos céus causando barulho com tamanhos gritos e fanfarras de cornetas, que era como se o ar ressoasse em trovões e relâmpagos estrondosos.

Alguns deles eram designados apenas às tarefas de bater tambores e timbras, ressoar tímpanos, e de outros modos diversos causar tumulto, e fazer elevar-se fumaça a partir de fogueiras, para sinalizar a Saladino e ao exército fora [da cidade], como combinado que viesse em socorro deles. Tendo isto sido visto e ouvido, os turcos fora da cidade acorreram em grandes números, reunindo material de qualquer tipo para preencher as trincheiras, para que atravessassem mais facilmente e lutassem contra os nossos, mas não podiam dar prosseguimento a esse fim. Godofredo de Lusignan, cavaleiro de distinta qualidade, resistiu a eles, e os repeliu magnificamente das barricadas que já haviam tomado dos nossos, e matou mais de dez com um machado que carregava. Nenhum dos que ele golpeara escapou. Ele capturou a muitos vivos, se portando com tamanha agilidade e persistência, que foi proclamado pela boca de todos que não houve ninguém digno de tamanho louvor desde o tempo daqueles famosos cavaleiros, Rolando e Oliviero.[73] Ele recuperou a barricada, mas com enorme esforço e dificuldade.

Por causa da multidão dos turcos que se lançavam obstinadamente, lutavam por muito tempo em um combate equilibrado, em uma aguerrida luta tão pesada e em um conflito insuportável de combatentes em terrível colisão, e em um clamor tão poderoso, que foi preciso que aqueles que atacavam a cidade e insistiam intensamente em tapar as trincheiras fora da cidade retrocedessem e desistissem de todo o assalto. Não podiam dar conta tanto do ataque à cidade quanto à sua defesa ante o ataque dos turcos de fora. Muitos dos franceses pereceram pelo ataque de dardos de balistas, pedras, lanças e fogo grego a todo instante. Havia um grande choro e grito de [homens] que lamentavam, dizendo: “Ó, por que esperamos a chegada do rei por tanto tempo? Ai, esperança frustrada! Agora eles chegaram e nada conseguimos, mas estamos mais abatidos do que de costume, e o que queríamos é mais infrutuoso do que esperávamos.”. Enquanto os nossos franceses depunham as armas, os turcos, torpemente provocando, insultavam vergonhosamente, [dizendo] que os franceses não puderam consumar o que começaram. Lançando fogo grego do alto, destruíram aos poucos as máquinas do rei da França,

[73] Heróis do poema *A Canção de Rolando*.

feitas com solícito cuidado, e outros equipamentos de guerra. De acordo com o rumor, o rei da França foi agitado por tão violento furor de ira, que caiu doente devido à tristeza, e não montava em seu cavalo por causa da desolação e do transtorno.

CAPITULUM XVI

Nostris urbem viriliter impugnantibus, multi ex Turcis, ex desperatione, ab urbe aufugiunt.

Interea nocte et die Christianorum non cessabant petrariae muros jugiter conquassantes, Quod videntes obsessi admirati sunt, conturbati sunt, commoti sunt, tremor apprehendit eos; quorum quidam timori cedentes, exterriti a muris de nocte se dederunt praecipites, ut evaderent, non expectato quod promissum est auxilio. Eorum quoque quam plurimi Christianitatis et baptismi petierunt suppliciter sibi contradendum sacramentum. Super quorum summa meritorum non immerito ambigendum, cum videatur praesumendum, quod potius ab instantis timoris angustia, quam inspirante gratia divina, id sibi fieri postulaverunt , sed multis gradibus fit recursus ad salutem. Intercurrentibus assidue nunciis, satis innotuit Salahadino, quod periculosa nimis erat ulterior perseverantia in civitate Turcis, quam a facie Christianorum tueri non possent.

Capítulo XVI

Enquanto nossos homens atacam valentemente a cidade, muitos dos turcos fogem da cidade por causa do desespero.

Enquanto isso, noite e dia, os pedreiros dos cristãos não cessavam de abalar os muros. Vendo isso, os sitiados ficaram assustados, perturbados e atribulados. O medo os tomou. Alguns deles, cedendo ao temor [Sl 48, 5.], de noite, lançando-se apavorados dos muros, entregaram-se, de modo a escapar, não esperando mais o auxílio prometido.[74] Muitos deles também pediram suplicando para receber o sacramento do batismo cristão. Quanto a eles, o seu mérito, não sem motivo, deve ser questionado, como parece ser possível presumir, pois pediram que isso

[74] Saladino havia prometido ajuda, como foi mencionado no capítulo anterior a esse.

acontecesse para si mais pela angústia de um momento de temor do por inspiração de uma graça divina. Mas pode-se chegar à salvação por muitos caminhos. Enquanto mensageiros corriam constantemente, Saladino soube claramente o quão grandemente perigosa era a perseverança dos turcos na cidade, que não podia resistir frente aos cristãos.

CAPITULUM XVII

Qualem pacem inierunt obsessi consilio Salahadini cum Christianis.

Salahadinus perpendens moram trahere periculum, petitionibus obsessorum tandem decrevit annuendum : presertim hoc eidem persuadentibus admiraliis suis et satrapis, et amicis potentibus, quorum erant parentes, et cognati, et amici obsessi: allegantibus etiam Salahadino duod eisdem teneretur obsessis, praestita secundum legis Mahumeticae cultorum ritum securitate, quod honorabilem eisdem in articulo necessitatis procuraret liberationem ; ne forte jure belli incomprehensi haberentur exterminio, et probrosae mortis ludibrio ; unde lex Mahumetica ab antecessoribus diligenter observata, quantum in eo esset, cassaretur, et suae nihilominus dignitatis et nominis excellentiae plurimum derogaretur, dum a Christianis obtinerentur Veneratores Mahumetici. Rogabant etiam Salahadinum, ut moveretur super eo, quod Turcorum genus electum, ipsius obediens persuasionibus, in ipsa tamdiu coangustabantur obsidione, et civitatem tanto tempore pro ipso defenderant. Reminisceretur etiam ipsorum, dui obsidebantur, uxorum ; et miserandae familiae, duas jam transactis tribus annis inchoatae obsidionis non viderant: sed et potius civitatem reddendam quam tantae gentem probitatis perdendam esse dicebant. Haec et his similia persuadentibus Salahadino principibus suis, ne pejora fierent posteriora prioribus, annuit pacem, quam commodiorem facere potuissent faciendam. Ibidem itaque provisum est et prolocutum, quam censerent aptiorem formam pacis contrahendae. Renunciantibus denique nunciis Salahadini sententiam et satraparum, gavisi sunt obsessi gaudio magno. Et ecce! egressi sunt majores eorum ad reges nostros, et per interpretem obtulerunt Achon civitatem reddendam liberam, et sanctam Crucem resignandam, et ducentos nobiliorum Christianorum quos tenuerant captivos, et quinquaginta reddendos. Sed cum hoc nostris perpendissent ingratum, obtulerunt duo millia nobiliorum Christianorum, et quingentos captivorum inferiorum, quos Salahadinus quaerere faceret, per totam terram suam, ita quod a civitate exeuntes Turci nihil secum praeter camisias asportarent singuli, relictis armis suis, et rebus omnibus cum victualibus. Et praeterea pro redemptione capitum suorum darent duobus regibus ducenta talentorum Saracenicorum millia. Super his fideliter observandis, traderent obsides Turcorum nobiliores et excellentiores, qui reperi rentur in civitate. Cumque super his

reges nostri, utrum forent concedenda tractantes, cum suorum sapi entioribus conferrent ad invicem : in eo tandem universorum conquievit sententia, quod oblata reciperent, et conditionibus acquiescerent, ut de securitate praestitis juramentis et confectis scripturis, datis obsidibus vacui recederent a civitate.

Capítulo XVII

Que tipo de paz os sitiados iniciaram com os cristãos, por conselho de Saladino.

Saladino, considerando que a demora traria algum perigo, decidiu finalmente em concordar com as petições dos sitiados, principalmente com seus emires, sátrapas e amigos poderosos o persuadindo, os quais tinham parentes, conhecidos e amigos sitiados. Alegavam assim que Saladino mantinha garantida aos próprios sitiados a segurança da lei dos cultuadores maometana segundo o seu rito, de que procuraria para eles uma liberação honrosa no momento de necessidade, para que, caso aprisionados, não fossem exterminados, capturados pelo direito de guerra, nem sofressem mortes em zombaria.

Daí, a lei maometana, observada diligentemente pelos antecessores, o quanto era possível, seria nula, e nada menos do que a dignidade e a excelência do seu nome seriam muito prejudicadas, enquanto os fiéis maometanos fossem mantidos presos pelos cristãos. Ainda pediam a Saladino que se compadecesse a respeito disso, pois o povo eleito dos turcos, eles mesmos obedecendo às persuasões, tão longamente eram confinados nesse mesmo cerco, e haviam defendido por ele a cidade por tanto tempo. Ele deveria se lembrar ainda das esposas daqueles que estavam sitiados, e de suas pobres famílias, que já não viam há três anos completos desde o começo do cerco. E ainda diziam que era melhor devolver a cidade do que perder pessoas de tão grande honestidade. Os seus príncipes, com esses e outros argumentos parecidos, persuadiram a Saladino. Para que o que viesse a ocorrer não fosse pior do que antes, [Mt. 12, 45.] ele aceitou a paz, já que era a coisa mais adequada que fosse possível fazer. Então, naquele momento, foi garantido e anunciado que estabelecessem o melhor modo de fazer a paz. Por fim, quando os mensageiros anunciaram a decisão de Saladino e dos [75]sátrapas, os sitiados alegraram-se com imensa felicidade.

[75] Governador de uma satrapia.

E então eis que os líderes deles vieram aos nossos reis, e, por um intérprete, ofereceram render a cidade de Acre incondicionalmente, devolver a Santa Cruz, e retornar duzentos e cinquenta dos nobres cristãos que tinham mantido como cativos! Mas, uma vez que avaliaram que aos nossos isso era insuficiente, ofereceram dois mil dentre os nobres cristãos, e quinhentos cativos menos importantes, os quais Saladino faria buscar por toda a sua terra. E assim, os turcos, saindo da cidade, não levariam consigo nada além da roupa de cada um, abandonando suas armas, posses e provisões. E, além disso, pela redenção pelas suas vidas, dariam aos dois reis duzentos mil talentos dos sarracenos.

E observando isso mais fielmente, entregariam os mais nobres e excelentes dos turcos que fossem encontrados na cidade como reféns. Os nossos reis se reuniram com seus homens mais sábios a respeito disso, se de sua parte deveriam conceder ou não a esses termos. Por fim, baixou-se a decisão de todos sobre isso- aceitariam as ofertas, e, com as condições asseguradas, de modo que garantidos os juramentos de segurança e formuladas as escrituras, e entregues os reféns, poderiam deixar a cidade de mãos vazias.

CAPITULUM XX

De discordia duorum regum, pro Marchiso et rege Guidone, et pacificatione eorum.

Processu temporis inter duos reges maxima est orta discordia, occasione illius supramemorati Marchisi, cui rex Franciao favebat, et omnem acquisitionis suae factae, vel faciendae in Terra Sancta, duae eum con tingeret, disposuerat concedere portionem. Cui concessioni rex Ricardus, compatiens afilictioni regis Guidonis, noluit prebere assensum, quia regi Guidoni potius videbatur competere. Super hoc igitur articulo dissentientibus aliquamdiu regibus, denique mediantibus principibus et populi majoribus, interveniente tali conditione, pacificati sunt ; ut Marchiso, qui regni videbatur in matrimonio sortitus haeredem, etiam in recompensationem praestiti adjutorii exercitui in obsidione, cederet in possessionem haereditariam comitatus Tyri, videlicet, Tyri et Sidonis et Baruth : Gaufrido vero de Lisiniaco, fratri regis Guidonis, in laboris sui et operae remunerationem, cederet comitatus Joppensis, scilicet Joppa et Ascalon. Quod si forte regem Guidonem contingeret prius clausisse diem extremum, tune Marchisus ille, qui regni haeredem, licet nefarie, sicut supradictum est, sub spe regnandi rapuerat in conjugem, insignitus diademate regali, regi Guidoni succederet in regnum : regem autem Guidonem et Marchisum simul cum conjuge, si contingeret eximi rebus humanis, dum rex Ricardus in illis ageret partibus, tune regis Ricardi relinqueretur arbitrio ut pro voluntate disponeret de regno. Hujus fine conditionis universorum conquievit contentio.

Capítulo XX

Sobre a discórdia entre os dois reis a respeito do marquês e do rei Gui, e como a paz foi feita

Passado o tempo, ergueu-se uma grande discórdia entre os dois reis, por ocasião daquele marquês, já mencionado acima, a quem o rei da França apoiava, e a quem se dispusera a conceder toda a porção das suas aquisições realizadas, ou a serem feitas na Terra Santa, o que quer que ele conseguisse. O rei Ricardo não quis oferecer consentimento a essa concessão, compadecendo-se com a aflição do rei Guido, pois parecia mais adequada ao rei Guido. Desentendendo-se os reis sobre esse assunto por um tempo, por fim, mediante os príncipes e os líderes do povo, intervindo tal condição, foram pacificados. O marquês, que parecia ser herdeiro do reino por causa do seu casamento, e também como recompensa pela grande ajuda ao exército no cerco, receberia como possessão a herança do condado de Tiro, ou seja, Tiro, Sidônia e Beirute. Já para Godofredo de Lusignan, irmão do rei Guido, em recompensa por seus serviços e obras, seria cedido o condado de Jafa, isso é, Jafa e Ascalão. Se por acaso acontecesse que o rei Guido chegasse ao dia fina antes [morresse], então o marquês, herdeiro do reino, permitindo-se algo detestável, como foi dito anteriormente, com a esperança de que reinaria por causa do seu casamento, seria coroado com o diadema real, e sucederia o rei Guido no trono. Mas se deixassem as coisas terrenas [morressem] tanto Guido quanto o marquês, junto com sua esposa, enquanto o rei Ricardo estivesse naquelas partes, então seria delegado a ele o julgamento de como disporia do reino. Essa disputa se abrandou ao fim de todas essas condições.

CAPITULUM XXI

Urbe reddita, rex Franciae, omnibus admirantibus, dissuadentibus, maledicentibus, ad repatriandum se preparavit.

Sic se rebus habentibus, exeunte jam mense Julii post redditum civitatem, infra quem Crux sancta promittebatur a Turcis, pro liberandis obsidibus, reddenda ; ecce ! rumor per exercitum increbruit, regem Franciae, in quo pendebat spes populi, velle repatriare, et iter suum magnopere praeparare. O quam probrosum, quamve contumeliosum, adhuc imminente tanto et pendente negotio, ipsum velle abire, cujus intererat tantam populi multitudinem regere, et in opus tam pium populo Christiano tam necessarium instigare, et negotii tam ardui procurare processum ! O quid tantopere viam longissimam eam avida pene inutiliter pervenerat intentione, praepropere rediturus ! O quam egregie votum absolutum, terram scilieet tantum intrasse, et tam brevibus in Turcos decertasse triumphis! Sed quid! Rex Franciae morbum allegavit suae causam esse peregrinationis, et in quantum dabatur, jam votum persolutum , sed

maxime quia sanus et incolumis exstitit, duando crucem cum rege Henrico inter Triam et Gisortium suseepit, huic ejus assertioni non comparuit, qui testimonium perhiberet. Verumtamen non est quidem inficiandum ipsum regem Franciae, in eadem terra, civitati ex pugnandae plurimam operam impendisse, simul et impensam, et quod quampluribus opem praebuerit, et auxilium, et auctoritate praesentiae suae demandaverit executioni festinantius expediendae, operis tanti con summationem, circa obtinendam civitatem, tanquam videlicet regum Christianorum potentissimus et ex cellentissimae dignitatis merito acquisivisse. [...]

Capítulo XXI

Rendida a cidade, o rei da França se preparou para voltar para a pátria, e todos se admiravam, o dissuadiam disso e o amaldiçoavam.

Ocorrendo assim as coisas, findando já o mês de julho após a rendição da cidade, sob a qual fora prometida [a ser devolvida] a Santa Cruz pelos turcos, em troca de libertar os sitiados, eis que cresceu um rumor pelo exército, de que o rei da França, em quem dependia a esperança do povo, queria voltar para casa, e o seu itinerário já havia sido bastante preparado! Ó quão oneroso, quão ultrajante, a esse ponto com tal imediato e importante negócio, ele mesmo desejar retirar-se, quem deveria preocupar-se em reger tamanha multidão do povo, e incentivar ao povo cristão em uma obra tão pia quanto necessária, e buscar o desenvolvimento de tão árdua empresa. Apressava-se em voltar quem viera inutilmente a tão difícil e longuíssima viagem com tanto desejo! Ó quão excelentemente fez um voto incondicional, e definitivamente entrou em tal terra, e por tão pouco tempo combateu os turcos com triunfo! O que acrescentar? O rei da França declarou ser doença a causa da sua viagem, e pelo que havia sido dado, já fora cumprido o voto, mas principalmente porque parecia são e ileso quando tomara a cruz com o rei Henrique entre Trie e Gisors, não se mostrava prova que desse testemunho a essa afirmação. Mesmo assim, não há de fato como negar que o próprio rei da França, naquela mesma terra, dedicou um enorme esforço para atacar aquela cidade, e ao mesmo tempo devotamente, e que mostrou atuação como muitos, e auxílio, e com a autoridade da sua presença demandava a mais rapidamente dar cabo da execução na consumação de tais obras, e conseguiu obter a cidade com um mérito tanto valoroso quanto o dos poderosíssimos reis dos cristãos de excelentíssima dignidade. [...]

INCIPIT LIBER QUARTUS

CAPITULUM I

Rex Ricardus militibus largitur munera, muros Achon reparat.

Videns igitur rex Ricardus summam totius negotii, et rei processum, et impensas, et operas, ipsum prima fronte respicere, hilariter et copiosissime distribuit aurum et argentum Francis, et alienigenis cujuscunque nationis, unde se reficerent abundanter, et vadimonia redimerent. Rege Franciae, sicut praedictum est, praepropere repatriante, rex Ricardus muris civitatis operam dabat reparandis in altius et perfectius quam priusquam diruerentur. Ipsemet etiam obambulabat jugiter, operarios exhortans, et instruens cementarios; tota siquidem intentione satagebat haereditati Dei conquirendae infatigabiliter insistere.

LIVRO IV

Capítulo I

O rei Ricardo distribui presentes e repara os muros de Acre

Então, o rei Ricardo, ao se ver como a principal liderança do conjunto das empreitadas, da progressão dos eventos, custos e trabalhos, distribuiu alegre e copiosamente ouro e prata aos franceses e aos estrangeiros de qualquer nação, para que se recuperassem plenamente e pagassem suas dívidas. Com o rei da França, como dito anteriormente, repatriando-se antecipadamente, o rei Ricardo cuidava de fazer reparos nos muros da cidade, para reconstruí-la mais alta e perfeita do que antes de a terem arruinado. Ele mesmo perambulava continuamente, exortando os operários e instruindo os pedreiros. Ocupava-se, de fato, com todo sem empenho, em insistir infatigavelmente na conquista da a herança de Deus.

CAPITULUM II

Salahadinus pactioni non stat de Cruce Dominica et pecunia reddenda, osidesque suos negligit.

Expectabat igitur terminum conventionis initae inter ipsum et Turcos, sicut praedictum est, Interim petrariis operam dabat et mangunellis in sarcinas colligere ad transportandum. Postquam enim exivit terminus praefixus a Saracenis, de Sancta Cruce reddenda et obsidibus liberandis, ea qua dictum est conditione; cum jam post terminum per tres septimanas expectasset, si Salahadinus factae staret fidelitativel pactioni pactor adjiceret fieri transgressionem : quia Salahadinus videbatur inde nihil curare, forte Deo ita dispensante ut aliquid commodius fieret ; verumtamen dilationem complendae promissionis et Crucis quaeritandae exigebant plendae promissionis et Crucis quaeritanda exigebant Saraceni ; frequenter audires Christianos "quaerere rumores quando Crux Sancta veniret."

Deus autem eam tunc noluit reddi in absolutionem eorum, pro quibus promittebatur reddenda, sed ut potius perirent. Unus aliquis dixit, "Jam Crux venit;" alter aliquis, "Visa est in exercitu Saracenorum ;" sed eorum uterque sic dicentium fallebatur. Non enim procurabat Salahadinus Crucem reddi; immo obsides neglexit obligatos; sperabat enim, mediante Sancta Cruce, multo majoris negotii procurare processum. Interea Salahadinus saepius regem xeniis frequentabat et nunciis, verborum fallaciis tempus redimens et astutiis; de sponsionis autem effectu nihil complens, sed multiplicatis argutiis et verborum ambagibus, in longa temporn regis animum studebat suspendere.

Capítulo II

Saladino não mantém o pacto sobre a devolução da Cruz do Senhor e do dinheiro e negligencia os reféns de seu povo.

O rei Ricardo esperava a expiração do acordo iniciado entre ele e os turcos, como foi dito anteriormente. Enquanto isso, ocupava-se em recolher os trabucos e manganelas em carregamentos para o transporte. Depois que expirou o prazo fixado pelos sarracenos para devolver a Santa Cruz e libertar os prisioneiros, tal como dito no acordo, ele esperou três semanas após o término, para ver se Saladino permaneceria fiel ao acordo ou se o próprio realizador do pacto faria a transgressão. Como Saladino parecia não se preocupar nada com isso, talvez, com o auxílio de Deus, far-se-ia alguma outra coisa mais conveniente. Mas ainda

assim os sarracenos exigiam um adiamento para que cumprissem a promessa e procurassem a Cruz. Frequentemente seria possível ouvir os cristãos “solicitarem notícias sobre quando a Santa Cruz voltaria.”. Deus, porém, nesse momento não quis que ela fosse devolvida para a liberação daqueles em favor de quem se havia prometido devolver, mas quis que, pelo contrário, perecessem. Certo alguém disse: “Já vem a Cruz”; um outro: “Foi avistada no exército dos sarracenos”. Mas ambos estavam errados. Isso porque Saladino não se esforçava para que a Cruz fosse devolvida. Na verdade, negligenciou os reféns devidos. Esperava, pois, mediante a Santa Cruz, procurar a realização de um acordo muito maior. Enquanto isso, Saladino frequentemente enviava ao rei presentes e mensageiros, ganhando tempo com truques de palavras e astúcias. Porém, não cumprindo nenhum efeito das promessas, mas, com as enganações multiplicadas e palavras ambíguas, ele buscava manter suspensa a força do rei por um longo tempo.

CAPITULUM IV

Occiduntur a nostris obsides Salahadini.

Postquam revera constitit regi Ricardo, transacto jam termino et ultra, quod obdurato corde Salahadinus nihil ultra curaret de redimendis obsidibus; coacto consilio majorum in populo, decretum est nihil ulterius frustra expectandum, sed ut obsides decollarentur, reservatis aliquot tantum de majoribus et nobilioribus, si forte vel ipsi redimerentur, sive pro quibuscunque aliis Christianorum captivis commutandis. Rex Ricardus in opprimendis Turcis funditus semper aspirans, ad conterendam ipsorum protervam arrogantiam, et legem Mahumeticam confundendam, Christianitatem vindicandam; die Veneris proxima post Assumptionem Beatte Mariae, a civitate jussit educi Turcorum obsidum vinctos duo millia et septingentos ad decollandum. Nec mora, prosiliunt satellites, alacriter jussa complentes, et animo gratanti, ut videlicet, in ultione redderent talionem, annuente gratia divina, super morte Christianorum, quos ipsi peremerant arcuum missilibus vel balistarum.

Capítulo IV

Os prisioneiros de Saladino são mortos por nossos homens

Depois que, de fato, ficou claro ao rei Ricardo, tendo sido há muito findado o prazo, o fato de que Saladino, tendo seu coração endurecido, não buscaria salvar os prisioneiros de seu povo. Ao ser reunido, então, um conselho com os líderes do povo, decretou-se que não se esperaria mais em vão, mas que os prisioneiros seriam decapitados, mantendo-se apenas alguns dos líderes e nobres, para o caso de serem resgatados ou para serem trocados por outros cristãos cativos. O rei Ricardo, sempre desejando oprimir totalmente os turcos, para conter a vergonhosa arrogância deles, e para confundir a lei maometana e vingar a Cristandade, na sexta-feira seguinte, após [o dia da] Assunção da Virgem Maria, mandou que dois mil e setecentos dos turcos reféns fossem conduzidos amarrados para fora da cidade, para serem decapitados. Sem demora, soldados cumpriram entusiasmadamente o que fora ordenado e, com o favor da graça divina, em retaliação contra a morte dos cristãos que eles mesmos [os Turcos] mataram com arcos e bestas.

CAPITULUM V

Itinere tam marino quam terrestre, proeordinat rex Ricardus exercitum movere versus Ascalonem.

Advesperascente jam die, voce preconis denunciatum est, movendum exercitum in proximo, et flumen Achonense transmeandum, in nomine Domini omnium bonorum largitoris, ut ad Ascalon procederent ad perquirenda maritima. Igitur ex praecepto, victualia quae decem diebus sufficerent, navibus imposuerunt exercitui apportanda, panem, scilicet, biscoctum et farinam, carnes et vina, et quae viderentur esui necessaria. Nautis igitur firmiter injunctum est, ut semper navigarent e regione procedentis per terram exercitus, cum bargis onerariis et neckis, quae victualia veherent et lhomines armatos. Sic igitur procuratum est, ut bipertito progrederentur exercitu, parte media, marino, parte altera, itinere terreno; non enim aliter fuit possibile terram acquirere sie a Turcis occupatam.

Capítulo V

O rei Ricardo manda o exército se dirigir para Ascalão,[76] *seguindo uma rota tanto por mar quanto por terra*

Já amanhecendo o dia, proclamou-se pela voz do arauto que o exército deveria partir no dia seguinte e atravessar o rio de Acre, em nome do Senhor, distribuidor de todos os bens, para que prosseguissem para Ascalão esquadrinhando a costa. Dessa maneira, segundo o que fora ordenado, estocaram nos navios provisões suficientes para dez dias, para que fossem levadas ao exército: pão – é claro –, biscoito e farinha, carne e vinho, e o que parecesse necessário para alimentação. Aos marinheiros, impôs-se firmemente que sempre navegassem pela costa, com barcaças carregadas e *sneckas*[77], que transportariam provisões e homens armados, enquanto o exército prosseguia por terra. Arranjou-se, então, de maneira que o exército estaria dividido em dois: uma parte indo por mar, a outra, por terra. Não foi possível obter a terra de outro jeito, pois estava ocupada pelos turcos.

CAPITULUM X

Exercitus noster, ordinate dispositis ordinibus procedit, et Turcos viriliter irruentes fortiter repellunt. Hic Standardus describitur.

Igitur in crastino Sancti Bartholomaei, hoc est Dominica, in nomine Domini mane disponitur per acies exercitus, per maritima processurus. O quam decenter accuratam ibi videres militiam; juventutem eximiam, cui similis reperiretur difficile; ibi gentem videres electam, satellites multae probitatis et audaciae, decentissimas armaturas, tot penuncellos cum signis micantibus et multiformibus baneriis, tot hastilia albicanti cuspide, loricas lucentes et galeas, exercitum hostibus terribilem, et castrorum acies ordinatas. Rex Ricardus primo praefuit agmini et primariam gerebat custodiam. [...]

Dux Burgundiae cum Francis extremam aciem agebant, qui minus expedite sequentes, interveniente mora, fere maximum incurrerunt dispendium. Exercitus itinerabat juxta mare quod eis erat a dextris, et gens Turcorum a sinistris omnes gestus nostros a montanis prospiciebat. Ingruente subito nebula periculosa, turbabatur aer. Venerat exercitus ad quasdam viarum angustias, qua transitus erat bigarum victualia portantium. Ibi propter angiportum,

[76] Cidade costeira a aproximadamente 60 quilômetros de Jerusalém.
[77] A snecka é uma espécie de barco escandinavo longo e estreito, com vinte remadores, usado como embarcação de transporte. NICHOLSON (1997, p. 155).

confusis acierum ordinibus, sparsim attenuati procedebant et indisciplinate; quod attendentes Saraceni repente irruunt in veredarios et bigas onustas, et homines improvidos sine mora peremerunt et equos, et plurimum sarcinarum diripuerunt, et sibi resistentes pertinaciter pertransibant, et dispergebant, et usque in oram maris caedentes profugabant. Ibi fit acerrimus conflictus, viriliter utrisque pro capitibus certantibus. Ibi cum a Turco quodam amputaretur manus dextra cum gladio quem strictum tenebat, cuidam Everardo homini episcopi Saresberiensis, ipse vultu constanti et in nullo mutato, gladium arripuit sinistra, et adversus Turcos imminentes concludens, et in diversa gladium vibrans, ab omnibus animosius se defendit. Hinc conturbato vehementer exercitus agmine extremo, et ob infortunium nimis obstupescente, Johanne filio Lucae, equo velocius admisso, regi Ricardo adhuc ignoranti rem quae acciderat indicavit. Qui statim rapido cursu, suorum vallatus agmine in extremorum rediit adjutorium, et gladio fulminante ferebatur in Turcos a dextris prosternens et a sinistris. Nec mora, velut olim Philistiim a facie Machabaei, ita nunc Turci dissipati diffugerunt a facie regis Ricardi, et montana occupaverunt, quorum tamen quidam, amissis capitibus, nostris remanserunt. Illo quidem in congressu, quidam Francorum, nomine Willelmus de Barris, quem olim orta simultas regi Ricardo reddiderat discordem, probitate magnifica mediante, in pristinam meruit reconciliari familiaritatem et gratiam. Salahadinus non procul inde fuit cum omni virtute exercitus sui. Verum a praedicta repulsione, Turei proficere desperantes, ab impetendo nostros ulterius se cohibuerunt, nos a longe speculantes. Noster igitur restauratus ordinate procedebat exercitus, usque ad flumen quod forte repererunt, et cisternas quas probaverunt. Ibi fixerunt tentoria, et resederunt in planitie speciosa, in qua viderant Salahadinum prius commorasse, ibi fixis tentoriis, et per ambitum loci triti et amplitudinem, perpendebant exercitum Turcorum esse permaximum. Prima quidem die, sic noster afficiebatur exercitus, id procurante Deo, ut cautius se gereret, quuatenus semel expertum, in quantum daretur iterato praemuniti, praecaverent dispendium.

Capítulo X

O nosso exército avança em ordem e repele valentemente os turcos que atacavam. Aqui o Estandarte é descrito.

No dia seguinte ao dia de São Bartolomeu, que era um Domingo, em nome do Senhor, pela manhã o exército foi organizado em fileiras para prosseguir pela costa. Oh, que exército disposto de forma decente se veria ali! Dificilmente se encontraria uma igual juventude

excelente! Ali se veria um povo seleto, soldados de muita honestidade e coragem, armaduras decentíssimas, tantos galhardetes tremulando com estandartes e bandeiras de diferentes formatos, tantas lanças de pontas brilhantes, cotas de malha e elmos reluzentes, um exército terrível para os seus inimigos e as fileiras de tropas ordenadas. O rei Ricardo comandou primeiramente o exército em marcha e tomava o comando principal. [...]

O duque da Burgúndia e os franceses tomava a retaguarda do exército, e por ficarem um pouco para trás, por causa de um atraso, quase sofreram uma grande perda. O exército viajava próximo ao mar, que estava à direita, e pela esquerda o povo dos turcos observava das montanhas todos os nossos movimentos. De repente, com a chegada de nuvens ameaçadoras, o ar foi perturbado. O exército chegara a uma certa passagem estreita da estrada, pela qual passavam um par de cavalos portando as provisões. Ali, por causa da passagem estreita, a ordem das fileiras se desorganizou, e prosseguiam apertados e indisciplinadamente pelo espaço. Percebendo isso, os sarracenos de repente atacaram os cavalos velozes e as carroças carregadas, e, sem demora, mataram homens pegos desprevenidos e seus cavalos, espalharam grande parte da bagagem e atropelaram obstinadamente os que resistiam a eles, dispersando-os, e perseguiram-nos até o mar, matando-os.

Ali fez-se um amargo conflito; em ambos os lados, lutava-se corajosamente pela própria vida. Ali, quando um turco cortou a mão direita de um certo Everardo, um homem [a serviço] do bispo de Salisbury, com a espada que segurava com firmeza, este, com o rosto imóvel e em nada alterado, tomou a espada com a mão esquerda e, encurralando os turcos que o ameaçavam, ao vibrar a espada em todas as direções, defendeu-se de todos os inimigos. Por causa desse ataque, o exército foi vigorosamente desarranjado em sua coluna na retaguarda, muito surpreendido por esse infortúnio. Então, João, filho de Lucas tendo tomado o cavalo rapidamente, contou o que ocorrera ao rei Ricardo, que até então, ignorava dos acontecimentos. Ele, então, imediatamente pondo-se em rápido curso, veio em auxílio das fileiras da sua retaguarda cercadas, e com a espada fulminante atacava os turcos, que caíam à direita e à esquerda. Sem demora, como outrora os filisteus diante de Macabeus[78], assim naquele momento fugiram para todos os lados os turcos dispersados diante do rei Ricardo, e voltaram para as montanhas. Destes, no entanto, alguns, tendo sido decapitados, permaneceram conosco. Naquele combate, um dos franceses, chamado Guilherme de Barris, que antes tinha se

[78] Judas Macabeus, personagem bíblico, líder da Revolta dos Macabeus.

desentendido com o rei Ricardo ao ter surgido uma rivalidade entre eles, mediante magnífica valentia no evento anterior, conseguiu reconquistar o antigo favor e graça.

Saladino estava com toda a força de seu exército não muito longe dali. Mas por causa da oposição narrada anteriormente, os turcos sem esperanças de obter algo, se contiveram de continuar atacando os nossos, observando-nos de longe. Assim, nosso exército seguia com a ordem restaurada, até um rio que encontraram por acaso, e até cisternas das quais provaram. Ali fixaram suas tendas e estabeleceram-se na bela planície, na qual tinham visto que Saladino tinha se acomodado antes. Ali, fixadas as tendas, e pelo espaço e amplitude da região que estava pisada, calcularam que o exército dos turcos era imenso. Deus quis isso, que no primeiro dia nosso exército fosse atacado, para agisse com mais cautela, Assim, de uma vez por todas, aprenderam pela experiência a tomar as precauções necessárias enquanto viajavam, para se precaverem de perdas.

CAPITULUM XIX

Item de eadem pugna, et de mirabili Christianorum victoria.

Obducto nubilo pulveris aere, aestuabant itinerantes, imminebat a tergo gens ferocissima, fastu insolens, instigante daemone pervicax: populus nihilominus Christianus probissimus, et constanti libertate securus, semper paulatim progrediendo proficiens; duos incessanter fustigando minabant a tergo ; verumtamen resiliebant ictus ab armorum munimine. Hinc se Turci ingemiscunt parum circa votum proficere, et suos impetus frustrari invidioso immurmurant susurro: hinc et perniciosiori furentes immanitate, gentem nostram appellant ferream, nulli cessuram injuriae. Tandem turbatim irrunt subito Turcorum plus quam viginti millia; cominus clavis malleantes, et gladiis: in Hospitalarios congeminant ictus, contundunt, afiligunt, et variis urgent conatibus. [...]

Nec mora, spatio correpto, Hospitalarii, qui ea die equitaverant seriatim, plurimum gravati cum cuneis suis, praedictos duos sequentes, viriliter irruerunt in hostes. Sicque singulae turmae secundum ordines constitutos, retroactis equis, ferebantur in hostes, videlicet ut qui fuerant primi in exercitu in itinere carpendo, moverentur extremi juxta situm dispositionis hostes impetendo: unde primi congressi sunt Hospitalarii, qui fuerant ordinati in exercitu extremi. [...]

In illa mutuae congressionis conturbatione, excitato pulvere nigrescebat aer. Universi Turci, qui de industria ab equis descenderant, ut pila et sagittas expeditius in nostros dirigerent, in illo congressu militantium sine mora decapitati sunt : ipsos enim a militibus prostratos decollaverunt pedites nostri. Rex Ricardus, ut conturbatum vidit exercitum, et cum Turcis congressum, equo calcaribus acto, ocius advolat, nec prius a cursu temperavit, quam pertransisset Hospitalarios primitus congressos, quibus opem cum sequela sua laturus, se fulminans a dextris perniciter ingessit in Turcorum peditum turbam improbissimam, ob ejus ictus et suorum vehementer obstupescentium, quos cogebantur experiri. Cadebant enim ab eo a dextris et a sinistris. [...]

Quin immo totus noster exercitus distinctus per ordines in Turcos irruerat. Normanni quoque et Angli, ad observandum standardum praeelecti, moderatis passibus paulatim appropiaverunt exercitui cum Turcis congredienti, non procul a certamine subsistentes, ut ad eos certum omnes haberent confugium: difficillime quippe virtus eorum dissiparetur. [...]

Rex nihilominus, equo favello Cyprio sedens, cujus non erat similis, versus montana prosiluit cum electo agmine suo, et quoscunque Turcorum dissipavit obvios; et undique cadebant ab eo tinnientibus galeis, et prodeuntibus a ferri collisione scintillis. Tanta quidem ea die vehementia concitabatur in Turcos, lethales multiplicans ictus, ut ab ejus importabili congressu in brevi hostes universi diverterent, et exercitui nostro progressum cederent. Sic et in parte nostri lacerati ad standardum denique perveniunt, et iterum per acies ordinati, processerunt seriatim usque ad Arsur, et extra oppidum fixere tentoria. Quibus dum intenderent figendis ecce! Turcorum cuneus maximus invasit extremitatem exercitus nostri. Audiens autem rex Ricardus vociferationem congredientium, suam gentem exhortans ad pugnam, reflexis loris rapido cursu cum quindecim tantum sociis, audacter hostes aggrediens, exclamavit voce magna, dicens, "Adjuva nos, Deus et Sanctum Sepulcrum ;" et sic exclamavit secundo et tertio Cujus vocem cum caeteri suorum audissent, festinanter secuti sunt eum, et Turcos invaserunt, et statim dispersos et diffugientes usque ad sylvam Arsuri, ex qua prius exierant, jugiter caedendo et prosternendo fugaverunt. Ibi etiam Turcorum quıam plurimi corruerant. Reversus est denique rex cum suis ad castra a caede fugientium Turcorum. Post tantam vexationem fatigati illa nocte quieverunt. [...]

Capítulo XIX

Ainda sobre essa mesma batalha, e sobre a maravilhosa vitória dos cristãos.

Por causa de uma nuvem de poeira espalhando-se pelo ar, os viajantes sufocavam, principalmente pelo calor do tempo. Pela retaguarda, como dito anteriormente, os ameaçava um povo ferocíssimo, arrogantemente orgulhoso, instigado por um demônio obstinado. Ainda assim, o honestíssimo povo cristão, seguro em relação à sua constante liberdade, manteve-se sempre avançando gradualmente. Eles eram assediados pela retaguarda, sendo fustigados incessantemente pelas costas, mas os golpes eram repelidos pela proteção das armaduras. Depois disso, os turcos queixavam-se de fazer pouco em relação ao prometido, e murmuravam em um odioso sussurro que seus ataques serem frustrados. Depois, ainda mais perniciosamente enfurecidos com brutalidade, diziam que o nosso povo era de ferro e que não haveriam de sofrer nenhum ferimento. Por fim, uma multidão de mais de vinte mil turcos atacou subitamente, em combate corpo a corpo com clavas e espadas. Eles duplicaram os golpes nos hospitalários, esmagavam, despedaçavam e aumentando a pressão de vários modos. [...]

Imediatamente, os hospitalários, que naquele dia cavalgaram em ordem em um espaço comprimido, muito pressionados em seus destacamentos, seguindo os dois já mencionados[79], avançaram valentemente contra os inimigos. Do mesmo modo, cada tropa, seguindo ordenadamente, virou seus cavalos, levando-os em direção aos inimigos, de modo que os que eram os primeiros no exército a marchar pelo caminho, foram movidos para a posição da retaguarda da formação ao atacar os inimigos, de forma que os hospitalários, que foram posicionados na retaguarda do exército, combateram na vanguarda. [...]

Naquela confusão mútua do choque, a poeira erguida escureceu o ar. Todos os turcos se organizavam, e desceram deliberadamente dos cavalos para que lançassem dardos e flechas mais facilmente contra os nossos. Naquele combate, sem demora eles foram decapitados, pois eles foram derrubados pelos nossos cavaleiros e degolados pelos nossos soldados a pé. O rei Ricardo, vendo o exército em confusão e engajado com os turcos, esporeou o cavalo, disparou rapidamente e não diminuiu o galope ao passar pelos hospitalários, os primeiros a combater, aos quais trouxe auxílio com sua comitiva. Lançando-se no flanco direito, atacou persistentemente a perversa turba da infantaria dos turcos, e eles, muito estarrecidos, eram forçados a experimentar dos seus golpes, e caiam à sua direita e à sua esquerda. [...]

Então, todo o nosso insigne exército avançou contra os turcos através de seus batalhões. Os normandos e ingleses, escolhidos para guardar o Estandarte, em passos moderados, aos

[79] O marechal dos hospitalários e Balduíno de Carros.

poucos aproximaram-se do exército que confrontava os turcos, mantendo-se não longe do combate, para que, perto deles, todos tivessem um refúgio seguro. Seria muito difícil que a força deles fosse dispersa. [...]

O rei, montado em um pequeno cavalo de Chipre que era sem igual, avançou em direção às montanhas com as suas tropas de elite, e dispersou quaisquer turcos que encontravam no caminho, e caíam por toda parte diante dele, com os elmos retinindo, e faíscas saíam da colisão do metal. Descarregaram-se com tanta veemência sobre os turcos naquele dia, multiplicando os golpes letais, que rapidamente todos os inimigos fugiram desse encontro insuportável, e abriram caminho ante o avanço do nosso exército.

Assim então os nossos homens finalmente alcançaram o Estandarte, parcialmente feridos, e novamente organizados em fileiras, procederam em ordem até Arsur, e fixaram suas tendas. Enquanto estendiam as tendas, eis que um enorme batalhão dos turcos atacou a extremidade do nosso exército. O rei Ricardo, ao ouvir os gritos dos que combatiam, convocou o seu povo à batalha, e, voltando suas rédeas em rápido galope, com apenas quinze companheiros, valentemente atacou os inimigos, e gritou em alta voz: "Ajudai-nos, Deus e o Santo Sepulcro!", e assim gritou uma segunda e terceira vez. Quando ouviram a sua voz, o restante dos seus homens rapidamente o seguiu, e dispersaram os turcos, que fugiram, espalhados e desbaratados até a floresta de Arsur, da qual haviam saído anteriormente, constantemente sendo derrubados e caindo, e para lá muitos dos turcos correram. Então o rei retornou do massacre dos turcos em fuga com seus homens ao acampamento. Fatigados após tantos esforços, descansaram naquela noite. [...]

CAPITULUM XXIII

Salahadinus dirui facit omnia castella praeter Jerusalem, et Crec et Darun.

Salahadinus in illius iracundiae fervore, advocato fratri suo Saffadino, inquit; " Jam nunc," inquit, "meae scias esse voluntatis experiri quantam merito debuero habere confidentiam in gente mea in hujus articulo negotii. Egredere sine mora, et muros et turres Ascalonis solo tenus dirui facito: civitatem etiam de Guadres: Darum autem conservandum committe custodiae, qua gens mea transeat. Dirui vero facito Galatiam et Blanchewardam, Joppen et Casellum de Planis, et Casellum Maen, et Sanctum Georgium et Ramulam, et Bellum Montem, Toronem, castrum Ernaldi, Beauverium et Mirabellum. Praeterea omnia frange castra montana, non parcet oculus tuus omni civitati vel castello sive casello. Omnia dirue, omnia prosterne,

praeter Crac et Jerusalem." Egressus itaque Saphadinus omnia quae praeceperat Salahadinus incunctanter peregit.

Capítulo XXIII

Saladino fez serem destruídas todas as fortalezas, menos Jerusalém, Queraque e Darum[80].

Saladino, em um ardor de ira, tendo chamado seu irmão Safadino, disse: "Já agora sabes ser a minha vontade provar quanta confiança eu deveria ter no valor do meu povo no presente problema. Vá sem demora e faz que sejam destruídos os muros e as torres de Ascalão até o chão, assim como a cidade de Gaza, mas Darum [Deir al-Balah] deve ser conservada, posta sob defesa, para que o meu povo possa circular. Que se destrua também Galácia [Qaratayya] e Blanche Gard [Tel Safi], Jafa e o Castelo de Planis [Yazour], o Castelo Maen [Bait Dajan], São Jorge [Lida] e Ramala, e Belmont [Suba] e Toron [Latrun], e o castelo Ernald [Yalo], Beauvoir [Kaukab] e Mirabel [Majdal Yaba]. Além disso, destruói todas as cidades nas montanhas, e que seu olho não poupe nem cidade, nem castelo, nem fortificação. Destrói tudo, derruba tudo, exceto Queraque e Jerusalém. Então, depois de sair, Safadino realizou sem hesitação tudo o que Saladino instruíra.

CAPITULUM XXVI

Rex Ricardus consulit Ascalonem a diruentibus eruere, et eam reparare : sed praevalescente Francorum pejore consilio, Joppen reparant, ubi et vitiis et luxuriae intendunt.

Salahadinus interim dirui fecerat muros et turres Ascalonis, quod quidam plebeii inde noctu fugientes exercitui nostro venerant nunciare, quod jam turribus diruendis insisterent magnopere Saraceni. Minus tamen credendum hoc nostris videbatur, ut videlicet, Salahadinus ex desperatione hoc fieri jussisset, tanquam turres conservare non posset, vel non auderet, qui maximae reputabatur virtutis et potentiac. Ad hoc itaque certius inquirendum, de consilio magnatum misit rex Ricardus in una galea fortissima, Galfridum de Liziniaco, et Willelmum de Stagno, et cum ipsis alii quamplures navigaverunt usque ad Ascalonem, et ante civitatem subsistentes rei statum et veritatem con sideraverunt. Quod cum certissime didicissent, veloci

[80] Deir el-Balah, cidade Palestina localizada na Faixa de Gaza.

redeuntes remigio renunciaverunt verum esse quod prius audierant. Igitur convenientes in unum rex Ricardus, et principes et magistratus populi, communi consilio decreverunt tractandum utrum magis expediret omnibus aut proficisci Ascalonem ad disturbandos inde Turcos, ne penitus dirueretur, sive versus Jerusalem procedere, multis multa prout utile videbatur allegantibus, et plurimum diversa sentientibus , tandem rex Ricardus, praesente duce Burgundiae, et majoribus in populo, ita suam proposuit sententiam, dicens; " Sicut mihi videtur, inconvenienter sicut et inutiliter diversi sentimus diversa, quod quidem ad non modicam (quod Deus avertat) poterit nobis retorqueri perniciem. Turci qui diruunt Ascalonem nobiscum bellare non audent. Mei quidem sciatis quod animo concipio sanioris fore consilii civitatem Ascalonem, fugatis Turcis, conservare incolumem ; quia totius orbis peregrinis eo pernecessarius non ignoratur esse transitus. Hoc mihi videtur esse faciendum noveritis universi." His vero pertinaciter Franci contradixerunt, allegantes ipsam Joppen potius restaurandam, et labore commodiore reparandam, quippe quod ad breviorem peregrinationem in Jerusalem commodius potuisset opus consummari. Quid multa ? ad horum consilium consequendum multitudinis invaluit acclamatio. O caecum ignavorum consilium! O damnosa desidum pertinacia : qui quanto prudentius sibi prospexisse videbantur, et labores commodius evitasse et impensas, tanto magis in posterum poenitenda commiserunt. Nam si tunc Ascalonem a Turcis excussissent, omnis prorsus terra evacuaretur ab ipsis. Verum populi convalescente vociferatione, statutum est faciendam collectam ad ipsam Joppen reaedificandam: insistebant sollicite et fossis faciendis et turribus reparandis. Sedet ibi diu tius exercitus, otiis vacans et jocis: de die in diem augebatur peccatum multiplex in exercitu, crapula scilicet et luxuria. Redibant enim in exercitum mulieres ab Achon, fomes delictorum, incrementum facinoris, unde plurimum contaminatur populus, et peregrinationis confunditur diligentia, debitaque negligitur devotio.

Capítulo XXVI

O rei Ricardo se aconselha sobre se deveria tomar Ascalão de seus destruidores e reconstruí-la, mas, prevalecendo o mau conselho dos franceses, reconstroem Jafa, onde cedem aos vícios e à luxúria.

Enquanto isso, Saladino fizera destruir os muros e torres de Ascalão. Alguns plebeus, fugindo de lá de noite, vieram anunciar ao nosso exército que os sarracenos conduziam a grande empresa de destruir as fortificações. Para os nossos parecia difícil de acreditar que Saladino,

cuja reputação em relação à virtude e ao poder eles consideravam enorme, tivesse ordenado que isso fosse feito a partir do desespero, uma vez que não podia ou não ousaria conservar as torres. [...] Muitos navegaram até Ascalão, e chegando diante da cidade, viram a condição dos acontecimentos e souberam que era verdade. Ao descobrirem isso, voltaram remando velozmente e anunciaram ser verdade o que ouviram antes. Então o rei Ricardo reunindo-se com os príncipes e magistrados do povo, em comum acordo, decidiu discutir se era melhor avançar com todos para Ascalão para dispersar os turcos, para que não fosse totalmente destruída, ou se prosseguiriam para Jerusalém. Muitas coisas, conforme parecia útil, e opiniões diversas foram ditas por muitos. Por fim o rei Ricardo deu sua sentença na presença do duque da Burgúndia e dos mais importantes do povo, dizendo: "Assim, parece-me inútil e inconveniente, distintos, ouvirmos opiniões diversas. Isso, de fato, poderia – que Deus não permita – se voltar contra nós como desastre. Os turcos, que estão destruindo Ascalão, não ousam lutar conosco em batalha. Saibam que em minha opinião considero que será mais sábio o conselho de conservar intacta a cidade de Ascalão, depois de pôr os turcos para fugir, pois não se ignora que ela é necessária para a travessia de peregrinos de todo o mundo. Que vocês saibam que me parece que isso é o que deve ser feito." Mas os franceses se opuseram a isso de modo pertinaz, dizendo que o melhor seria a própria Jafa se reconstruir e que deveria ser reparada com um esforço mais adequado, porque o trabalho poderia ser realizado mais convenientemente e a peregrinação até Jerusálem mais rápida. O que mais posso dizer? Elevou-se uma aclamação da multidão para que o conselho deles fosse seguido. Ó cego conselho de preguiçosos! Ó danosa obstinação de indolentes! Quanto mais prudentes pareciam ao cuidar de si e convenientemente evitar trabalhos e esforços, tanto se arrependeriam posteriormente. Pois se tivessem expulsado os turcos de Ascalão, toda a terra poderia ter sido totalmente desocupada deles. Porém, pelo brado do povo convalescente, foi determinado que seria feita uma coleta para reconstruir a própria Jafa. Insistiam solicitamente, construindo fossas e reparando torres. O exército ficou acampado por muito tempo, ficando desocupado no ócio e no lazer. A cada dia aumentava a quantidade de pecados no exército, a bebedeira e a luxúria. Pois as mulheres, fomentadoras de delitos e promotoras de transgressões, voltavam de Acre para o exército. A partir dessa situação, o povo foi muito contaminado, desviado da diligência para com a peregrinação, e a dívida da devoção foi negligenciada.

CAPITULUM XXXV

Populus arma sua praeparat, gaudens de peregrinatione in Jerusalém; quam dissuadent Templarii et sapientiores, sed consilium eorum adhuc populus non axaudit.

Igitur laetabatur exercitus eximie, eo quod se speraret in proximo ad Dominicum diu desideratum pervenire sepulcrum. Rotantur loricae, ne runigine squalescant : tractantur galeae mappulis, ne forte pallescant, humore lambento fulgorem; gladiorum birris exterguntur mucrones, ne qua humectatione claritudini inimica corrumpantur. Quid autem per singula numeranda? ad aggrediendum iter se sollicite singuli expediunt, nullis nec hostili occursione[81] retardandi obstaculis, verba quidem jactitantes magniloqua, invitis Saracenis se praemasticant, olim devotam con ummaturos peregrinationem. Verum plebis desiderio minus circumspecto sapientiores non censuerunt acquiescendum. Templarii enim et Hospitalarii, Polani nihilominus terrae illius, in futurum oculos habentes acutiores super agendis, regi Ricardo dissuaserunt versus Jerusalem in illo articulo eundum; tum quia, si civitas obsideretur et tota intentione insisterent expugnare Salahadinum et hos qui cum ipso coercerentur inclusi, exercitus Turcorum exterior, qui non procul inde in montanis sedebat, obsidentibus repentinas mo liretur incursiones, et periculosior pugna committeretur, hinc ab externis, inde ab exeuntibus obsessis , tum et si omnia succederent ad votum, et obtinerent civitatem Jerusalem, nee hoc etiam expedire visum est, misi statim viri robustissimi deputarentur qui custodirent civitatem, quod quidem autumabant non de facili posse compleri, praesertim cum plebem perpendissent avidissimam ad peregrinationem consummandam, ut inde sine mora repatriarent singuli, turbationis rerum jam ultra modum pertiesi. Haec omnia pensantes, subtilius hoc suaserunt differendum, quatenus virtus belli et robur vulgi de consilio conservaretur, et tamdiu cohaererent quamdiu non consummaretur peregrinatio; soluto quippe voto dissolveretur exercitus. Sed adhuc consilium eorum non omnino exauditur.

Capítulo XXXV

O povo prepara as suas armas, alegre por causa da peregrinação para Jerusalém. Os templários e os sábios desaconselham isso, mas, mesmo assim, o povo não ouve o seu conselho.

O exército alegrava-se muito, pois este tinha a expectativa de logo chegar ao longamente desejado sepulcro do Senhor. As cotas de malha foram enroladas, para que não se cobrissem de ferrugem. Os elmos foram tratados com lenços, para que não embaçassem, com a umidade

[81] occursione] incursione, C.

retirando seu brilho. As lâminas das espadas foram limpas nos mantos, para que não fossem danificadas em sua clareza pela umidade hostil. Por que enumerar cada coisa? Cada um se preparou para prosseguir no caminho; nenhum obstáculo nem evento hostil poderia retardá-los; eles diziam também palavras de exaltação e procuravam completar a peregrinação outrora consagrada, mesmo que contra a vontade dos Saracenos. Na verdade, os mais sábios do povo não pensaram em concordar com o desejo menos prudente do povo. Pois, os templários, Hospitalários e também os polanos daquela terra, mais acautelados do que ansiosos para agir, tendo os olhos no futuro, dissuadiram o rei Ricardo de partir em direção a Jerusalém naquele momento, pois se a cidade fosse sitiada e se colocassem todos os esforços em combater Saladino e aqueles que seriam cercados com ele, o exército dos turcos fora (da cidade), que se posicionava nas montanhas não distante dali, fariam incursões repentinas aos sitiantes, e seria travada uma luta mais perigosa, de um lado, pelos de fora, do outro, pelos sitiados saindo da cidade. Além disso, mesmo se tudo se sucedesse como desejado, e tomassem a cidade de Jerusalém, isso não parecia ser uma solução, a não ser que se designassem imediatamente homens robustíssimos para guardar a cidade. Afirmavam não poder cumprir isso de modo fácil, principalmente depois de ter avaliado que o povo estava muito ávido para concluir a peregrinação, de modo que cada um sem demora voltaria para casa, já cansados ao limite das tribulações da situação. Levando em consideração todas essas coisas, persuadiram minuciosamente a atrasar (a jornada), enquanto a força de guerra e a energia do povo eram preservadas. Ficariam juntos enquanto a peregrinação não fosse concluída; uma vez cumprido o voto, o exército seria dissolvido. Mas ainda assim o conselho deles não foi totalmente ouvido.

LIBER QUINTUS

CAPITULUM I

Ad persuasionem Templariorum et praedictorum, contra voluntatem plebis, nunc demum nostri peregrinationem in Jerusalem intermittunt, ut prius reaedificationi Ascalonis intendant.

Anno igitur Domini mcxcii, post Epiphaniam Domini non multis evolutis diebus, coacto consilio sapientiores iterum, ut supradictum est, inter se statuerunt tractandum, ascitis etiam discretioribus illius terra oriundis, utrum expediret vel procedere versus civitatem

Jerusalem expugmandam, vel alias divertere. Alle gantibus itaque Hospitalariis et Templariis et Polanis, ut dictum est superius, variis nitentibus[82] rationibus ad id plurimum facientibus[83], dissuasum est omnino progrediendum, immo Ascalonae civitati potius in sisterent readificandae, quatenus ibi transitus observa retur Turcorum a Babylonia versus Jerusalem cibaria portantium. Huic tandem sententiae in commune annuerunt majores, quod potius expediret tune temporis Ascalonem a Turcis ereptam reaedificare, et, ne liberiori transitu Turci gauderent ulterius, ibidem observare. Igitur cum jam revera innotuisset exercitui regressionis decretum, plebs inaestimabili contabuit moestitia , gemunt omnes et suspirant, spem eorum, quam alto corde conceperant de Dominico visitando sepulcro, ita repente fuisse praecisam. Imminens itaque tristitia praecedentem de progrediendo laetitiam prorsus absorbuit, et priorem spei conceptionem ex jam auditis expungebat desperatio. Imprecantur hujus decreti promulgantibus omne malum anxii; maledicunt voti dilationem, et tam contrariorum gestorum procuratores. Verumsi eisdem plenius innotuisset de statu et penuria eorum, qui in Jerusalem erant, moderatiori forte sollicitarentur anxietate, ex inimicorum tribulatione quamcunque habentes consolationem. Turci quippe, qui infra Jerusalem civitatem se cohibebant, perniciosissimis angustiabantur suppliciis multimodis: nivium enim et grandinum opprimebantur nimietate, ex quarum nihilominus resolutionibus aquarum diluvium a montanis defluens, equos eorum et jumenta catervatim involvit, vel certe frigoris asperitas necavit. In tantum nimirum extabuerunt penuria et nimia periclitabantur defectione, ut si nostris revera constaret de Turcorum tanta depressione ob aeris intem periem, levibus tune temporis laboribus et impensis obtinerentur, et procul dubio de facili civitas illa diu desiderata Jerusalem expugnaretur. Sed diu a nostris retineri non posset, quia peracta peregrinatione populo repatriante, non superesset gens quae eam defendere valeret.

LIVRO V

Capítulo I

Por persuasão dos templários e daqueles já mencionados[84], contra a vontade da plebe, agora as pessoas do nosso povo abandonam a peregrinação a Jerusalém, para que primeiro se ocupem da reconstrução de Ascalão.

---

[82] nitentibus] intentionibus, C.
[83] facientibus] sentientibus, A.
[84] Os hospitalários, os nativos e os sábios do povo.

Assim, no ano do Senhor de 1192, transcorridos não muitos dias após a Epifania do Senhor, os mais sábios, depois de realizado um conselho, como foi dito anteriormente, julgaram que deveriam discutir, reunidos também com os mais sábios dos nativos daquela terra, se prepararíam-se para avançar em direção à cidade de Jerusalém para atacá-la, ou se voltariam para outro lugar. Assim, os hospitalários, templários e polanos[85], como dito anteriormente, expuseram seus diversos argumentos apresentando muitos motivos para dissuadir todos de prosseguir, e, ao contrário, insistiram que a cidade de Ascalão deveria ser reconstruída, já que dali se observaria o trajeto dos turcos da Babilônia para Jerusalém, transportando alimento. Por fim, os líderes concordaram em comum com essa decisão, pelo fato de, naquele momento, ser mais vantajoso reconstruir Ascalão, tomada dos turcos, e dali vigiar, de modo que os turcos não gozassem de uma travessia irrestrita por mais tempo. Então, quando já se anunciava de fato ao exército o decreto para retornar, o povo se desfez em uma enorme tristeza. Todos gemeram e suspiraram, e a esperança deles, pela qual do fundo do coração imaginaram visitar o sepulcro do Senhor, foi assim cortada de repente. A tristeza iminente absorveu a alegria anterior em prosseguir adiante. O desespero vindo do que ouviam agora transpassava a sua esperança da ideia anterior.

Perturbados, invocaram todo o mal contra os promulgadores desse decreto, amaldiçoaram o atraso em cumprir o voto e os agentes de atos tão adversos. Na verdade, se soubessem mais a respeito do estado e penúria daqueles que estavam em Jerusalém, talvez ficariam menos perturbados pela ansiedade, tendo alguma consolação no sofrimento do inimigo. Os turcos que se fecharam dentro da cidade de Jerusalém eram atormentados de fato de muitos modos terríveis: pois eram oprimidos em excesso por neves e tempestades. Oriundo dessas, assim como numa arrebentação, um dilúvio de águas, escorrendo da montanha, cobriu um grande número dos seus cavalos e jumentos, ou, então, a intensidade do frio os matou. As privações tanto os consumiam, e a sua fraqueza tanto os ameaçava, que se o tão grande abatimento dos turcos por causa da agitação clima fosse conhecido pelos nossos homens, eles [os turcos] seriam tomados com menos trabalho e custo. E sem dúvida a longamente desejada Jerusalém seria sitiada facilmente. Mas não poderia ser mantida por muito tempo pelos nossos homens, pois, findada a peregrinação e, retornando o povo para casa, não sobrariam homens o bastante para defendê-la.

[85] Nativos da Síria e Palestina, porém, descendentes de europeus.

CAPITULUM II

Populus ultra modum anxiatur et doloribus affligitur nimis ultra modum, pro preregrinatione in Jerusalem dimissa, et reversione sua in Ramulam.

Instante jam festivitate Sancti Hilarii, tanta populum nostrum perurgebat de regrediendo sollicitudo et moeroris nimietas, ut propemodum apostatarent. Quam plurimi. Dies exsecrantes nativitatis eorum, se dolebaní ad tantam reservato, desolutionem. Praeterea aegritudinum vehementia plures debilitabantur et penúria, ut vix cum máximo labore et aerumna sufficerent: sed tamen non sufficiebant ad reportanda victualia sua. Equi eorum et jumenta frigoris asperitate et aquarum gelidarum ingruentia in tantum defecerant, ut labentibus genibus, deficiente virtute, frequenter ruerent, et fame affecti in locis ccenosis volutarentur sub sarcinis. Tunc audires eos, qui jumenta minabant, complosis manibus vicissim gemere, vel sibi palmas in faciem dare, et prae amaritudine animi et aftlictione spiritus, verba jaculari redolentia in parte blasphemiam. Quin immo acerbiori nunquam, immo nec consimili, aestimantur quicunque, vel scelerati, vel suppliciis addicti facinorosi, agitati angustia, vel attriti depressione, vel pari cruciati defectione pene ultima. O juventus tot praeclare gestorum gloria insignis! O militia tot articulis probata! jam emarcescit moerore, desperatione languet, et praeter corporalem infirmitatem, qua populi laborabat infinita multitudo, exulcerantur praecordia stimulis sollicitudinis, quibus nihil est gravius, sicque duplici contritione sunt obruti. Infirmorum siquidem quam plurimi, sibi non suffcientes, ibi perditarentur neglecti, nisi rex Ricardus, divinae motus intuitu pietatis, universorum curam haberet. Missis enim nunciis circumquaque quaerere aegrotantes, in virtute sua congregavit pereuntes, et coadunatos cunctos secum versus Ramulam procuravit deportari, ubi totus dispositus exercitus regressus est, unde paulo ante diseesserat.

Capítulo II

O povo estava extremamente angustiado e afligido pelas dores por causa da à peregrinação a Jerusalém, agora abandonada, e a volta para Ramala.

Aproximando-se a festividade de Santo Hilário, a tão grande necessidade de voltar e o excesso de sofrimento pressionavam tanto o nosso povo, que muitos quase apostataram.

Amaldiçoando o dia de seu nascimento, condoíam-se por serem poupados apenas para tanto sofrimento. Além disso, muitos eram enfraquecidos pelos fortes surtos de doenças e penúrias, de modo que mesmo com árduos esforços e dificuldades mal se aguentavam e também não eram capazes de transportar suas próprias provisões. Seus cavalos e jumentos tinham sofrido tanto no rigor do frio e na enxurrada de águas geladas, que, com os joelhos cansados, faltando força, frequentemente desabavam, e, afetados pela fome, em locais enlameados, eram derrubados, chafurdando sob os carregamentos. Então se você ouvisse os condutores dos jumentos gemendo e apertando as mãos sem parar, ou dando tapas em seus próprios rostos, e lançando blasfêmias por toda parte, por causa da amargura da alma e da aflição do espírito! Acredita-se que ninguém sofreu nada mais atroz ou semelhante a isso, nem criminosos, nem prisioneiros condenados a punições, nem aqueles revolvidos em dores, ou sob sofrimento, ou os que sofreram a morte de maneira semelhante.

Ó juventude assinalada com a glória de feitos tão fulgurantes. Ó exército posto à prova em tantas crises! Agora ele se desfazia em lamentação, cansado pelo desespero. Além da enfermidade do corpo, pela qual sofria uma incontável multidão do povo, seu coração se corroía com o tormento da ansiedade - nada é pior do que isso. E, assim, eram cobertos por uma dupla opressão. Muitos dos doentes, não se aguentando, morreriam ali abandonados, se o rei Ricardo, movido em consideração pela misericórdia divina, não tivesse cuidado de todos. Enviou, então, mensageiros por toda parte para buscar os doentes, e, em sua bondade, recolheu os peregrinos e tentou trazer todos juntos consigo para Ramala, onde todo o exército havia recuado em ordem, de onde um pouco antes partira.

CAPITULUM III

Quantis tribulationibus et moeroribus ultra modum anxiabatur exercitus inter Ramulam et Ascalonem, ex viarum periculis, et intempérie aeris, et recessu multorum Francorum ad exercitu.

Igitur dum apud Ramulam in maxima tristitia sederet exercitus, cceperunt quam plurimi, vel ad declinandum iter laboriosum, vel, ob contumaciam et indigInationem, ab exercitu recedere, unde non minimum diminutus est exercitus. Francorum enim pars máxima ob iracundiam recesserat, qui et apud Joppen ali quamdiu resederunt in otiis; quidam etiam ad Achon regressi sunt, ubi victualium non erat egestas. Non nulli etiam profecti sunt Tyrum ad

Marchisum qui plurimum eos ad id sollicitaverat, quidam quoque cum duce Burgundiao ob iram et indignationem diverterunt ad casellum de Planis, ubi per octo dies morati sunt. Rex Ricardus super rerum statu non minimum exasperatus, cum Henrico comite Campaniae nepote suo et cum residuo exercitu jam ex parte sic diminuto, profecti sunt versus Ibelinum. Vias autem adeo coenosas invenerunt et lutulentas, ut hospitandi tempore nihil aestimaretur adeo fatigatis optata quiete magis necessarium. Apud Ibelinum moratus est ea nocte exercitus, non minus moerore affectus quam labore pertaesus Magnitudinem quidem tribulationis et miseriae nec calamus describere, nec lingua sufficeret depromere. Summo diluculo, praecedentibus iis qui Tentoriis deputabantur figendis, prodibat seriatim armatus exercitus. Super calamitatem vero illius itineris diei, minimum aestimaretur quicquid anteriores diei exaggeraverat angustia. Fessi nimirum dum proficiscerentur, gelidae nives impluunt vultibus, grandinum densitates reverberant, pluviae torrentes involvunt, ut tanquam ad examinandum omne ccelum deputaretur afiligendis. Sed et terra pedibus cedebat ambulantium coenulenta ; locis palustribus decidunt veredarii equi et homines, qui dum sollicitius toto conamine elaborant emergere, desperabilius revolvuntur in praeceps, quamplurimi non amplius evasuri. O quis aestimaret illius amaritudinem diei ! qvis pondus angustiae ! quis miserorum pensaret infelicitatem, gemitus et suspiria? Constantissimorum etiam vultus non minus lacrymis rorabant quam pluviis, quos nimirum ob suppliciorum immanitatem torpentes jam superesse taedebat. Deficientibus jumentis, decidentia passim periere victualia, vel cum aquarum torrentibus defluentia, velin locis bituminosis immersa. Sic contriti, probati, fatigati, stepius diei qua nati sunt maledicentes, frequentius seipsos colaphizantes, tandem ad Ascalonem civitatem pervenerunt ; quam omnino ita dirutam a Saracenis solo tenus repererunt, ut vix cum summo labore per portarum introitus ingredi potuissent, super congeries lapidum. Dies illa fuit vicesima mensis Januarii. Ea nocte pro facultate virtutis singulorum sibi quisque vacabat.

Capítulo III

As tantas tribulações e sofrimentos que angustiaram o exército no caminho entre Ramala e Ascalão, por causa dos perigos da estrada, intempéries do clima e da saída de muitos dos franceses do exército.

Então, enquanto o exército estava posicionado perto de Ramala com grande tristeza, muitos começaram a abandonar o exército seja para escapar do difícil percurso, seja pela teimosia e indignação, a ponto de o exército ter sido bastante reduzido. A maior parte dos franceses se retirou por raiva, e ficou em Jafa por um tempo ociosa. Alguns voltaram para Acre,

onde não faltavam provisões. Alguns foram para Tiro até o marquês, que lhes pedira isso com insistência, e outros foram com o duque da Burgúndia, irados e indignados, para o Castelo de Planis, onde ficaram por oito dias.

O rei Ricardo ficou bastante irritado pelo estado das coisas. Com seu sobrinho Henrique, conde de Champagne, e com o resto do exército, agora menor, foi para Ibelim. Porém, encontraram estradas tão imundas e enlameadas, que no momento de se hospedar, de tão cansados, não pensavam em nada a não ser o descanso tão necessário. O exército se abrigou em Ibelim naquela noite, não menos afetado pelo sofrimento do que exausto pelo trabalho.

Nem a escrita pode descrever nem a fala é suficiente para expressar a magnitude da tribulação e miséria. Ao amanhecer, indo a frente aqueles que foram escolhidos para fixar as tendas, o exército avançava em ordem. A respeito do infortúnio da jornada daquele dia, muito pouco se pode estimar acerca do que a angústia do dia anterior tenha aumentado. Enquanto marchavam totalmente cansados, uma gélida neve precipitou-se em seus rostos, e caiu um denso granizo, uma chuva torrencial os envolveu, como se, todo o céu tivesse sido designado a afligi-los. Mas também o solo sedia enlameado sob os pés dos que caminhavam. Caiam homens, carroças e cavalos em lugares alagados. Eles, enquanto tentavam emergir em um esforço totalmente angustiante, mais desesperadamente se envolviam no perigo, e muitos não haveriam mais de escapar.

Ó, quem poderia estimar a amargura daquele dia? E o peso da angústia? Quem poderia medir a infelicidade, gemidos e suspiros desses miseráveis? As lágrimas, não menos do que a chuva, molhavam mesmo o rosto dos mais obstinados. Eles a quem já letárgicos, sem dúvida, por causa da brutalidade dos suplícios o sobreviver cansava. Os jumentos caíam, e as provisões caídas por toda a parte se perdiam, ou levadas pelas torrentes das águas ou afundadas em locais lamacentos. Assim, esmagados, testados, fatigados, por vezes amaldiçoando o dia em que nasceram e frequentemente batendo em si mesmos, finalmente alcançaram a cidade de Ascalão. Eles a descobriram completamente destruída pelos sarracenos até o chão que apenas com grande esforço podiam passar pela entrada das portas, sobre pilhas de pedra. Aquele foi o vigésimo dia do mês de janeiro. Naquela noite, de acordo com a possibilidade de cada um, ocupavam-se no que quer que quisessem.

CAPITULUM XLII

Nunciata perturbatione terrarum suarum per Johannem comitem fratrem suum, mnimis commotus est, et repatriare se vele asserit.

Apud Cannetum Sturnellorum, venit ad regem ab Anglia destinatus nuncius, clericus nomine Johannes de Alenzun, indicans Angliam turbatam per Comitem Johannem fratrem regis, qui nec persuasione reginae matris suae, vel quorumcunque aliorum consentiens, propriae potius ducebatur motu voluntatis: a rege quoque Franciae crebris intercurrentibus nunciis sollicitabatur, ut jam eo res processerat, quod nisi quacunque occasione nefaria proditio refraenaretur, in proximo asseruit imminere, ut Anglia a regis Ricardi alienetur ditione. His auditis rex turbatus rumoribus, postquam diutius in silentio pensitando volvisset animo, quid potius videretur eligendum, postremo fatebatur, oportere se revera repatriare, ne solo natalis patriae et regno patrum suorum, tanquam exsul, immerito efficeretur extorris. Nondum autem fama plenius propalata hujusmodi regis voluntatis, quidam dicebant quod, "rex profecto abiturus est"; alii vero "Non, sed perseverabit, quia rumores incerti non avocabunt ipsum a tam pii operis consummandi negotio, quia nimirum acquirendae terrae per ipsum hoc non expediret, nec honori suo competeret. "

Capítulo XLII

Ao saber dos problemas que o conde João, seu irmão, provocou em suas terras, o rei Ricardo ficou muito preocupado, e alegou querer retornar a sua pátria.

Um mensageiro, enviado da Inglaterra, veio ao rei em Caniçal dos Estorninhos[86]. Era um clérigo chamado João de Alençon[87], e disse que a Inglaterra estava em desordem por causa do conde João, o irmão do rei, que não era influenciado nem pela rainha, sua mãe, nem por qualquer conselho de outros, guiado pelo movimento da própria vontade. Ele estava frequentemente sendo incitado pelo rei da França, com mensageiros constantemente indo e vindo. Os eventos já tinham se dado de tal forma que, a não ser que essa traição hedionda fosse refreada por alguma intervenção, havia um risco de que em pouco tempo a Inglaterra fosse tomada do poder do rei Ricardo. Ao ouvir esses rumores, o rei ficou perturbado, e após um longo momento de silêncio, refletindo em seu íntimo sobre o que seria melhor decidir. Finalmente admitiu que era melhor voltar para casa, para que não fosse expulso sem merecer

[86] No original em latim, *Cannetum Stuernelorum*.
[87] Arquidiácono de Lisieux.

do solo natal da pátria e do reino do seu pai, como um exilado. Porém, quando a vontade do rei ainda não havia sido totalmente divulgada, alguns diziam: "Certamente o rei partirá", e outros diziam: "Não, pelo contrário, ficará; pois rumores incertos não o impedirão de finalizar tão piedosa empreitada, pois sem dúvida isso o impediria de conquistar essa terra, e não competia a sua honra. "

CAPITULUM XLIII

Totus exercitus consentit in unum, ire scilicet obsessurus Jerusalem, sive repatriaret rex Ricardus, sive non.

Super regis Ricardi recessu, sic diversis diversa sentientibus, convenerunt unanimiter in unum duces exercitus et magistratus, Franci, Normanni, Angli, Pictavenses, Cenomannenses, Andegavenses, et una voce sibi mutuo compromiserunt, quod sive abeunte rege vel remanente, sine omni occasione procederent versus Jerusalem obsidendam. Hoc in exercitu jam cognito, fit in populo intestimabilis laetitia: in communi congaudent universi, divites et pauperes, pusilli cum majoribus; nec jam in exercitu quisquam erat, qui pro modo suo non exhiberet exteriora indicia, testimonium gaudio cordis interioris; unde usque in noctem, copiosis accensis luminaribus, ducebant choros, diversis concrepantes cantionibus, et

"Pervigili ducunt noctis dispendia plausu."

Solius animum regis ex auditis curarum urtica sollicitat, qui profunde meditans alternas variat cogitationes. Quarum mole fatigatus se lecto sternit iratus. Nihilominus tamen intrante jam mense Junio, sub uno consensu totus ad progrediendum animatur exercitus.

Capítulo XLIII

Todo o exército concorda unanimemente em ir e sitiar Jerusalém, quer o rei Ricardo volte para casa ou não.

Como diversas pessoas tinham opiniões diversas sobre o regresso do rei Ricardo, os líderes e mestres do exército se reuniram: franceses, normandos, ingleses, habitantes de Poitou, de Maine e angevinos. Em uma só voz concordaram mutuamente que, quer o rei partisse ou ficasse, mesmo sem toda a oportunidade, avançariam para sitiar Jerusalém. Tendo o exército

tomado conhecimento disso, fez-se entre o povo uma enorme alegria. Congratulavam-se todos juntos, ricos e pobres, pequenos e grandes, e não havia no exército quem, a seu modo, não exibisse sinais e evidências da felicidade do íntimo de seu coração. Até a meia noite, acendendo muitas tochas, conduziram cânticos, e cantando muitas canções, e "passaram a noite despertos em aplausos".

Somente a mente do rei se ocupava de pensamentos de administração, meditando profundamente por causa do que foi ouvido, mudava de um pensamento ao outro, e fatigado por causa deles, estendeu-se irado a cama. Chegando agora o mês de junho, sob um único acordo, todo o exército estava ansioso para avançar.

LIBER SEXTUS

CAPITULUM I

Rex Ricardus, Francis volentibus ire versus Jerusalem, pluribus de causis non consuluit sine consilio Templariorum et Hospitalariorum et indigenarum.

Igitur cum sanctam illam crucem diutius in exercitu adorassent, super illa non modicum gavisi, plebs et vulgus ignobile conquesti sunt dicentes, "Domine Deus, quid ergo erit nobis? Numquid adhuc in Jerusalem eundum est? quid ultra faciemus? an ad itineris illius consummationem durabimus?" Et factum est murmur in turba et maxima querela. Super his igitur" tractaturi conveniunt rex et majores in populo, utrum expediret ad Jerusalem obsidendam prodire an non. Francorum quidam regem attentius rogabant, et stepius hortabantur ut procederet ad obsidionem, quoniam hoc convenientius videbatur. Quibus rex e contrario respondit hoc fieri non posse, nec me, inquit, in hoc negotium ducem videbitis ducendi populi, unde notam incurram reprehensionis vel infamite. Imprudentis quidem est aestimatio huic me deputari praesumptioni. Si autem vobis placuerit nunc Jerusalem petere, vos non deseram; socius ero vester, non dux : prosequar non praecedam.

"Quicquid in nostro agitur apud nos exercitu novit Salahadinus, quem status noster, sciatis, non latet, quae sit virtus nostra vel virium effectus. A maritimis plurimum distamos. Quod si forte Salahadinus cum gente sua descenderint in plana Ramulae, et transitus viarum observantes, ne quid ad nos victualium possit pervenire, usitatos obsederint meatus, numquid non aestimandum hoc esset perniciosissimum obsidentibus! Et nimis sero poenitenda luerent

inchoata. Praeterea civitatis Jerusalem obsidendae, sicut accepimus, amplissimus est ambitus, quam si tantilla gens nostra undique proportionaliter obsideret, non sufficeret bipertitus noster exercitus, et ad obsidendum et ad excutiendos victualium nostrorum portitores, si forte a Turcis invaderentur. Immo prorsus de facili perimerentur universi, duibus nimirum non essent auxiliatores. Ego igitur, si hujus praesumptionis auctor existerem, et exercitui, me duce, quid infortunii, quod absit, accideret, solus reputarer arguendus fatuitatis, et super universorum periculo reprehensibilis, si nunc exercitum ad obsidendam Jerusalem producerem. Caeterum proculdubio certissime novi nonnullos hic in praesentiarum esse, nec non et in Francia tales, qui pridem non ignorantur voluisse, et nunc etiam velle, et plurimum optasse, me talibus negotiis minus provide operam impendisse, sive opera perpetrasse, quae merito possent redargui, et ego contraherem detestabilis crimen infamiae. Eapropter in tam arduorum aggressus negotiorum, sub incertitudine tam dubia, non arbitror incircumspectius praepropere praecipitandum. Nos praeterea, vel gens nostra alienigena, hujus regionis prorsus situs ignoramus, nec viarum transitus, vel locorum angustias, quibus cognitis tutius procederemus et cautius, quatenus optatis gauderemus successibus. Indigenarum autem consilio, qui territoria sua et pristinas desiderant recuperare hacreditates, quicquid ipsis commodius visum fuerit, qui terrarum noverunt plenius tractus, reor salubrius agendum. Templarii quoque et Hospitalarii quicquid aestimaverint potius aggrediendum, et fideliter decreverint, imitabile videtur; utrum ad obsidendam Jerusalem sit progrediendum, vel ad Babyloniam comprehendendam, vel ad Baruth, sive ad Damascum. Ipsorum quidem in agendis nostris si imitamur decretum, non, ut nunc est, tanta dissensione noster in adversa distraheretur exercitus. "

LIVRO VI

Capítulo I

Os franceses desejavam ir para Jerusalém, mas por muitas razões o rei Ricardo não consentiu isso sem fa deliberação dos templários, hospitalários e nativos.

Assim, uma vez que o exército venerava a Santa Cruz já há um tempo, alegrando-se não poucos, os plebeus e o povo comum lamentaram, dizendo: "Senhor Deus, o que será de nós agora? Acaso não é ainda necessário ir para Jerusalém? O que mais faremos? Será que resistiremos até que a peregrinação seja concluída?" E fez-se na multidão um murmúrio e grande reclamação.

Então o rei e os líderes do povo concordaram em discutir sobre se avançariam para atacar Jerusalém ou não. Os franceses rogavam diligentemente ao rei e frequentemente exortavam-no a prosseguir com o ataque, porque isso parecia mais apropriado. A esses, o rei respondeu que, ao contrário, não poderia ser feito e disse: "não me vereis como líder a chefiar o povo nessa empresa. Dela eu incorreria em repreensão ou infâmia. Vocês são imprudentes ao julgar com presunção que essa ideia pode ser atribuída a mim. Mas, se atacar Jerusalém vos satisfará, não vos deserdarei. Mas serei teu sócio, não líder: eu seguirei, mas não antecederei. Saladino descobre qualquer coisa que acontece em nosso exército. Vós sabeis que não lhe escapa nossa condição ou como está a nossa força ou capacidade. Estamos muito longe da costa. Por isso, não podem ver que seria perigosíssimo aos sitiantes se, por acaso, Saladino descer com seu povo nas planícies de Ramala, e observando o transporte (de carregamentos) nas estradas, para que as provisões não possam chegar até nós, bloquearem as rotas usuais? Então seria tarde demais para reclamar do que foi começado. Além disso, a cidade de Jerusalém, que queremos sitiar, possui uma enorme extensão. Se tão poucos dos nossos atacassem-na igualmente por todos os lados, o nosso exército não seria o suficiente, dividido para sitiar e para buscar provisões com os nossos fornecedores, se por acaso fossem atacados pelos turcos. Não, de fato, todos seriam facilmente aniquilados, sem haver auxílio suficiente para eles. Se eu mesmo for autor desses planos e, sendo o líder, ocorrer algum infortúnio ao exército, que Deus não permita, somente eu seria acusado dessa estupidez e seria censurável no que diz respeito ao perigo de todos, se liderasse agora o exército para atacar Jerusalém. Além disso, certamente sei sem dúvida haver alguns dos presentes aqui, e ainda outros assim na França, dos quais não se desconhece o que desejavam anteriormente, e ainda desejam, e querem muito que eu me empenhe em dar prosseguimento a tais empreitadas ou que, se eu concluir essas obras, que podem se provar serem inúteis, eu cometa um detestável crime de desonra. Por isso, não julgo prudente nos precipitarmos apressadamente em ataques de tão árduos esforços, com resultado tão incerto. Além disso, nós e os nossos que são estrangeiros desconhecemos totalmente o território, ou suas rotas de viagem e passagens. Se as conhecêssemos, por elas avançaríamos com mais cuidado e prudência, e assim nos alegraríamos com os avanços desejados. Mas, por conselho dos nativos, que desejam recuperar seus antigos territórios e posses, penso ser melhor fazer o que quer que seja considerado mais adequado por eles, que conhecem plenamente a extensão das terras. Parece-me melhor seguir como quer que os templários e os hospitalários tenham julgado ser melhor e tenham decido ser mais honesto: seja avançar para atacar Jerusalém, seja tomar a Babilônia, ou Beirute ou Damasco. Se nós seguirmos a ação decidida por eles, o nosso exército não se dividiria, ao contrário do que é agora, em tantas brigas. "

CAPITULUM IX

De reversione Christianorum a Betenopoli in patriam suam.

Post comprehensionem carvannae, aliquot ita diebus sedit exercitus tristis apud Betenopolim, admodum etiam desolatus, quia versus Jerusalem dissuasus est progressus, ut Dominicum visitarent sepulcrum, unde quatuor tantum nunc distabant milliariis. Revertutur igitur affecti summo mosrore, ut nunquam gens electa consimili contabesceret languore. Dispositis itaque agminibus, cum ordinatus iter aggredi moliretur exercitus, a montanis irruentes Turci invaserunt extremos, et in impetu suo quosdam servientes nostros peremerunt. Equos vero agiles habentes equites, constanter resistentes, ipsos abegerunt. Postea procedentes pervenerunt usque inter Sanctum Georgium et Ramulam, ubi pernoctabat exercitus. Stationem ceperunt Franci a sinistris, rex cum gente sua a dextris. Crastino sequenti nihilominus itinerabant divisi. Nocte proxima, id est pridie nonas Julii, resederunt apud Casellum Medium: inde nonnulli recedentes ab exercitu perrexerunt Joppen, ob fastidium et penuriam quam sustinuerant in expeditione.

Capítulo IX

Sobre a volta dos cristãos partindo de Betenópole[88] para casa

Após a captura da caravana, o exército permaneceu triste ainda alguns dias em Betenópole. Estavam muito desolados, pois foi desaconselhado o avanço para Jerusalém, onde visitariam o sepulcro do Senhor, que estava agora a apenas quatro milhas de distância. Assim, retornaram aflitos com grande angústia, da forma como nunca um povo eleito fora consumido por semelhante apatia. Então, preparados os destacamentos, e tendo o exército sido organizado para avançar pela estrada, os turcos atacaram a retaguarda, precipitando-se das montanhas, e, em seu ataque, alguns dos nossos guardas foram mortos. Mas os nossos cavaleiros, que possuíam cavalos ágeis e sempre resistentes, repeliram-nos. Depois disso, prosseguiram e chegaram a um ponto entre São Jorge e Ramala, onde o exército pernoitou. Os franceses tomaram um posto à

[88] Bait Nuba. Em latim, Betenopoli.

esquerda, e o rei e o seu povo, à direita. No dia seguinte avançavam divididos ainda nas mesmas posições. Na noite seguinte, isso é, antes das nonas de julho, ficaram em Castelo Médio[89]. Dali, alguns do exército foram para Jafa, por causa da repulsa e penúria que suportaram na expedição.

CAPITULUM XII

Cum quali exercitu Salahadinus venit Joppen.

Audiens Salahadinus Joppitas jam regis carere praesidio, eo versus progressurum disposuit exercitum, de facili sperans civitatem posse comprehendi in absentia regis Ricardi. Movit itaque exercitum gentis coadunatae quam plurimum: numerus equitum viginti millia. Aderat etiam admiratus potentissimus de Bila et filius Arcissi , praeterea admirati ferme centum et septem;[90] peditum nihilominus a montanis innumerabilis multitudo, qui cooperuerunt faciem terrae, sicut locustae. Exiens igitur exercitus ab Jerusalem descendit in plana Ramulae cum fastu maximo et fremitu. In turmas ruunt, tanquam furiis agitati, et cohortes, et Christianos conjurant omnino delendos.

Capítulo XII

O exército com o qual Saladino vai para Jafa

Saladino, ouvindo que os habitantes de Jafa estavam sem a proteção do rei, preparou o seu exército para avançar até lá, esperando poder tomar a cidade facilmente na ausência do rei Ricardo. Então moveu um enorme exército de homens reunidos, em um número de 20.000 cavaleiros. Estava presente o poderosíssimo emir de Byla [Al-Birah] e o filho de Arquiso. Além disso, havia cerca de 107 emires, como também uma enorme multidão de soldados da infantaria vindos das montanhas, que cobriam a face da terra como gafanhotos. Saindo de Jerusalém, o exército desceu para as planícies de Ramala com orgulho e estrondo. Avançaram em divisões e coortes, como que movidos por fúrias, e juraram que os cristãos seriam totalmente destruídos.

[89] No original em latim, Casellum Medium.
[90] septem] sex, A.

CAPITULUM XIII

Salahadinus tanta virtute oppugnavit Joppen, quod eam jam cepisser, nisi obsessi inducias petiissent usque in crastinum.

Eadem Dominica, proxima ante Ad vincula Sancti Petri, qua rex Ricardus cum exercitu pervenit Achonem; accessit Salahadinus cum exercitu suo ad obsidendam Joppen. Die Lunae sequenti coeperunt oppugnare castrum. Exsilientes autem ii, qui fuerant in civitate, in pomceria suburbana, viriliter eis restiterunt tota die, ut nequirent appropiare muris, sed nec die Martis, cum in idem convenissent certamen, nec die Mercurii, se potenter defendentes appropiare sustinebant, facientes de necessitate virtutem. Die vero Jovis, Turcorum improbitas, se dolentium a paucissimis repelli, minusque proficere, magis invaluit et confirmata est obsidio. Ad imperium Salahadini, quatuor eriguntur pe trariae graves nimis et efficaces, duo quoque mangunelli ad jaculandum habiliores. O quantam obsessorum tunc csset audire duerelam! quorum numerus excedebat quinque millia, cum iis qui infirmabantur, lamentantium et dicentium, "Domine Deus virtutum, quid ulterius refugii erit nobis! Heheu, O rex Angliae, dux noster et protector, ad quid quaeritandum profectus es Achonem! O deficiens Christianitas, jam peristi!" Interea Turcis insistentibus ferocissime, civitas oppugnatur cum virtute maxima, resistunt viriliter obsessi, quos qui videret sic perplexos expeditius conscendere in propugnacula et descendere, et pro agendorum varia necessitate agiliter in diversa raptari, nimia pietate flecteretur in lacrymas, Petrariae sine intermissione jaciebant: mangunelli non cessabant. Interioribus qui dem fuerunt petrariae, sed minus periti fuerant ad utendum. Denique ad instantiam jugem Turcorum ad jactus crebros petrariarum, porta quaedam respiciens ad Jerusalem, die Veneris, dissipata est, et murus etiam a parte dextra ad mensuram duarum perticarum conquassatus. O quam acerrimus fit conflictus, dum Turcis obsessi resisterent, et repugnarent intrantibus! Accrescens autem jugiter Turcorum multitudo convaluit, et repulsis ab introitu Christianis, introeuntes Turci persecuti sunt nostros usque in turrim castri. Heheu, quam miseranda fit ibi caedes aegrotantium, quos in domibus passim, ingrabatis languentes, modis horrendis Turci cruciabant usque ad mortem, quorum profecto perempti sunt in numeri merito martyres reputandi. Quidam nostrorum imminentium Turcorum gravissimam saevitiam fugerunt usque in littus maris.

Capítulo XIII

Saladino tomou Jafa de assalto com tanto vigor que a teria capturado, se os sitiados não tivessem pedido uma trégua até o dia seguinte

No mesmo domingo, o domingo antes da festa das Correntes de São Pedro, quando o rei Ricardo chegou em Acre com o exército, Saladino surgiu com o seu exército para sitiar Jafa. Na segunda-feira seguinte, começaram a sitiar a cidade. Aqueles que estavam na cidade, saindo para a área ao redor dela, resistiram a eles corajosamente durante todo o dia, de modo que os turcos não conseguiam se aproximar dos muros, nem na terça-feira, quando vinham para a luta da mesma forma, nem na quarta-feira. Os defensores, retirando coragem da necessidade, se sustentavam poderosamente e evitavam o avanço. Na quinta-feira, a audácia dos turcos, que lamentavam terem sido repelidos por tão poucos e o mínimo progresso, aumentou, e o cerco foi fortalecido. Por ordem de Saladino, foram posicionados quatro pedreiros, muito poderosos e eficientes, e duas manganelas mais manuseáveis para atirar. Ó, quão grandes lamentações se podiam ouvir dos sitiados, cujo número excedia cinco mil, e, com eles, os que estavam enfermos lamentavam e diziam: "Senhor Deus dos exércitos, que refúgio ainda existirá para nós? Ó rei da Inglaterra, nosso guia e protetor, em busca de que avançaste para Acre? Ó cristãos moribundos, já perecestes!".

Enquanto isso, os turcos pressionavam ferozmente, e a cidade foi atacada com máxima força. Os sitiados resistiam valentemente. Quem os visse assim desorientados subir e descer para a defesa muito pouco armados, e, pela necessidade de fazer muitas coisas, serem arrastados por todo lado rapidamente, desmanchar-se-ia em lágrimas.

Os pedreiros atiravam sem interrupção, e as manganelas não paravam. Certamente havia alguns pedreiros dentro da cidade, mas poucos que eram habilidosos para usar esse equipamento. Finalmente, pela insistência dos turcos em lançar repetidamente projéteis dos pedreiros, na sexta-feira, um portão voltado para Jerusalém foi destruído, e o muro do lado direito foi esmagado, reduzido ao tamanho de duas varas[91].

Ó quão violento se fez o combate, enquanto os sitiados resistiam aos turcos e os repeliam quando entravam! Porém, a crescente multidão dos turcos ficou mais forte, e, sendo os cristãos repelidos pela invasão, os turcos que entravam perseguiram os nossos até a cidadela da cidade.

[91] Equivalente a dez metros.

Ai! Quão lamentável se fez o massacre dos doentes, que, por toda parte nas casas deitados sem forças em catres, os turcos torturavam até a morte de maneira horrenda. Um grande número dos que foram mortos certamente merecem ser reconhecidos como mártires. Alguns dos nossos fugiram da extrema crueldade dos turcos que se aproximavam, indo até a costa. [...]

CAPITULUM XIV

Rex Ricardus, licet jam naves ascensurus, repatriandi gratia, licet Franci denegarent subsidium, tamen a Joppitis per núncios revocatus, festinanter per galeas ad Joppen venit, militibus per terram missis.

Interea dum rex Ricardus ad repatriandum expditius reditum acceleraret ab Achone, jam se navibus commissurus plenius instructis, (licentiam acceperat et benedictionem a Templariis et Hospitalariis , praemiserat quoque septem galearum suarum cum armata gente usque Baruth, qua transiturus erat, ut eos qui in castro resederant turbarent, quasi provocantes ad congressum, qui timore exterriti a castro fugerunt. Dum rex, inquam), in tentorio suo cum suis de reditu conficiendo conferret, quasi jam in crastino recessurus; ecce! apparuerunt properanter applicantes missi nuncii obsessorum in Joppen , qui cum coram regem scissis vestibus astitissent, indicabant Joppen a Saracenis occupatam cum omnibus quae in ea erant, gentenn quodue quae supererat in turri castri obsessam, et nisi per ipsum, in quo solo mors cunctorum pendebat et salus, maturius obsessis proveniret auxilium, una de omnibus superesset sententia proculdubio pereundi, juxta pactam memoratam conditionem. Audiens rex obsessorum discrimen pereuntium, miseratus perditionem, verba nunciorum, causam adhuc prosequentium, intercipit dicens: "Vivit Dominus, Deo duce proficiscar fiıcturus quod potero; et confestim clamante pracone divulgatur edictum, ut ad iterandam expeditionem exercitus excitetur. " [...]

Capítulo XIV

O rei Ricardo, apesar deque já estava prestes a embarcar um navio a fim de retornar para casa, e apesar dos franceses terem negado ajuda, ao ser chamado pelos moradores de Jafa, que enviaram um mensageiro, foi para lá rapidamente em galés, e enviou soldados por terra

Enquanto o rei Ricardo apressava-se para voltar rapidamente para casa partindo de Acre, já com os seus navios totalmente preparados para zarpar, recebeu a licença e a bênção dos templários e hospitalários. Enviara também sete de suas galés com homens armados até Beirute, por onde atravessaria, para que alarmassem aqueles que estavam no acampamento, como se estivessem sendo chamados ao confronto. Tomados pelo medo, fugiram de terror.

Quando o rei estava em sua tenda, como eu dizia, discutindo com os seus sobre o que preparar para a volta, quase já a ponto de partir no dia seguinte, eis que surgiram mensageiros enviados pelos sitiados em Jafa, apressadamente se apresentando. Quando se postaram diante do rei com as vestes rasgadas, revelaram que Jafa fora tomada pelos sarracenos, com tudo o que estava nela, e as pessoas que tinham sobrevivido estavam encurraladas na torre da cidade, e a não ser que por meio dele, de quem unicamente dependiam a morte e salvação de todos, trouxesse ajuda o mais cedo possível, sem dúvida restaria uma única sentença de morte para todos os sobreviventes, de acordo as condições dos termos mencionados.

Ouvindo o perigo de os sitiados morrerem, o rei teve pena da destruição e interrompeu as palavras dos mensageiros, que ainda descreviam a sua situação, dizendo: “O senhor vive; eu partirei e farei o que puder com Deus por guia”. Rapidamente foi divulgado por um arauto um édito para que o exército fosse posto em marcha novamente. [...]

CAPITULUM XV

Cum quantis praeliis rex littus occupaverit, castrum Joppae et inclusos liberaverit.

Interea regis galeas cum navibus applicantes dum Turci comperiunt, ruunt catervatim in littus parmas habentes, et ancylia, et ne qua parte liber pateret ascensus applicantibus, Turcorum resistentium pluunt densissime spicula, jacula cum pilis et sagittae. Fervet littus obsitum hostium multitudine, ut jam non super esset locus; nee jam expectant egressos excepturi, immo in ipsas naves et galeas proculin pelagus jaciunt mis silia : equites eorum, dua poterant profundius, in mare se agebant, efficacius missuri certatim sagittas, ne quando possent occupare littus appulsi. Rex contractis in unum navibus[92], sciscitatus est dicens! "Eja! commilitones optimi, mecum omnia - communicati, - quid igitur ignavumrestat agendum? Numquid in hoc vulgus ignavum littus obsidens non applicabimus? An animas nostras reputabimus pretiosiores

[92] navibus] manibus, B.

animabus jam in absentia nostra pereuntium? Quid potius censetis? " Ad hoc cum nonnulli respondentes dicerent, frustra quid ulterius esse tentandum, cum non crederentur qui liberarentur esse superstites, et inter tot hostium millia littoris aditus difficillimus; rex curiosius oculo vagante cuncta perscrutans, vidit presbyterum quendam, se in mare de terra dejicientem, ut ad regem natans veniret. Qui regiam admissus in galeam, spiritu fatigato et palpitante corde, dixit, "O rex magnifice, jam gens residua, quae tuum suspirat adventum, enses lanistarum vibratos opperitur, cervicibus exertis, sicut oves occisionis: jam jam profecto peritura, nisi, te coperante, divinum adsit adjutorium.” Cui rec, “Num superest quisquam? Aut ubinam loci?” Cui presbyter, “Etiam, Domine, coram turri illa coarctantur jam finiendi." Quo audito, rex ait, " Si sic ergo Deo complacet, in Cujus obsequium, Ipso duce, huc advenimus, ut hic cum fratribus nostris moriamur, pereat modo qui non processerit." Galeis igitur regis ad imperium versus littus propulsis, ipse primus, tibias inermis, se misit in mare pube tenus, sicque potenter littoris aridam adeptus est. Post regem erant primi vel proximi Galfridus de Bosco, et Petrus de Pratelis: hos sequebantur amnes alii prosilientes in mare, ut pedites
procederent. Turcos igitur obsistentes in littore pertinaciter invadunt audacter, quorum multitudine totum littus tenebatur: quos rex singularis praestantia cum balista, quam manu gestabat, passim prosternit, cujus etiam comites electi, per littoris ampla Turcos caedentes persequebantur fugientes, nec enim ulterius, viso rege, erat eis spiritus; nec eidem audebant appropiare, Quos rex insectans, exsertum vibrans gladium, vehementius exagitabat, ut nec ipsis vacaret se defendere: ictus ejus subterfugiunt gravíssimos; socii nihilominus regis constanter afticiunt fugientes, pro pellunt, conterunt, lacerant, detruncant, ventilant, ut jam littus evacuaretur a Turcis violenter expulsis. Comportatis postea fustibus et doliis, et undecunque raptis roboribus et amplis asseribus, navium quoque et galearum antiquarum materiis aptatis in littore, quasi munitionem sic sibi construxerant adversus hostiles irruptiones; ubi et constituit rex milites et vernaculos et balistarios ad custodiam, et ad arcendos inde remotius Turcos, qui cumaliter nostrisobesse non possent, importunis ululatibus et clamoribus totum littus replebant, cum inde recederent. Tune rex per cochleam quandam, quam forte perspexerat in domibus Templariorum, solus primus introivit in villam, in qua amplius quam tria millia Turcorum invenit omnia diripientium, domorum interiora perscrutantium, et spolia asportantium. O invicti regis animositas! Qui, ut infra civitatis se intromiserat muros, statim explicitas banerias suas eminentius exposuit videndas Christianis, qui in turri obsidebantur. Quibus visis ineftabiliter exhilarati, concepta fiducia, sumptis armis descenderunt a turri, ut convenirent ad regem. Quo cognito turbatur Turcorum exercitus. Rex cum evaginato gladio incendens insequitur, perimit, detruncat; ante faciem ejus fugientes cadunt a dextris et a sinis tris densissime ab eo: aliis etiam

a turri ingredienti bus, fit Turcorum caedes horrenda, quorum et plateas detruncata jam occupant cadavera. Ouid singulis immorer! sine dilatione trucidati sunt universi qui in castro erant, nisi quos forte fuga velocior eripuit, sicque condignam prius victores in suum exitium excipiunt talionem. Quos et rex in spiritu vehementi conterens, insequitur etiam exeuntes a villa, successibus arbitrans insistendum, ne forte pepercisse argueretur inimicis crucis Christi, quos Deus tradidit in manibus ejus. Caeterum nemo unquam ipso magis abominabatur ignaviam.

Capítulo XV

O rei ocupou a praia com um grande combate e liberou a cidade de Jafa e os que estavam lá encerrados

Quando os turcos observaram as galés e navios do rei se aproximando, correram rapidamente para a praia com escudos e broquéis, para que eles não tivessem espaço livre onde pudessem atracar. As lanças, dardos e flechas choviam em quantidade. A praia fervia, de tal forma coberta pela multidão dos inimigos, que não havia mais espaço. Não esperavam os que chegavam desembarcar, mas já lançavam projéteis nos navios e galés à distância no mar. Os seus cavaleiros, o quão profundamente podiam, lançavam-se no mar, e rapidamente atiravam flechas de modo mais eficaz, para que os que desembarcavam nunca ocupassem a praia.

O rei, reunindo os navios, aconselhou, dizendo: “Eia! Companheiros excelentes, que partilharam tudo comigo, o que resta a fazer, afinal? Acaso não desembarcaremos no meio desse povo covarde que cerca a praia? Ou consideramos as nossas vidas mais preciosas do que as vidas dos que já perecem em nossa ausência? O que considerais ser melhor?”

A isso alguns responderam dizendo que seria em vão tentar mais, pois não acreditavam ter sobrevivido os que seriam libertados, e que o avanço entre tantos milhares de inimigos na praia seria dificílimo. O rei, investigando tudo com o atento olhar vagando, viu um certo padre se lançando da terra para o mar para, nadando, alcançar o rei. Este, ao ser admitido no navio do rei, com a respiração fatigada e o coração palpitante, disse: “Ó magnífico rei, o povo restante, que aspira à sua chegada, espera as espadas brandidas dos carrascos, com o pescoço estendido, como ovelhas no abate.

Agora mesmo certamente estão à beira da morte, a não ser que, com sua ajuda, apareça um auxílio divino. A ele o rei disse: “Então não resta alguém? Onde estão?” E o padre respondeu: “Ainda há, ó senhor, os que estão por morrer encarcerados dentro daquela torre.” Ao ouvir isso, o rei disse: “Se assim então agradar a Deus, sob o favor de quem, Ele mesmo sendo o guia,

chegamos aqui, para que aqui morramos com nossos irmãos, que pereça apenas quem não avançar.”

Então as galés avançaram sob comando do rei, e ele, com as pernas desprotegidas, foi o primeiro a se lançar ao mar, (com água) até as virilhas, e assim, com força chegou em terra seca. Depois do rei foram Godofredo de Bois e, em seguida, Pedro de Préaux, e a eles seguiam todos os outros, lançando-se ao mar e avançando a pé. Eles atacavam obstinadamente os turcos que a eles resistiam corajosamente na praia; toda a praia estava coberta pela multidão deles. O singular rei acertou a muitos deles com a besta que trazia em sua mão, e seus condes eleitos perseguiam e matavam os turcos pela ampla praia. Ao ver o rei, não havia mais coragem neles, e nem ousavam se aproximar dele.

O rei os atacava, vibrando a espada desembainhada, e veementemente a agitava, de modo que nenhum deles podia se defender, e fugiam de seus golpes poderosíssimos. De modo semelhante, os companheiros do rei constantemente assaltavam os que fugiam, rechaçavam, esmagavam, cortavam, mutilavam, acertavam, de modo que a praia era agora evacuada pelos turcos violentamente expulsos. Foram transportadas depois toras e barris, e de toda a parte tomaram tábuas e grandes troncos, e materiais adequados de navios e de galés antigas na praia, e assim construíram como que uma fortificação para si contra os ataques adversários. Aí o rei preparou cavaleiros, servos e besteiros para a defesa, e para manter os turcos o mais longe possível. Esses, não podendo prejudicar os nossos de outro modo, encheram a praia com gritos e clamores, enquanto retiravam-se de lá. Então o rei, por uma certa escada em espiral, que por acaso dava para a casa dos templários, entrou sozinho na cidade. Ali viu mais de três mil turcos destruindo tudo, perscrutando o interior das casas, carregando espólios. Ó invicta coragem do rei! Ele que atravessara os muros por baixo, imediatamente revelou as suas bandeiras desfraldadas em um ponto alto para serem vistas pelos cristãos que estavam sitiados na torre. Vendo isso, ficaram indescritivelmente alegres, e, nascendo a confiança, reuniram os exércitos e desceram da torre para se unirem ao rei. Ao perceber isso, o exército dos turcos ficou abalado. O rei avançou atacando com a espada desembainhada, matou e mutilou, e ante a sua face, fugiam, caindo aos montes à sua direita e à sua esquerda. Os outros que saíram da torre infligiram um horrendo massacre nos turcos, cujos cadáveres destroçados agora ocupavam as ruas. Por que dar atenção aos detalhes? Sem demora foram trucidados todos os que estavam na fortaleza, a não ser os que por sorte puseram-se em fuga mais velozmente. E, assim, os outrora vitoriosos receberam a retribuição adequada na sua ruína. O rei, destruindo-os como um forte vento, perseguiu até os que saíam da cidade. Ele julgou que deveria insistir no sucesso, para

que não fosse acusado de poupar os inimigos da cruz de Cristo, os quais Deus entregou em suas mãos. Além disso, ninguém jamais abominou a ociosidade mais do que ele.

CAPITULUM XVI

Item quibus proeliis rex Salahadinum ab obsidione fugavit, et tentoria sua, ubi ejus fixa fuerant, fixerit.

Verum tres solummodo rex tunc equos habebat. Quid tres tantum inter tantos? Porro, nec ex gestis antiquorum, vel ex traditione narrantium, vel ex lee tione scriptorum, a longe retroactis temporibus, unquam alter cujuscunque credulitatis tantae virtutis praerogativa pellator eximius enituit, quanta rex Ricardus, omni carens exemplo, ipso die se gerebat. Cujus exeuntis a muris cum Turci perspexissent eminentius clara vexilla, fit fremitus horrisonus a dextris et a sinistris regis prodeuntis in hostes. Nunquam nimirum densitate tanta vel pluviarum guttis aer texebatur, ut Turcorum jaculis tune per inane volantibus, licet sole radiante,
"emissa noctescit arundine coelum. "
Salahadinus, audito regis adventu, et ejusdem tam eleganti cum suis Turcis congressu, et quod indifferenter quoscunque factos obvios trucidasset; irruerunt in ipsum timores subiti, fuit quippe, more leporis fugitivi, animal timidissimum, et avulsis properanter a loco tentoriis, subditis equo calcaribus, fugit a facie regis Ricardi, ne vel ab eo videretur. Rex constanter cum suis commilitonibus insequitur, caedens jugiter et prosternens Balistarii quoque regis fugientium equos tanta perimunt strage, ut et ultra quorum spatium milliariorum pernicius aufugerent Turci. [...]

Capítulo XVI

O rei novamente persegue Saladino a partir do cerco, e fixa suas tendas onde a deste fora fixada.

O rei possuía então apenas três cavalos. O que três poderiam fazer entre tantos? Além disso, nunca houve alguém, nem nos feitos dos antigos, nem na tradição dos contadores, ou na leitura de escritos, em tempos há muito passados, ou outro de qualquer credo em qualquer época, que se mostrou um guerreiro excepcional com tanto poder, sem comparação, como foi o rei Ricardo naquele dia. Quando os turcos que deixavam os muros viram seu luminoso estandarte erguido, fez-se um estrondo retumbante à direita e à esquerda do rei, que avançava contra os inimigos.

O ar nunca se fez tão espesso com tantas gotas de chuva, como quando naquele momento as flechas dos turcos voaram pelo ar, e apesar de o sol estar brilhando, “o céu se escureceu pela quantidade de flechas”.

Saladino ouviu sobre a chegada do rei, sobre o combate tão distinto com os seus turcos e sobre como ele indiferentemente massacrou qualquer um em seu caminho. Subitamente surgiram temores nele; pois, ele era como uma lebre fugitiva, um animal muito tímido. Retiradas rapidamente as tendas daquele lugar, e colocadas as esporas nos cavalos, ele fugiu da presença do rei Ricardo, para que não fosse visto por ele. O rei junto com os seus companheiros perseguia-o constantemente, matando e derrubando continuamente. Os besteiros do rei matavam os cavalos dos que fugiam em um massacre, de modo que os turcos fugiam rapidamente por mais de duas milhas. [...]

CAPITULUM XXXVII

De repatriatione et navigatione et infortuniis regis Ricardi.

Peractis omnibus, rex jam consistens in procinctu scandendi navem, proinde[93] statuit procurandum, ne quid scrupuli superesset, quod omni bene gestorum derogaret perfectioni. Jussit igitur, clamante praecone, suos universos adesse creditores, et omnia debita restituit ad plenum et ultra, ne qua videlicet in posterum mérito, vel super raptis vel ablatis regia auctoritate posset oriri detractio vel querela.

Die festo Sancti Michaelis duae reginae, scilicet Berengaria regina Anglie uxor regis Ricardi, et Johanna quondam regina Siciliae, soror regis Ricardi, navem ascenderunt apud Achon. Die Sancti Dionysii ascendit rex Ricardus navem reversurus in Angliam. O quot cum regia solvitur classis, piis praecordiis sunt eruta suspiria, fluentibus ubertim lacrymis ab oculis! Optantur regiis beneficiis benedictiones, et prospera rerum, memorantur probitates, et in uno

[93] proinde] provide, A. B.

homine congestarum cumulus virtutum. O quot interruptis lamentationibus singultibus audirentur voces plangentium et dicentium, "O Jerosolimorum terra omni jam auxilio destituta, quanto defensore manes orbata! Quis ulterius si forte rumperentur induciae, te protegeret ab impetentibus, jam abeunte rege Ricardo?" Haec et his similia singulis lacrymabiliter inculcantibus, rex nondum perfecte recuperata sospitate, sed cum cunctorum precibus optata salute, velis erectis, aptato progreditur navigio. Ad siderum respectus tota curritur nocte; clarescente vero die crastina, rex relictam terram piis respectans luminibus, meditans in longum, audientibus pluribus, oravit dicens; "O terra sancta, Deo te comendo, Qui pia Sua gratia mihi tantum vivendi tribuat spatium, ut in beneplácito Suo tibi quandoque succurrere." [...]

Capítulo XXXVII

Sobre a volta para casa e infortúnios da viagem do rei Ricardo.

Quando tudo estava pronto e o rei preparado para subir no navio, ele decidiu garantir que não ficasse para trás nada, que diminuísse a perfeição de todo o bem dos seus feitos. Mandou então um arauto proclamar que todos os seus credores viessem e pagou todas as suas dívidas totalmente e além, para que depois não pudesse surgir, seja por roubo ou retirada a autoridade real, qualquer calúnia ou discussão.

No dia da festa de São Miguel, as duas rainhas – isto é, Berengária, rainha da Inglaterra e esposa do rei Ricardo, e Joana, rainha da Sicília, irmã do rei Ricardo – embarcaram em Acre. No dia de São Denis, o rei embarcou em direção à Inglaterra. Quando a frota real zarpou, ó quantos suspiros saíram de corações piedosos, fluindo copiosamente lágrimas de seus olhos. Foram desejadas bênçãos ao rei e prosperidade em suas empresas; de sua excelência foi lembrada, e a culminância de virtudes reunidas em um só homem. Ó quantas vozes, interrompidas por soluços e lamentações, se ouviria dos que choravam e diziam: "Ó terra de Jerusalém, agora totalmente destituída de auxílio, e privada de tamanho defensor! Quem te protegerá de seus agressores, se por acaso a trégua for quebrada, agora que o rei Ricardo está partindo?" Diziam entre lágrimas essas e outras coisas parecidas.

O rei ainda não havia recuperado perfeitamente a sua saúde, mas com as preces de todos pela desejada saúde, as velas foram erguidas, ele partiu no navio preparado. Navegaram rapidamente durante toda a noite, observando as estrelas, e quando o dia seguinte amanheceu, olhando para a terra deixada com olhos tão piedosos, o rei refletia longamente, e, com a audiência de muitos, rezou, dizendo: "Ó Terra Santa, encomendo-te a Deus. Que a Sua piedosa graça me dê tal tempo

para viver que pela Sua vontade eu te traga auxílio de acordo com Sua vontade. Espero, de fato, como eu proponho, algum dia te socorrer." [...]

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo apresentar uma tradução de trechos selecionados do texto *Itinerarium Peregrinorum et Gesta Regis Ricardi*, composto em latim, para o português. Esse texto possui grande importância histórica, pois é o relato, ou coletânea de relatos, mais completo a respeito da Terceira Cruzada, fornecendo informações detalhadas sobre os mais diversos acontecimentos envolvendo o evento. Embora tenha sido muito estudado em poucos séculos anteriores, ele é em grande parte desconhecido no Brasil, de forma que este trabalho tem por objetivo torná-lo mais acessível, além de aumentar o interesse no grande acervo das obras de documentação histórica produzidas na Idade Média. A edição do *Itinerarium* usada para a realização desse trabalho foi a de William Stubbs (1864), sendo o primeiro volume de sua coleção *Chronicles and Memorials of the Reign of Richard I*.

O objetivo principal desse trabalho era apresentar os fatos mais importantes relacionados à cruzada e que tiveram consequências importantes para o seu resultado final, como explicado na introdução. Assim, foram traduzidos trechos como a conquista da Palestina por Saladino, a convocação da cruzada, o cerco de Acre, que garantiu a base para os cristãos na Palestina, e a batalha de Arsur, que definiu a estratégia empregada por Saladino de destruir as fortalezas e não entrar em conflito abert com os cruzados, ao ver que não poderia derrotá-los como fizera anteriormente em Hattin. Por fim, os trechos escolhidos apresentam como causa da derrota dos cruzados, que, ainda que tivessem vencido a maioria das batalhas e as mais importantes, foram atingidos por fatores como problemas de abastecimento ao se distanciarem da costa, intrigas políticas e a vantagem de Saladino em reunir numerosas tropas a partir de seus domínios vizinhos, enquanto os cruzados dependiam de soldados que deveriam atravessar o Mediterrâneo ou regiões perigosas como os Balcãs e a Ásia Menor. Algumas informações que foram consideradas importantes mas não estiveram presentes diretamente na tradução, em razão da extensão do trabalho, foram discutidos no capítulo a respeito da história da Terceira Cruzada, como os conflitos nos quais Ricardo se envolveu na Sicília, ou o assassinato de Conrado de Montferrat, por exemplo. Esse conteúdo foi foi acompanhado de citações e informações retirados de obras compostas por historiadores para complementar a análise histórica do acontecimento.

Nos capítulos seguintes, foram tratadas questões a respeito do próprio texto do *Itinerarium*, trazendo informações importantes a respeito de sua nebulosa autoria, que provavelmente não fora feita de uma vez por um mesmo autor, mas era um compilado de textos

e relatos reescritos em latim por Ricardo da Santíssima Trindade de Londres, e dos manuscritos existentes atualmente, a partir das informações trazidas por Stubbs (1864) e Nicholson (1997). Em seguida, explicamos como a tradução foi feita, e sobre quais pensamentos e metodologias foram empregados, citando especialmente Cícero e Schleiermacher. Um dos principais fatores com relação à tradução A tradução dos nomes contidos no documento foram objeto de especial atenção, como explicado nessa seção, pois diversas vezes foi necessário supor a tradução de muitos nomes para o português, temdo por base a forma latinizada encontrada no *Itinerarium* e usando como modelo a forma traduzida por Nicholson (1997), pois muitos nomes não possuíam traduções, ou eram nomes completamente diferentes do que era fornecido pelo *Itinerarium*, de modo que utilizá-los não seria um ato tradutório.

Acreditamos que, com a tradução dos textos escolhidos e com o fornecimento das informações complementares, o objetivo deste trabalho foi cumprido satisfatoriamente, e esperamos que sirva ao menos como uma simples referência para as pesquisas de textos latinos medievais, principalmente aqueles que se referem à documentação histórica do período.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS :

Obras utilizadas para a tradução :

NICHOLSON, Helen J. *Chronicle of the Third Crusade* : A Translation of the Itinerarium Peregrinorum et Gesta Regis Ricardi, Nova York : Routledge, 1997.

STUBBS, William. *Chronicles and Memorials of the Reign of Richard I*: Itinerarium Peregrinorum et gesta regis Ricardi, auctore, ut videtur, Ricardo canonico Sanctae Trinitatis Londoniensis, London: Longman, 1864.

Referências históricas

BAHA'AL-DIN. In: RICHARDS D.S. *The Rare and Excellent History of Saladin*, Burlington: Ashgate Publishing Company, 2002.

DONNER, Fredd McGraw. *The Early Islamic Conquests*. Reino Unido, 1981.

HOSLER, John D. *The Siege of Acre, 1189–1191*: Saladin, Richard the Lionheart, and the Battle That Decided the Third Crusade. 1. ed. Grã Bretanha : Yale University Press, 2018.

MCAULIFFE, Mary. *Clash of crowns* : William the Conqueror, Richard Lionheart, and Eleanor of Aquitaine: a story of bloodshed, betrayal, and revenge. 1. ed. Reino Unido : Rowman & Littlefield Publishers, Inc., 2012

MICHAUD, Joseph François. *Histoire des Croisades* : Second partie. Paris : Emprimerie de L. G. Michaud, 1814.

_____Tradução, *História das Cruzadas*: Volume Primeiro. Trad. de Pe. Vicente Pedroso. São Paulo : Editora das Américas, 1956.

_____Tradução, *História das Cruzadas*: Volume Terceiro. Trad. de Pe. Vicente Pedroso. São Paulo : Editora das Américas, 1956.

RILEY-SMITH, Jonathan. *The* Crusades : A History. Yale University Press, 2005.

_____Tradução, As *Cruzadas* : Uma História. 1 ed. Campinas : Ecclesiae, 2019.

_____ . *The Oxford History of the Crusades*. Nova York: Oxford University Press, 1999.

RUNCIMAN, Steven. *A History of the Crusades, Vol. III*: The Kingdom of Acre and the Later Crusades. Cambridge University Press, 1987.

_____Tradução, *História das Cruzadas* : O Reino de Acre e as Últimas Cruzadas. Rio de Janeiro : Imago, 2003.

Figuras

NICHOLSON, Helen J. *Chronicle of the Third Crusade* : A Translation of the Itinerarium Peregrinorum et Gesta Regis Ricardi, Nova York : Routledge, 1997. p 24; 72; 140-141.

MS Ff.1.25.4. Disponível em : https:/Ncudl.lib.cam.ac.uk/view/MS-FF-00001-00025-00004/3. Acesso em 31/03/2020.